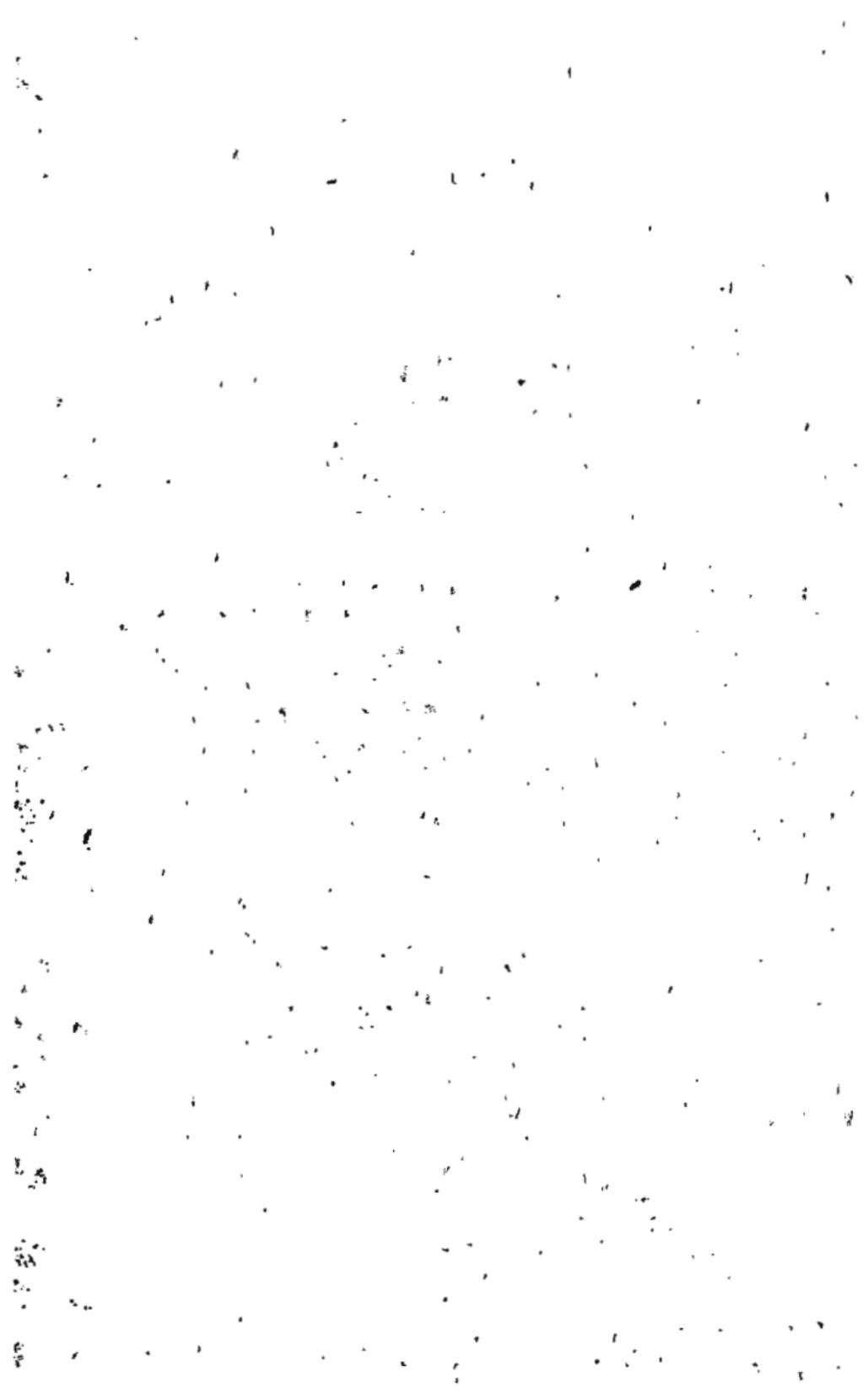


CARTAS DO IMPERADOR  
D. PEDRO II  
AO  
BARÃO DE COTEGIPE

---







## Introdução

**N**ESTE volume são dadas á estampa as cartas que Pedro II escreveu ao Barão de Cotegipe, quando ministro da fazenda e da marinha no gabinete da conciliação, em 1855 - 1856 ; da marinha e de estrangeiros no gabinete Itaborahy, em 1868 - 1870 ; da fazenda no gabinete Caxias - Cotegipe, em 1875 - 1876 ; de estrangeiros e presidente do conselho, em 1885 - 1886.

Falta ás cartas do Imperador qualquer deleite literario. O estylo é burocratico, desataviado, descuidado. Carecem de tudo : do meneio de redacção á pontuação. Bilhetes redigidos sobre o joelho, na linguagem telegraphica de um chefe occupado, não apresentam o menor lavor esthetico. E' até notavel que escrevendo tanto e tão a miude a seus ministros, certo de que suas cartas viriam a ser documentação para a historia, não desse a seus pensamentos uma forma menos terra a terra e . . . menos confusa.

Valem muito, porém, estas epistolas pelo seu quilate historico e autobiographico.

Se o Imperador tinha algum recato e admittia e respeitava restricções á sua acção em materia politica, era um collaborador insistente, constante, exigente, da administração, a reclamar a cada momento, a perguntar a cada instante, a aconselhar a toda hora.

De facto era elle o ministro mais attento ; ministro de todas as pastas e chefe dos demais, no que era

o exercicio normal do governo : - informar, não esquecer, solicitar, providenciar, ordenar. Nesses sectores era desbragado o seu imperialismo de dirigente e censor.

Quando foi a Uruguayana, Ferraz que o acompanhava, e cuja indole ciosa e autoritaria não soffria conformada taes demasias imperiaes, desabafava nesta queixa : - "O ministro desapareceu. O Imperador lança-se a tudo, até aos menores detalhes e tudo atrapalha. Dispõe dos meus officiaes de gabinete, dá ordens por via do Delamare e de qualquer modo..." (Carta de Ferraz a Nabuco, "apud" "Um Estadista do Imperio", Vol. 2.º pag. 259).

Neste volume vamos encontrar ás vezes tres cartas datadas no mesmo dia. Bem se vê de que porte e quantas seriam as instancias e importunações. Cotegipe certa vez escrevia : "S. M. constantemente me quebra a cabeça..."

Tudo occupava a attenção de Pedro II : desde os esgotos dos arsenaes á "boia" dos marinheiros ; das reclamações dos presos aos salarios dos operarios ; da redacção de decretos, notas e instrucções diplomaticas aos relatorios dos ministros. Desdobrava-se a visitar repartições, quartéis, officinas,- collegios ; assistindo exames ; estudando todos os papeis ; aprofundando todos os assumptos. E ainda, deante de seus ministros, se apresentava como o procurador da opposição e o curador dos humildes.

Ferreira Vianna, no exaggero caricatural de uma synthese impressionista, disse que o segundo reinado começara por "quero já" e acabava por "quero tudo".

A correspondencia agora publicada nos dá uma noção de dosagem desse predomínio, alguns rumos,

algumas lindes, o traço, ainda que indeciso, de seus limites, muito menos amplos e extensos, os do poder pessoal "político", do que os do poder pessoal "administrativo": - aquelle disfarçado e cauteloso, tímido e frequente em recuos; este ousado, desembaraçado, imperioso, buscando a sua maior força na isenção e patriotismo das suggestões, diríamos melhor, ordens.

Em summa as cartas de Pedro II nol-o mostram reinando, governando e administrando.

Uma confissão implicita e uma justificação do seu poder "político" deixou na carta de 30 de Setembro de 1869, na qual contestava as preferencias, o "liberalismo", do conde d'Eu, suspeitadas por Paranhos e talvez por Cotegipe. O Principe não tinha predilecções partidarias e reputava todos os partidos amigos das instituições, "o que cumpre, dizia Pedro II, é que a opinião da nação possa sempre livremente manifestar-se; porque então só os loucos deixarão de sujeitar-se a ella".

A vontade nacional não se manifestava "então" livremente; á coroa ficava, pois, a attribuição de auscultal-a e dirigil-a.

O Imperador não queria conformar-se com o papel de automato ou espectador, e os políticos, ciosos de sua autoridade e hostis ao que lhes parecia autocracia, buscavam cercear a acção da corôa. Essa lucta era ostensiva e publica nas recriminações, allusões e objurgatorias de quasi todos quando na opposição, a revidarem os golpes imperiaes, especialmente por occasião das mutações de gabinetes e partidos e das escolhas senatoriaes. Era, porém, um duelo silencioso, minaz e secreto nas resistencias desses mesmos politicos quando governantes. No fundo, pois, as accusações de versatilidade de opiniões, e de corrupção, que

se atiravam reciprocamente conservadores e liberaes, não tinham procedencia. Todos elles atacaram o poder pessoal, quando fóra do governo. Todos elles, ainda que a discreção e o sigillo das posições deixasse germinar a suspeita de cúmplices ou submissos ao throno, resistiram ao Imperador, quando ministros. Havia, de certo, transigencias e contradicções, mas não só dos politicos como do proprio Imperador: contemporizações que eram avanços e recuos da pugna, na qual, é de vêr, sempre levou a melhor a coroa, a cuja vontade aqui ou alli modificada ou limitada, coube afinal orientar a administração, decidir com arbitrio da vez de cada partido, influir decisivamente na formação e queda dos gabinetes, traçar as linhas mestras da politica externa, agitar e encaminhar as realizações sociaes na politica interna. "E' a opinião da corôa que sempre prevalece neste paiz" — dizia o Visconde de Ouro Preto na sessão de 30 de Julho de 1875 do Centro Liberal.

Ha exemplos nas cartas que se seguem e nas notas que as acompanham da opposição dos ministros e das limitações levantadas aos designios imperiaes. Em mais de um episodio da guerra do Paraguay, da questão religiosa e da abolição — essas tres questões reservadas á coroa, segundo a phrase de Joaquim Nabuco — os gabinetes agiram contra a opinião do Imperador ou a despeito della. Nem todos os ministros iam aos extremos de José de Alencar, que roçava o seu zelo ministerial pela desatenção pessoal, mas quasi todos opinavam com desassombrada franqueza e sabiam vencer, ainda que nem sempre convencer, o Imperador.

Alem destes aspectos e particularidades do exercicio do poder pessoal e da sobrançeria ou energia dos

ministros, estas cartas nos revelam episodios ineditos, ou minucias de outros : — o regresso de Caxias, dando a guerra do Paraguay por finda ; a nomeação do Conde d'Eu para o commando do exercito ; os desanimos deste principe, alguns incidentes devidos á sua inexperiencia de jovem e as suas relações nem sempre pacificas com Rio Branco — enviado extraordinario, e Muritiba — ministro da guerra ; os desejos do Conde d'Eu de desembarcar no Rio de Janeiro á frente de uma legião de 5.000 a 6.000 voluntarios ; certos assomos de indisciplina militar e alguns incidentes entre generaes e "casacas" ; episodios e intrigas diplomaticas do após-guerra ; aspectos das tendencias e divergencias da Argentina na liquidação da guerra e na conclusão da paz ; a especie de paixão politica do Imperador por Paranhos desde a formação do gabinete Itaborahy : — insistencia, por assim dizer, terna de confiança, em que ressuma o arrependimento da grande injustiça antes irrogada áquelle estadista ; a orientação pessoal do Imperador no fim e liquidação da guerra do Paraguay ; a sua reacção anti-clerical, promovendo a secularização dos conventos, a extincção dos noviçados, o casamento civil, a separação da Igreja e do Estado, meios coercitivos ás exorbitancias do clero ; as suas tendencias ao ensino leigo ; sua irritação contra os bispos, causadores da questão religiosa ; sua acção infiltrante pela abolição.

E com isso vivos traços da psychologia, já de Pedro II e Cotegipe, já de Caxias e Osorio, Mítre e Conde d'Eu, Rio Branco e Mauá e D. Antonio Macedo Costa...

Emquanto não forem publicadas as notas quasi diarias do Imperador, os protocollos que fazia de muitos dos incidentes da politica nacional, as impressões

que redigiu como uma especie de rascunho de suas memorias e as cartas que recebeu daquelles que governaram o paiz — documentos que ainda guarda o archivo d'Eu — não são admissiveis definitivos julgamentos sobre o segundo reinado.

Os papeis ineditos dos reis e dos homens de estado reservam sempre novidades e surpresas. Já algumas traz, nas suas paginas, este livro, d'ora avante indispensavel a quantos se interessem pela historia do Brasil Imperio.

W: P.



D. Pedro II em 1855.



1855

Sñr Wanderley

Vai assignado o edcreto do credito, mas porque se marcou menos do que pede o director da Casa da Moeda mais do que pede o da Typographia Nacional? Que gratificação a empregados de Moeda não forão incluidas no credito anterior?

D. Pedro 2.º

Annexo, com letra do Barão de Cotegipe :

## Casa da Moeda

Credito . . . . .	111:600\$000
Despesa . . . . .	92:287\$256
Receita. . . . .	19:312\$744
Pedido . . . . .	22:000\$000
Vem a ficar para o exercicio . . . . .	41:312\$744
O Provedor pede . . . . .	41:000\$000
Typographia Nacional	
Pede o Administrador . . . . .	20:000\$000
O credito dá . . . . .	22:000\$000
A differença é de . . . . .	2:000\$000

Sñr Wanderley

Remetto-lhe incluso o requerimento do Snr André que pretende introduzir no Brasil a criação de sanguesugas. Segundo um artigo do Courrier de la Gironde foi concedido um premio a M. M. Behade por terem concorrido para esse melhoramento perto de Bordeaux. Similhante industria já occupa 5.000 hectares de terras e rende 40 milhões de francos.

D. Pedro 2.º

★ ★

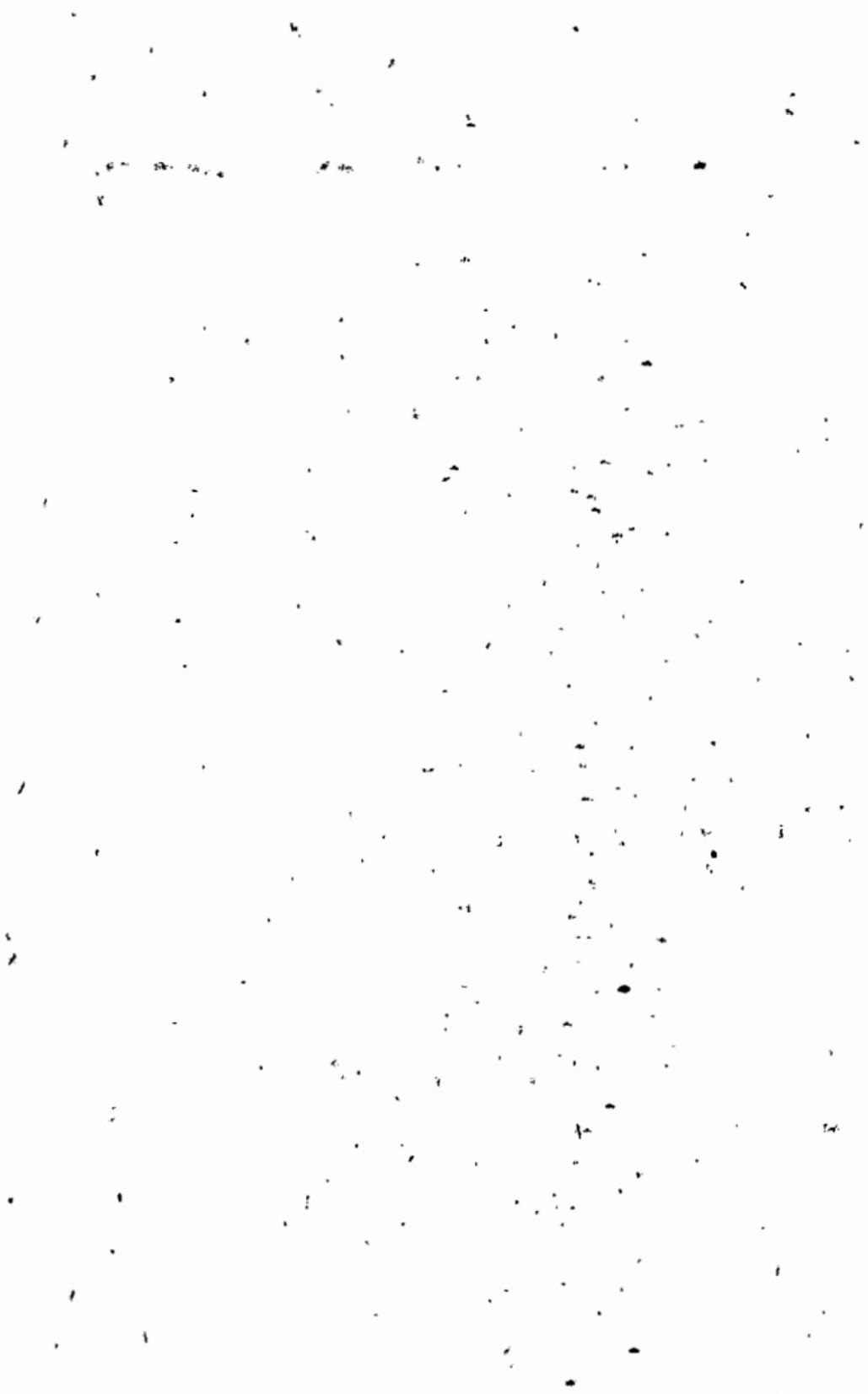
Sñr Wanderley

Consta-me que tem havido casos da molestia reinante em Villegaignon, depois dos que me referiu, e que ainda a noite passada morrêu um Imperial Marinheiro, com todos os symptomas do cholera, segundo a opinião do chirurgião, que lá está, em visita á gente da Fortaleza, não seria pois bem avisado remover os Corpos que ahí se achão para outro lugar, ou repartir as suas praças pelos navios?

D. Pedro 2.º



**O Barão de Cotegipe em 1855.**



1856

**Sñr Wanderley**

Porque foi demittido o Varginha de G. da Alfandega? E' provavel que merecesse a demissão; mas a occasião talvez não fosse opportuna.

**D. Pedro 2.º****20 Nov.º 1856**

A demissão era merecida, mas se attribua a perseguição politica por ter se tornado o guarda um galopim eleitoral contra o governo. Cotegipe, então ministro da Fazenda, respondeu á carta de Pedro II explicando como, além de justa, a demissão foi opportuna.

★ ★

**Sñr Wanderley**

Acaba de estar commigo o Salles Torres Homem, e desejo saber o que se passou hoje no tribunal do thesouro e qual o processo que se tem seguido a respeito das promoções no thesouro.

**D. Pedro 2.º****20 de Dezembro 1856**

Era Wanderley, Barão de Cotegipe, ministro da fazenda no gabinete Paraná — conciliação, após a morte do Marquez

de Paraná. Em plena sessão do tribunal do thesouro, Salles Torres Homem, conselheiro desse tribunal e director de rendas, tomou da palavra, colerico, e disse extranhar varias nomeações de empregados para sua directoria, sem ser elle ouvido, pois era o mais habilitado para dar informações. Cotegipe, que presidia a sessão, perguntou a quem se dirigia, sendo-lhe respondido que a elle Cotegipe. O ministro da fazenda então replicou que fizera muito mal de escolher aquella sessão para fazer suas observações, e muito mais por aquella forma, com acrimonia e falta de respeito; isso extranhava elle Wanderley. Retorqui Salles Torres Homem sobre a palavra extranhar, empregada por Wanderley, ao que este disse empregal-a como seu superior. Salles Torres Homem tornou a dizer que rejeitava a extranheza e o ministro, pondo termo á questão que visava um desforço pessoal, calou-se, para relatar o facto a Caxias, então presidente do conselho, e propôr a demissão de Salles Torres Homem ou a d'elle Wanderley, pois não podia servir com aquelle empregado. Salles Torres Homem foi logo procurar o Imperador que pediu, pela carta aqui annotada, informações. Wanderley as deu por carta narrando o facto. Caxias procurou o Imperador que não hesitou em demittir Salles Torres Homem, permanecendo Wanderley no ministério.

1868

Sñr Cotegipe

Acaba de chegar o vapor de Marselha.  
Mande-me os officios de interesse que  
houver recebido de Paris e de Londres.

D. Pedro 2.º

9 de Março de 1868

★ ★

Sñr Cotegipe

Se puder mande-me os officios mais in-  
teressantes que tem recebido da esquadra.

D. Pedro 2.º

7 de Agosto de 1868

★ ★

Sñr Cotegipe

Muito me commoveu a narração dos sof-  
frimentos do Coelho e do Arouca prisioneiros  
do vapor "Marquez d'Olinda". Elles pedem :  
o primeiro adeantamento de classe, e o se-  
gundo alguma graduação militar ; e licença  
para ir ver sua mãe na Bahia, e, provavel-

mente, também passagem. Disse-lhes que o procurassem. Escuso recommendal-os.

Disserão-me que tinham feito depoimento, que veio, perante o almirante. Desejaria lê-lo se não fôr assim demorar sua publicação no *Diario Official*.

D. Pedro 2.º

17 de 7bro de 1868

Clião Arouca e João Coelho de Almeida foram feitos prisioneiros de Lopez, a bordo do vapor "Marquez de Olinda", em 1865. Soffreram immensas torturas até 19 de Agosto de 1868, quando foram libertados. Aportaram ao Rio a 15 de Setembro de 1868, no vapor "Marcilio Dias". A narrativa minuciosa de seus soffrimentos se encontra no livro de Lemos Britto: "Guerra do Paraguay" Bahia, 1907.

★ ★

Sñr Cotegipe

Li com toda a attenção a correspondencia entre Benitez e Washburn. Este não me merece nenhum conceito, e seria capaz de comprometter as victimas de Lopes na conspiração, pensando que por elle adquiririão os Estados Unidos preponderancia no Paraguay; mas as cartas do Caxias de que fallaram Berges e Carreras segundo o Benitez? Caxias nada disse a tal respeito, e portanto creio que é quasi tudo invenção do governo do Paraguay, sobretudo se Berges e Carreras forão mortos.

A idéa do Pereira Pinto sobre o reboque parece-me que concorrerá para irregularidade

do serviço do correio que é de tamanha importância.

Que teve da Bahia?

D. Pedro 2.º

1 d'Outubro de 1868

"A Canhoneira Americana subio já a doze dias, e ainda não voltou. Está me parccendo que a molestia da Sra. Washburn se terá aggravado, ou que esteja ella tão proxima a dar á luz, que agora não julgue o seu carinhoso esposo que a deve expôr aos abalos de uma viagem. E' necessario que depois venha o necessario tempo de resguardo, o perigoso periodo da denticção e quem sabe se o Snr. Washburn não se resolverá agora sahir do Paraguay somente depois de baptisado o herdeiro de suas virtudes? O que é verdade é que a Canhoneira Americana ainda não voltou, que o Snr. Gould está a bordo da Linnetz, e que as Canhoneiras Franceza, Portugueza e Italiana tambem já cá se achão aborrecendo-me, e eu disposto a não as deixar subir, senão depois que tiver atacado a Villeta, e marchado para Assumpção". (Carta de Caxias a Paranhos, Villa Franca, 10 de Setembro de 1868).

Sobre Washburn vêr os Relatórios de Extranjeros de 1867 a 1870.

Vêr a descripção do supplicio de Carreras em "*El Mariscal Francisco Solano Lopez*" — Publicacion de la Junta Patriotica, 1926, pag. 322.

Sobre Berges, idem, pags. 207 e 327.

Washburn escreveu: "C. A. A. History of Paraguay," 2 Volumes, New York, 1871.

Pereira Pinto era Commandante da Divisão Naval em Montevidéo.

Sñr Cotegipe

Muito me encommoda a demora das operações, que aliás hade ter sido motivada. Esperava que o exercito se achasse a 28 em Assumpção.

Foi o "Marcilio Dias" ou o "Gerente" que trouxe os officios? Annunciação o "Presidente". Que noticias ha do monitorzinho "Sta. Catharina"?

D. Pedro 2.º

13 d'Out<sup>bro</sup> de 1868

A ansiedade pela precipitação dos combates e consequente fim da campanha tomava então todos os espiritos.

Em data de 30 de Outubro de 1868 escrevia Cotegipe a Inhaúma :

"Accuso o recebimento de sua presada carta de 12 do corrente ainda datada de Palmas, quando já a esperava de Assumpção, prova de que não ha calculos provaveis para a guerra feita nesse paiz desconhecido. Segundo as informações e planos parece-me que a posição occupada pelo inimigo é inatacavel de frente, procurando-se por isso flanqueal-o pela sua direita. A operação é difficil e arriscada, tendo-se de atravessar duas vezes um caudaloso rio, e a segunda provavelmente encontrando-se o inimigo preparado a receber-nos.

Não podemos, porem, ficar immoveis, e é natural que os *mestres d'arte* superem todos os obstaculos, e descarreguem o derradeiro golpe na féra que perseguimos. O espirito publico está de tal sorte ancioso pela conclusão desta guerra, que ao menor embaraço cahe numa especie de prostração, que deve merecer-nos attenção. Calcule V.Ex. por ahi, qual será a nossa

anciedade, desejando um prompto desfecho, e temendo algum *échec*, que nos poria em apertos para levantar novos contingentes, tendo por deante o *patriotismo*, que deprime e desacredita as nossas proprias victorias. V. Ex. porem mostra-se tão animado e tranquillo, que os meus receios não passarão de simples receios”.

★ ★

### Sñr Cotegipe

Os 4 encouraçados só podem auxiliar a tomada de Angustura e de Villeta, e destruir algum vapor inimigo. Não podião conduzir tropa forçando a fortificação, e só o farão talvez repassando a do “Chaco” para a margem esquerda.

A participação do Caxias do dia 2 dá esperanças de proxima occupação de “Assumpção”. Já hade ter lido o boletim do exercito trazido pelo “Izabel”.

D. Pedro 2.º

14 d'Out<sup>bre</sup> de 1868

★ ★

### Sñr Cotegipe

Os movimentos das canhoneiras neutras por junto dos nossos navios sempre me incommodaram, e é preciso recommendar ao almirante de accordo com as instrucções que já se mandaram, que tenha toda a necessaria vigilancia. 7 encouraçados acima de Angustura acho poucos para dominarem o rio, e,

se este acha-se tão baixo, como subiu o "Lima-Barros" de tanto calado?

Creio que ha conveniencia em publicar algumas das communicações.

D. Pedro 2.º

26 d'outubro de 1868

Varias nações mandaram navios de guerra para o Paraguay, alguns dos quaes prestaram serviços a Lopez. As canhoneiras italianas "Ardita" e "Veloce" e a franceza "Decidée" conduziram do Paraguay valores postos por Lopes á disposição da sua amante Lynch. O commandante da canhoneira ingleza "Bacon" prestou uteis serviços a Mac-Mahon, alliado-espião de Lopez.

"As idas e vindas das canhoneiras estrangeiras excedem os limites da tolerancia ; animam o inimigo, e cobrem a fuga de Lopez, hypothese realisavel segundo o que V.Ex. diz-me do Consul Francez. Correndo esse negocio pelo Commando em Chefe, que recebe instrucções dos Ministerios dos Extranjeiros e Guerra, nada tenho que dizer a V Ex, senão que as siga, não tomando sobre si responsabilidade alguma, mas exigindo instrucções em caso de duvida. Na minha opinião o Consul não tem privilegio diplomatico, para que sua residencia possa servir de abrigo. Não succede assim com um navio de guerra, e pois quanto mais longe fique este de Lopez, tanto melhor." (Carta de Cotegipe a Inhaúma, 30 de Outubro de 1868).

Com data de 9 de Setembro de 1868 Pedro II escrevia a Muritiba : "Snr Muritiba, — A noticia da fugida de Lopez para fóra do Paraguay, se não foi a bordo do *Wasp*, que deixamos passar, será boa noticia, embora não se possa já dar a guerra por concluida, pois a influencia de Lopez pode vir ainda durar algum tempo."

E no dia seguinte, 10 de Setembro ; "Snr Muritiba. — Tenho pensado muito desde a noticia de hontem no vapor *Wasp*. Sabe que elle não subio por meu parecer ; mas se se desconfiar que elle conduz a Lopez, não temos direito de visitar esse navio, que subiu unicamente para conduzir a missão de sua Nação, e apoderar-nos de Lopez ? Bem conhece qual minha opinião sobre o aprisionamento deste, que devemos soltar com a condição de ir para a Europa, caso cáia em nosso poder ; mas se elle fugir em navio neutro e sobretudo tendo o Brasil concorrido embora indirectamente para isso, entendo que algum desaire nos ficará, além das interpretações que tal successo originará".

Vêr Visconde de Taunay, "Diario do Exercito", Vol. I, (A Campanha da Cordilheira) pags. 28, 37, 39, 44 ; e vol. II (De Campo Grande a Aquidaban), pags. 127 e 177 ; "El Mariscal Francisco Solano Lopez", Assumpção, 1926.

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Nada recebi ainda do Paranhos. Talvez o "Vassimon" traga noticias importantes. Deve estar cá de 10 por deante.

D. Pedro 2.º

4 de 9bro de 1868

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Desejarei vêr hoje o que Almirante escreveu pelo Vassimon. Basta que esteja aqui o que me enviar depois da conferencia.

D. Pedro 2.º

27 de 9bro de 1868

★ ★

Sñr Cotegipe

O Commandante da Vital de Olivera consta-me que tem pouca vontade de ir cruzar e se (?) de demissão creio que não é medida disciplinar.

O Sr sabe como Faria (?) procedeu no Uruguay. E' bom marinheiro ; mas se, para exemplo, pudesse ficar algum tempo sem comissões, julgo que seria isto util ao bem do serviço.

D. Pedro 2.º

17 de 10bro de 1868

★ ★

Sñr Cotegipe

As noticias são excellentes, e folgo de vêr que desapareceram os descontentamentos do Inhauma, que completará a obra se não se lembrar de defeitos que todos tem mais ou menos aproveitando as boas qualidades dos officiaes sob seu commando.

Quanto ao fim da guerra já tenho dicto o que penso estando certo de que o Caxias á testa do exercito enthusiasmado pelos recentes feitos se apressará em livrar o Paraguay de Lopes vencendo os ultimos obstaculos que restam.

Não foi bom que se bombardeasse a alfandega de Assumpção, e não se desse caça ao vapor "Pirabebé".

**Sinto a morte do Neto de Mendonça que era official brioso.**

**D. Pedro 2.º**

**24 de 10bro de 1868**

“Recebi a carta de V.Ex. com data de 13 do corrente. Congratulo-me com V.Ex. pelos ultimos feitos do Exercito e Armada, os quaes nos fazem esperar o proximo desfecho desta prolongada lucta. Os sacrificios que nos custarão os combates de 6 e 11, bem que dolorosos, ficam compensados pela gloria adquirida, e pelos resultados que a esta hora devemos ter concluido. Os serviços prestados nesta occasião pela Esquadra a mando de V.Ex. foram os mais efficazes, e dignos de louvor; sem a actividade, ordem e coragem empregados pelos seus commandados, a operação da passagem do Exercito poder-nos-ia ser fatal, e fazer-nos perder o fructo de todas as vantagens anteriormente adquiridas. Fiquei, pois, muito satisfeito, e dou a V.Ex. meus cordeaes parabens. Muito me alegrou o ver que se tem restabelecido a confiança entre V.Ex. e o Commandante em Chefe. Em face do inimigo a emulação de bem servir devia de, por força, produzir esse resultado. A perda de tantos officiaes distinctos demonstra o risco que corremos e torna mais digno de apreço o resultado obtido pelos brasileiros — exclusivamente. E’ de suppor que á final estejamos em Assumpção, e que em breve possa V.Ex. voltar á Patria, onde o esperam anciosos Familia e amigos.

Senti a morte do Netto, tanto mais quanto o Irmão chegado da Bolivia aqui se acha. E’ a sorte da Guerra; todos estão sujeitos a tel-a igual”. (Carta de Cotegipe a Inhaúma, 30 de Dezembro de 1868).

“Recebi com prazer maior, que o costumado, a carta de 29 do corrente com o supplemento de 30 do passado, em que

V.Ex. communica-me os successos ultimos até á queda d'Augustura. Taes successos teem sido devidamente apreciados e admirados por todos, sendo que em vista das difficuldades vencidas, e dos meios de resistencia, que apresentou o inimigo, faz-se hoje plena justiça aos generaes arguidos de morosos ou timidos nas operações. O papel da Esquadra, embora não fosse na apparencia tão brilhante, quanto o do Exercito foi importantissimo. Sem ella, sem seus esforços, actividade, abnegação nada se conseguiria. Receba pois V.Ex. como seu digno chefe, mais uma vez minhas cordeaes congratulações, e o tributo de minha admiração. Até que afinal vemos o termo de tão prolongada lucta! Guerra de tempos barbaros, em que uma nação digna de melhor sorte fica aniquilada pelo capricho de um tyranno, e outra em grande abatimento! Só os nossos aliados crescerão e prosperarão, á custa de nosso sangue e suor! Altos juizos de Deus!... O que é, porem, feito de Lopez e da Nação Paraguaya? Tentará elle resistir, como um quilombola, sacrificando o resto de seus compatriotas? Sei que nossas forças achão-se em Assumpção. Se eu anhelava a entrada dellas na Capital inimiga, não era pela vangloria de vel-as occupar ruas desertas, mas porque isto provava que tinham sido vencidos os obstaculos, que se antipunhão á nossa marcha.

Devemos ter já dado a nossos concidadãos de Matto Grosso o prazer de verem a bandeira nacional, signal da sua redempção”.

(Carta de Cotegipe a Inhaúma, 15 de Janeiro de 1869).

1869

Sñr Cotegipe

As noticias ainda esta semana se completarão. São excellentes.

Não são poucas as providencias que o Sñr tem de tomar de accordo com o Muritiba. Como chegaram Fiuza e Guimarães?

Espero que o Almirante tenha já achado bastante a lição dada ao Gonçalves, que apesar de seus defeitos é official de muito prestimo.

D. Pedro 2.º

6 de Janeiro de 1869

"Congratulo-me com V.Ex. pelo final do anno de 1868. Em qualquer paiz do mundo os feitos de Dezembro (Lomas Valentinas e Itororó) são dignos de paginas da historia. Honra aos nossos bravos de mar e terra, que nos teem dado os mais bellos exemplos de patriotismo e abnegação. Agora sim, creio que tudo se concluirá; mas a guerra da paz?"

Tão gratas noticias causarão immenso enthusiasmo, e influirão logo sobre o estado interno. O cambio subio; a opposição rio-se com riso amarelló; deo tregoa á diffamação aos nossos generaes (por ella propria escolhidos); emfim ha mais animação em tudo e em todos" (Carta de Cotegipe a Inhaúma, 8 de Janeiro de 1869).

"O pobre Fiuza não resistiu á enfermidade! Coitado! Um dos meus maiores sentimentos é que elle morresse sem

ter tido reparação da preterição que soffreu. E como V. Ex. diz — a furia de promoção tem matado alguns dignos de melhor sorte. Essa mesma emulação é louvavel” (Carta de Cotegipe a Inhaúma, 8 de Janeiro de 1869).

“Aqui acha-se o Gonçalves querendo regressar á esquadra ; é natural que siga apesar de ter-lhe eu dito que não podia afiançar-lhe commando. O que lhe tenho notado é uma idéa de si tão elevada, que nunca ha de se dar por contente” (Carta de Cotegipe a Inhaúma, 30 de Outubro de 1868).

“Ahi vae o Gonçalves a quem dei uma carta para V.Ex. Sei que não será muito do seu agrado, mas esse moço tem merito ; e estando em posição esquerda, depois das questões que teve (sem razão) com meu antecessor, entendi dever proporcionar-lhe occasião de lavar a nota, que tem em seus apontamentos. Deus queira que elle assim o comprehenda, e que não cuide em dar pasto ao seu amor proprio. Queria que eu lhe desse commando, mas desenganei-o, deixando isso á deliberação de V.Ex.” (Carta de Cotegipe a Inhaúma, 10 de Novembro de 1868)

“A chegada do Gonçalves ha de fazer com que V.Ex. altere o seu proposito, pois não se pode deixar de confiar a elle um novo commando”. (Carta de Cotegipe a Inhaúma, 30 de Novembro de 1868)

“Noto que muito se afflige com a presença do Gonçalves, e em consequencia o mandou servir de enfermeiro. *Tantae ne animis coelestibus irae ?*

Releve, como eu relevei, as creanças, e aproveite o que ha de bom no rapaz. Sei que não falta coragem á nossa officialidade, e louvo os ciumes — que tem por base o desejo de distinguir-se ; mas no caso de V.Ex. — depois de tel-o lecionado, eu lhe teria dado o posto mais arriscado. V.Ex.

está mui alto collocado — para resentir-se ou dar importancia a indiscretos. Ha ás vezes em torno de nós quem tenha interesse em exagerar, e mesmo inventar". (Carta de Cotegique a Inhaúma, 14 de Dezembro de 1868)

"Fico sciente das alterações que fez V.Ex. nos commandos de navios. Porque não emprega o Gonçalves ? Para demonstrar-lhe sua reprovação parece que basta". (Carta de Cotegique a Inhaúma, 30 de Dezembro de 1868)

"Vi com prazer que nossas idéas a respeito do *Gonçalves* encontraram-se. V.Ex. fez, antes de receber a minha carta, aquillo que eu lhe dizia que faria em seu lugar". (Carta de Cotegique a Inhaúma, 8 de Janeiro de 1869)

"Pela leitura da minha de 28 daquelle (Abril) observaria que eu tambem estava preocupado com o exito da expedição do Manduvirá ; e que previ tudo quanto occorreu. O Gonçalves, porem, mostrou um tino admiravel, e desconcertou todos os planos do inimigo. Estimo este resultado por todos os lados, e tambem porque V.Ex. ficou formando o justo conceito que merece aquelle official. Aproveite-o que elle será um dos melhores officiaes de V.Ex., não obstante sua presumpção de moço, de algum modo fundada". (Carta de Cotegique a Elizario 15 de Maio de 1869).

## PARA O MINISTRO DA MARINHA

Os medicos receitaram o numero constante de meias garrafas de cerveja, e o officio do Dr. João Ribeiro d'Almeida explica perfeitamente a necessidade de maior emprego dessa bebida. Não ha o menor motivo para desconfiar da honra de facultativos que tanto

zelo tem mostrado, como eu mesmo até certo ponto pude verificar, e portanto só restaria examinar se forão ou não extraviadas meias garrafas de cerveja; mas o numero de 707 passadas para o actual exercicio financeiro parece desfazer essa suspeita, e apenas indicar que poderia ter sido receitada menor quantidade de cerveja no trimestre de Abril, Maio e Junho.

Eis o que penso e quando o Sr entender que nada ha mais que indagar julgo que devem publicar-se as informações.

6 de Janeiro de 1869

O Dr. João Ribeiro de Almeida foi nomeado depois, cirurgião mór de divisão (vêr a ordem do dia do conde d'Eu de 17 de Abril de 1869, publicada em annexo á "*Campanha da Cordilheira*" de Taunay).

★ ★

Sñr Cotegipe

Espero que brevemente saibamos o feliz complemento das noticias agora recebidas.

D. Pedro 2.º

20 de Janeiro de 1869

MARINHA

Concordo com o parecer da secção.

Estive no quartel dos Fuzileiros Navaes.

Os generos do rancho erão muito ruins. Disserão-me que assim vinhão da Intendencia.

---

Nicoláo Mendes está preso ha mais de anno no xadrez desse quartel ; porque não se sabe se é livre ou escravo.

---

Desejo informação sobre o José Benjamin Patacóro da Silva. Diz que não é elle o verdadeiro criminoso ; mas outro que já está preso.

20 de Janeiro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Esperando encontral-o na volta do Arsenal tinha escripto a lapis as observações que remetto com os officios e carta.

Inclino-me a pensar que a força não tem d'ora em diante muito que fazer ; mas é bom estar sempre acautelado.

D. Pedro 2.º

25 de Janeiro de 1869

Lopez ainda pode manter-se no interior do Paraguay, e cada dia que nos demorarmos em tomar as providencias necessarias para que elle se renda ou desampare o Paraguay maior trabalho nos dará para se alcançar isto. A diplomacia só o obterá, se o obtiver, reve-

lando a nossa fraqueza, e eu não posso considerar a guerra terminada com menoscabo de nossa honra sobretudo quando creio que persistindo se conseguirá o fim da guerra como todos desejamos.

Não devemos descuidar-nos das margens do Paraguay ; para o que é preciso ter lá navios com artilheria de força, e receio que depois da volta de expedição do Barão da Passagem os pequenos vapores, que ainda tinha Lopez, houvessem sahido do Manduvirá. Já escrevi ao Paranhos e ao Muritiba sobre a licença pedida pelo Caxias cuja presença ainda é indispensavel no theatro da guerra.

Não creio que elle em ordem do dia declarasse a guerra terminada, como o li no boletim do "Diario do Rio".

25 de Janeiro de 1869

A seguinte carta de Pedro II a Muritiba, datada de 25 de Janeiro de 1869, completa o memorandum dirigido a Cote-gipe : "Sr. Muritiba — O Caxias dá a guerra, a parte principal della, pelo menos, por acabada, na Ordem do dia que reenvio ; mas segundo desconfio, e Deus queira me engane, o Lopez quer manter-se no interior e aguardar os successos, e quanto mais tempo elle alli puder conservar-se, maiores serão os nossos sacrificios. Evital-os quanto antes não é facil, sobretudo se o Caxias não permanecer á testa do Exército, e por isso depois de tudo que tenho meditado, ainda mais insisto (pouco legivel) na opinião que já manifestei.

Não creio que elle passasse o commando a Guilherme Xavier de Souza, que chegou a Assumpção no dia 14. Elle

aguardará a deliberação do Governo, e tudo caminhará bem como até aqui, graças principalmente ao Caxias.

O Coronel Rufino Galvão disse-me que o Caxias pensa que toca á diplomacia acabar agora com o resto do dominio de Lopez. Mas como, sem ficar provado que pela força não o podemos conseguir ? E se elle apenas se refere a medidas que auxiliem o emprego da força, a quem cumpre pôr o remate da acção desta senão a elle ? Estou certo de que o Caxias não ha de ter esquecido Lopez, embora nada colhesse a tal respeito de minha conversa com Rufino Galvão e o Lima e Silva, apenas tendo aquelle dito que foram forças para Luque, e este que talvez ellas sirvam para perseguir Lopez..."

E est'outra datada de 26 de Janeiro : "Sr. Muritiba... Tomara que o Caxias não se houvesse enganado fazendo a declaração de que tinha a guerra chegado a seu termo, e não se criem esperanças cuja desillusão seja muito penosa.

Leio no "Jornal do Commercio" que o Caxias passou o commando ao Guilherme Xavier de Sousa, que apenas foi para substituí-lo em hypothese que felizmente não se realisou ; mas espero que o Caxias não voltará por hora ao Brasil, aguardando a resolução do Governo.

Faço estas reflexões unicamente pelos motivos que julgo tornam ainda indispensavel o cumprimento effectivo do Caxias.

Meus votos são os mais ardentes pela prompta terminação da guerra do modo que ella acabará certamente e ninguem deseja mais do que eu que todos os meus receios sejam infundados e possamos quanto antes começar a campanha da paz coroada pela victoria das medidas que entendo reclama o bem da nação".

Já na carta de 24 de Dezembro de 1869 alludia o Imperador ao seu firme conceito sobre o fim da guerra, Neste me-

morandum ratifica a sua opinião, e a repugnancia a qualquer solução diplomatica para o conflicto. Em sua correspondencia anterior fôra sempre a mesma essa linguagem: "com Lopez não trataremos e com outro só conforme os fins da guerra que faremos, embora sem alliados. Cumpre que saibam isso lá bem claramente. . . . . E' preciso que a linguagem do Octaviano e dos nossos generaes não revele que precisamos dos alliados e da sua força moral, sem contudo offendel-os" (Carta a Saraiva, 20 de Julho de 1866); "noto que o Octaviano fala d'instrucções secretas ao Ozorio a respeito das condições *si ne qua non* da cessassão do emprego da força. Os nossos alliados devem saber do nosso proposito, mesmo para que depois não haja hesitação de nossos generaes deante das difficuldades. Receio muito da diplomacia em certos casos" (Carta a Saraiva, 28 de Dezembro de 1865); "é preciso que elle (Caxias) se convença bem da firmeza da resolução do Governo, e no caso de poder operar sem o Mitre, o faça para conseguirmos o que nossa honra exige, ou a derrota de Lopez numa batalha ou o seu rendimento sem condições... Tenho muito medo da diplomacia e do Mitre" (Carta a Paranaguá, 12 de Janeiro de 1867); "todos devem concorrer para o fim patriotico de concluir a guerra como só posso admittir que termine, com honra para o Brasil" (Carta a Paranaguá, 16 de Setembro de 1867, in Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo Especial, Centenario de Pedro II).

Em carta a Paranhos o Imperador tambem diria: "Lopez ha de ser capturado ou expellido do territorio paraguayoso brevemente, e sem a menor quebra da dignidade da nossa Patria" (1.º de Fevereiro de 1869, in B. Mossé, "D. Pedro II").

Tenaz e invariavel, manteve até ao fim esse objectivo, sem vacillações. Era preciso destruir por uma vez toda a influencia de Lopez. A guerra era de exterminio contra esse

barbaro tyranno, perturbador da paz do continente e terrivel inimigo do Brasil. Noutras cartas a Cotegipe (4 de Fevereiro de 1869, 13 de Fevereiro de 1870, 2 de Março de 1870...) insiste nessa opinião.

O ministerio obedecia á mesma orientação.

Vencidas as grandes batalhas, Caxias considerava, todavia, como militar, que a guerra estava ganha e a campanha acabada. Lamentaria em seu intimo não poder negociar com Lopez uma rendição, geradora de paz. Já em carta datada de Humaytá, a 15 de Agosto de 1868, dizia o grande duque, então marquez, a Paranhos :

“E’ minha opinião que, depois da jornada de Tebiquary, seja o que fôr o resultado, já nos não fica mal tratar de paz, por isso julgo que ella se poderá fazer honrosamente para nós. Lopez está quasi sem exercito, e marinha, perdeu já nesta guerra mais de trezentas boccas de fogo de sua mais grossa artilheria. Está em nosso poder a sua melhor fortaleza e com ella o dominio de todo o rio Paraguay. Nossas partidas vagam impunemente em todo o espaço comprehendido desde o Paraná até Tebiquary. Já estão se arrazando as baterias Londres e Cadena. Parece-me que se Lopez tivesse podido tratar com os alliados, elle mesmo se teria convencido de que deveria deixar o Paraguay. Mas nós nada queremos com elle, e no Paraguay não ha mais ninguem com quem tratar, e portanto siga a guerra...”

Vê-se nestes topicos de correspondencia intima o cansaço do velho guerreiro, já farto de victorias e ansioso de regresso. O patriotismo todavia o retinha á frente do exercito :

“E vejo que no dia 25 deste mez completo os meus 65 annos, e já estou muito cansado. Dado o ultimo tiro não quero estar aqui nem mais um dia, mas se resolverem con-

tinuar a guerra contem commigo emquanto estiver vivo para os ajudar”.

A condicional “se resolverem continuar a guerra” evidencia quanto o espirito de Caxias estava dominado pela idéa de não valer a pena proseguir numa campanha, que elle considerava finda. Mas, emquanto estivesse vivo (poderia dizer: “e são”), continuaria no commando.

Tendo escripto a Paranhos uma outra carta, este mostrou-a a Pedro II. O Imperador teceu a Caxias louvores calorosos, que Paranhos lhe transmittiu. Em carta datada de Villa Franca, 10 de Setembro de 1868, Caxias agradece a Paranhos e a Pedro II:

“Se o meu amigo quizer ter a bondade de por mim beijar a mão do Imperador e agradecer-lhe, muito respeitadamente, as palavras repletas de benignidade que elle se dignou proferir a meu respeito, muito me obsequiará, sobretudo tambem se quizer o meu amigo se incumbir de lhe dizer por mim que o seu louvor e animação hão de trazer necessariamente os maiores esforços para que esta guerra se acabe quanto antes do modo *único* por que o Imperador admitte que ella se acabe.

O que estou praticando, meu amigo, prova por maneira irrecusavel o desejo ardente que me domina, depois de tantos sacrificios, de que a mais completa victoria de nossas armas possa dar-nos gloria e paz segura para o futuro”.

Paranhos e Pedro II receariam daquella ansiedade de Caxias pelo retorno aos penates, e se inquietariam com as opiniões do chefe do exercito sobre a guerra finda, dahi, seguramente, aquelles louvores estimulantes, uma especie de appello a Caxias, que aliás os tranquillizava:

“Os acontecimentos se vão precipitando. Nestes 10 ou 12 dias Villetta estará atacada, e ou vencida ou abandonada

pelo inimigo. Dahi seguirei eu directamente para Assumpção, e quero crêr, que de nossa occupação se seguirá libertarmos Matto Grosso, e concluirmos a guerra do Paraguay. Se o meu amigo e os seus dignos collegas de gabinete não recuam deante das considerações, que eu entendi de minha lealdade fazer ao marchar sobre Tebiquary, depois da rendição de Humaytá, podem acreditar que de minha parte tudo farei enquanto tiver vida e saude, para corresponder á confiança com que se dignam de honrar-me.

Não creia o meu amigo nessa inveja que eu possa despertar com minha guapice de moço. Não vejo nessas palavras do meu amigo senão um muito delicado rosario de balas, com que procurou adoçar-me a bocca. Em todo caso não tenho remedio senão agradecer-lhe a intenção, e dizer-lhe, que de forma alguma quererei contrariar, nem de leve os desejos do governo, em que tenho a fortuna de encontrar amigos a quem muito venero.

Não creia o meu amigo, que no que eu disse a respeito da minha velhice se comprehenda qualquer idéa disfarçada a respeito de duração da guerra. Ella vae andando graças a Deus acceleradamente para o seu desfecho. Creia nisso”.

Chegado a Assumpção, a saúde de Caxias se resente. Numa solennidade publica, cae com uma syncope. Pede licença para retornar á patria e declara “que a guerra chegara a seu termo” (Ordem do dia, 14 de Janeiro de 1869). Parte de Assumpção e desembarca em Montevidéo. Com elle, ou logo depois d'elle, retiram-se Ozorio e Itaparica e Inhaúma, todos doentes, com feridas gloriosas ou extenuados nos serviços á patria.

Essa licença, tal retirada e a declaração da guerra terminada foram discutidas em seu tempo, e muito preoccuparam a Pedro II.

Testemunho do quanto importava ao Imperador a permanencia de Caxias no Paraguay, e como o incommodava a sua attitude é este trecho de uma carta de Rocha Faria, datada do Rio, 17 de Fevereiro de 1869, dirigida a Paranhos que partira, havia dias, em missão diplomatica no Prata e no Paraguay :

“Por indicação do Imperador fui outra vez ante-hontem vel-o e depois de despachar todas as pessoas, levou-me para uma salêta mandando-me sentar ao seu lado. Conversamos sobre tudo e elle muitas vezes me assegurou que esperava de sua amizade para com o Marquez. obter d'elle, seguir para o Paraguay. He negocio a *que elle da a maior importancia* e tenho isto como muito seguro. Sente que não se tenha mandado perseguir o inimigo, etc., etc.”

Vou ancioso por saber o resultado de sua missão ao Prata. Eu creio que o Marquez, com a sua descida repentina a Montevidéo, o pouco caso que fez dos alliados e da gente de Buenos Ayres, talvez tudo isso lhe difficulte em alguma cousa a sua missão. Deus queira que não, e desde já lhe lembro que em todo caso faça tudo para sempre ficar bem com o povo”.

Não era injustificado o desejo de Pedro II. Effectivamente a retirada de Caxias trouxe á guerra todos os inconvenientes. Um grande amigo do Duque, o Barão de Cotegipe, membro do governo, assim apreciava esse acontecimento *inesperado* em carta a Paranhos, de 22 de Fevereiro de 1869 :

“A retirada do Marquez de Caxias, seguida por diferentes causas da de outros generaes e officiaes, não podia deixar de ser muito sensivel ao governo, como foi a V. Ex. Desde que soube da saltada d'elle em Montevidéo, que acreditei, como escrevi a V. Ex., que não voltaria ao Paraguay.

Esta occurrencia inesperada para nós, quando V. Ex. daqui partio, difficultou a nossa situação politica e militar no Paraguay. Um de seus immediatos ou proximos effeitos foi a paralisação das operações — dando-se assim tempo a que Lopez reuna novos recursos, e á especie de desmoralisação em que cahio o Exercito, em cujo espirito inoculou-se a idéa de que seus trabalhos estavam findos.

O General Guilherme Xavier de Souza, apesar de suas apreciaveis qualidades, alem de suas enfermidades e não ter ainda nenhum grande commando militar, mostra-se aterrado com o peso da responsabilidade que lhe coube.

Delle vimos uma carta donde ressumbrava o seu abatimento, chegando ao ponto de preferir *soffrer de febres* no Brasil á mais honrosa commissão a que pôde aspirar um general! Na sua opinião as armas nada mais teem que fazer!

Bem vê V.Ex. que uma tal opinião augmentará o desanimo, que se vae apoderando dos militares, e isto quando as ultimas victorias deviam ter levantado, ao envez de abater, o moral do Exercito. Quero crer que aquellas expressões não forão escriptas para serem vistas; mas a primeira qualidade para *convencer* é mostrar-se *convencido*, e nunca levará ao cabo uma empreza aquelle que a julga impossivel.

Não temos cessado de pensar sobre os meios de remediar os males resultantes da retirada do Marquez de Caxias”.

Antes, em data de 4 de Fevereiro, tambem escrevera a Paranhos: — “A retirada do Marquez de Caxias deve causar a V.Ex. algumas difficuldades no desempenho da sua missão, principalmente, como supponho, se S.Ex. não voltar ao Paraguay apesar das suas instancias. S.M. conta que V. Ex. poderá conseguir que o Marquez faça mais este sacrificio. Deus queira que assim succeda”.

A seguinte carta é um testemunho das causas de saúde que levaram Caxias a retirar-se do Paraguay. Nella se vê,

entretanto, o esforço de Paranhos no sentido de justificar-o e de attenuar a má impressão de seu abandono do commando : "Montevideo, 7 de Fevereiro de 1869. — Snr. Barão de Cotegipe.

Em confidenciaes digo a V.Ex. o que tenho feito e o que por ora posso adeantar sobre os negocios da minha missão.

Como V.Ex. comprehenderá, recebi mui triste impressão ao saber que vinha aqui encontrar o nosso amigo Snr Marquez de Caxias, e que os generaes Viscondes do Herval e de Itaparica não poderão esperar o seu restabelecimento no Paraguay, nem aqui, nem em Buenos Ayres.

Não fallo no Visconde de Inhaúma, porque a retirada deste era facto previsto.

A falta do Marquez hade ser muito sentida no theatro da guerra. O General Guilherme ainda quando tivesse já o prestigio de um Osorio, não poderia supprir sufficientemente aquella falta. Valha-nos a Providencia que tanto nos tem protegido nesta guerra.

O Visconde, Deus sabe se logrará chegar com vida ao solo de nossa bella patria.

Ao Marquez succedeu o que era de receiar. A vida menos activa, a impressão que lhe causaram as mortes de amigos e parentes e o rigor do clima paraguayo alterarão-lhe a saúde por tal modo, que cahio com uma syncope na igreja da Assumpção, e o Dr Bonifacio de Abreu exigio que elle sahisse dahi para receber aqui ou em Buenos Ayres a resposta do Governo Imperial.

Dizem-me todos que o Marquez chegou a esta cidade tão abatido, que difficilmente poude andar o curto espaço que vae do logar do desembarque até o hotel mais proximo ; alcançou o hotel apoiado nos braços do senador Silveira da Motta e do Barão de Mauá.

Encontrei-o n'uma quinta dos arredores desta cidade, felizmente já muito melhorado em relação ao estado ante-

rior ; mas de cataplasma sobre o figado e fallando com difficuldade.

Não lhe pude dissimular de todo a impressão que me causou a sua retirada do Exercito ; elle a percebeu, posto que eu procurasse disfarçar-a, com receio de aggravar os seus encommodos.

Sua resolução elle a motiva com os signaes visiveis do tratamento a que o submetteu o Dr Bonifacio de Abreu, com o testemunho deste seu medico e os de todos os que o virão lá e quando aqui desembarcou.

Era possivel mudar esta resolução, quando o illustre General me dizia — se a minha morte assegura a captura ou expulsão immediata de Lopez, voltarei para ir morrer na Assumpção ?

Não era preciso que eu lhe fizesse sentir, delicadamente como o fiz, o effeito moral de sua retirada e a falta real de sua capacidade e prestigio. Conhece melhor do que eu a sua superioridade em relação ao substituto que deixou e a qualquer outro, mas julga o seu sacrificio esteril, e entende que a sua espada já não é alli indispensavel.

Leo tudo quanto o Imperador escreveo e lhe era relativo, recebeo com emoção o abraço que lhe transmitti, mas repetio-me a prophecia fatidica de sua morte, se não fosse descansar ao menos dous ou tres mezes ao lado de sua familia ; e accrescentava que o General Guilherme e eu fariamos o que falta. Se fôr preciso, concluiu elle, voltarei, mas depois de restabelecido ; agora seria sem gloria nem utilidade.

V. Ex. reconhecerá que não era possivel mudar uma tal resolução, apoiada em taes fundamentos, e já conhecida de todos pelo facto da retirada forçada para esta capital, onde só esperava por mim para embarcar e seguir viagem.

Resignei-me a este grande contratempo, e tratei de ouvir as informações e parecer que o illustre General estava no caso de dar-me. Para isso demorou elle sua partida.

O que tambem impressionou-me foi a retirada de tantos officiaes, pelo effeito que pode ter no animo dos que lá ficarão, mas erão resoluções que não me competia alterar, e umas se explicarão como consequencias da mudança do commando em chefe e outras por motivo que não me era dado apreciar.

O que me restava era inspirar confiança no completo exito da causa da Alliança e apressar minha ida para a Assumpção, afim de animar com o meu fraco exemplo, e prestar ao General Guilherme o apoio moral que elle talvez encontre em mim. Isto eu o tenho feito e farei com toda a celeridade possivel.

O Marquez ahi vae e é de esperar que chegue mais reestabelecido, e d'elle receberão V.Exas. noticias minuciosas sobre a situação do Lopez, que de certo só tem de grave as distancias.

Recebão o Marquez com muita benevolencia, porque qualquer signal de desgosto póde affectar gravemente o seo estado de saúde.

José Maria da Silva Paranhos”.

O mal estar, a especie de estupor que paralyzava os governantes como deante de um problema sem solução, após a retirada de Caxias, transia a Paranhos :

“Tenho andado em continuo movimento e muito embaraçado com as visitas dos nossos e dos extranhos. Vou sentindo que estas commissões não são proprias de todas as idades. A primeira noite passei-a em claro, sob a pressão da retirada do Marquez, e tambem porque me faltava o consolo do lar domestico.

Vae o Marquez, converse com elle. O Inhaúma está agora mais animado, mas não sei se ahi chegará”. (Carta de

Paranhos a Cotegipe, datada de Montevidéo, 8 de Fevereiro de 1869).

Ainda sobre Caxias e Inhaúma :

“O Marquez ficou muito descontente com não serem acceitas todas as suas propostas de remuneração. O Almirante penalisou-se com não receber a fita do cruzeiro”. (Carta de Paranhos a Cotegipe, 8 de Fevereiro de 1869, de Montevidéo).

“A ordem do dia do Sr Marquez não ha duvida que gerou a crença de terem o exercito e a esquadra completado a sua missão. A retirada dos dous chefes com os seus estados maiores fortaleceo essa crença. Eu era esperado para celebrar a paz!” (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 27 de Fevereiro de 1869).

“Adivinhou V.Ex., a minha missão, por ora e a despeito meu, tem alguma cousa de militar.

Julgarão-me Ministro da Guerra, e tenho-me visto cercado de pedidos de licença. Já os persuadi de que sou diplomata, e que não servirei de padrinho para deixarem o seu posto de honra. Felizmente nenhum dos pedidos foi de general, posto que estes tambem estivessem persuadidos de que eu vinha para que todos se retirassem”. (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 27 de Fevereiro de 1869).

“Bem inspirados andamos quando resolvemos a partida de V. Ex. para o theatro dos acontecimentos, e se ella se tivesse realisado antes, como desejavamos, talvez que V.Ex. tivesse conseguido a permanencia do Marquez ou pelo menos evitado que a sua retirada tivesse as más consequencias que teve. Felizmente V. Ex. ainda chegou a tempo de levantar os espiritos, e desfazer as idéas erroneas e perigosas que iam

dominando sobre a verdadeira situação dos negocios da guerra.

E' fora de duvida que o Marquez não voltará ao exercito, e ou se realise a hypothese de que V.Ex. tem conhecimento pelas minhas particulares ns. 2 e 3 — ou fique o General Guilherme, as operações não devem soffrer mais por este motivo. Ao General effectivo ou interino dar-se-á toda a força moral e os recursos precisos, como V.Ex. terá conhecimento pela correspondencia do nosso Collega da Guerra.

Reerga pois V.Ex. os espiritos: ainda ha muita gloria e premio a colher neste resto de campanha. Não se persuadam que perderemos o fructo de tantos sacrificios, quando vem o termo final. Mais um esforço serio e todos virão descansar no seio da patria agradecida". (Carta de Cotegipe a Paranhos, 15 de Março de 1869).

"A declaração official de estar *concluida* a guerra já está dando de si, provocando a intervenção dos Diplomatas que dão graças á Providencia por lhes deparar occasião de mostrarem para quanto prestão... E' na realidade curiosa a nossa posição! Findou-se a guerra mas não temos paz: o inimigo conserva-se armado, cercado ou cercando a população Paraguaya; mantemos o mesmo pé de guerra, não obstante privamo-nos dos meios de fazel-a. A verdade é que se a guerra não deve inspirar-nos receios, ella subsiste em suas más consequencias para nosso estado interno e portanto convem que a façamos de modo a concluil-a devéras." (Carta de Cotegipe a Paranhos, 4 de Fevereiro de 1869).

A 2 de Março de 1869 Caxias escrevia a Ozorio: "Aqui cheguei no dia 15 á noite com boa viagem, e um pouco melhor dos meus encommodos. Vim para este sitio para ficar mais longe dos foguetes e musicas da cidade, acompanhados dos longos discursos, que é cousa que os *casacas* pagam aos militares que teem a fortuna de não morrerem na guerra...

Trata-se aqui de se me persuadir de que devo voltar, logo que esteja bom, no caso de que a missão falhe, mas por ora ainda a isso não estou resolvido". (Historia do General Osorio, Vol. 2.º, pag. 549).

A 19 de Março escrevia ainda a Osorio : "Eu vou muito melhor do figado... O nosso companheiro Visconde de Inhamá, já lá se foi, e a mim me aconteceria o mesmo, se não tomo resolução de me retirar daquelle inferno. Deus queira que o Guilherme tenha saúde para continuar a caça a Lopez, que é o mesmo que procurar agulha em palheiro". (Id. Id. pag. 554).

"Não tenho escripto a V.Ex. estes dias para não tomar-lhe tempo, naturalmente dedicado a apreciar a situação em que s'encontra este desgraçado paiz, e em moralisar com sua presença e simpathico trato os animos de nossos valentes que segundo oiço estão abatidos com a idéa de ter de permanecer em terra extranha por largo tempo sem haver mais o incentivo de vencer o inimigo que *fazia frente* embora atrás de obstaculos naturaes, o que aguçava o desejo de o destruir. Hoje creio que a guerra se reduz, na frase do meu particular amigo *Herval* a uma caçada no mato o que cansa o espirito já cansado de nossos bravos." (Carta de Mauá a Paranhos, Montevidéo, 26 de Fevereiro de 1869).

"Os jornaes dizem, e aqui corre geralmente que ha demoralisação no nosso exercito, e que, se Osorio não volta, as cavallarias do Rio Grande se debandarão ; tambem, que o General Guilherme não poderá conter os descontentes, que deixou Caxias, pela sua falta de decisão e energia. Com isto não faço mais do que repetir o que tenho ouvido em varios circulos, com o objecto de que possam ser-lhe uteis estas informações". (Carta de M. A. de Freitas, socio de Mauá, datada de Buenos Ayres, 7 de Março de 1869, a Paranhos já então em Assumpção).

“Bem convencido estou dos relevantes serviços que V. Ex. fez ao nosso Paiz — indo ao Exército *nesta occasião*. V. Ex. reconheceria a *necessidade* de sua presença ahi, porque infelizmente as informações que eu tinha erão fidedignas, embora só a V. Ex. manifestasse eu o que sabia, sobre o estado da opinião do Exército”. (Carta de Mauá a Paranhos, Montevideo, 4 de Março de 1869).

“A guerra está concluida — são palavras que muito escandalisarão a opposição no Rio de Janeiro, mas que terião sido verdadeiras desde Janeiro, se nosso amigo Snr. Duque de Caxias houvesse podido ser consequente com ellas, fazendo explorar todo o territorio visinho á estrada de ferro e ahi perseguido a Lopez.

Agora eu não duvido dizer tambem a V. Ex. a guerra está concluida”. (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 31 de Agosto de 1869).

★ ★

Sñr Cotegipe

Mando-lhe os inclusos requerimentos.

D. Pedro 2.º

31 de Janeiro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Que noticias trouxe da guerra o “Annicota”? Consta que o Caxias ficou em Montevideo. Viria por doente?

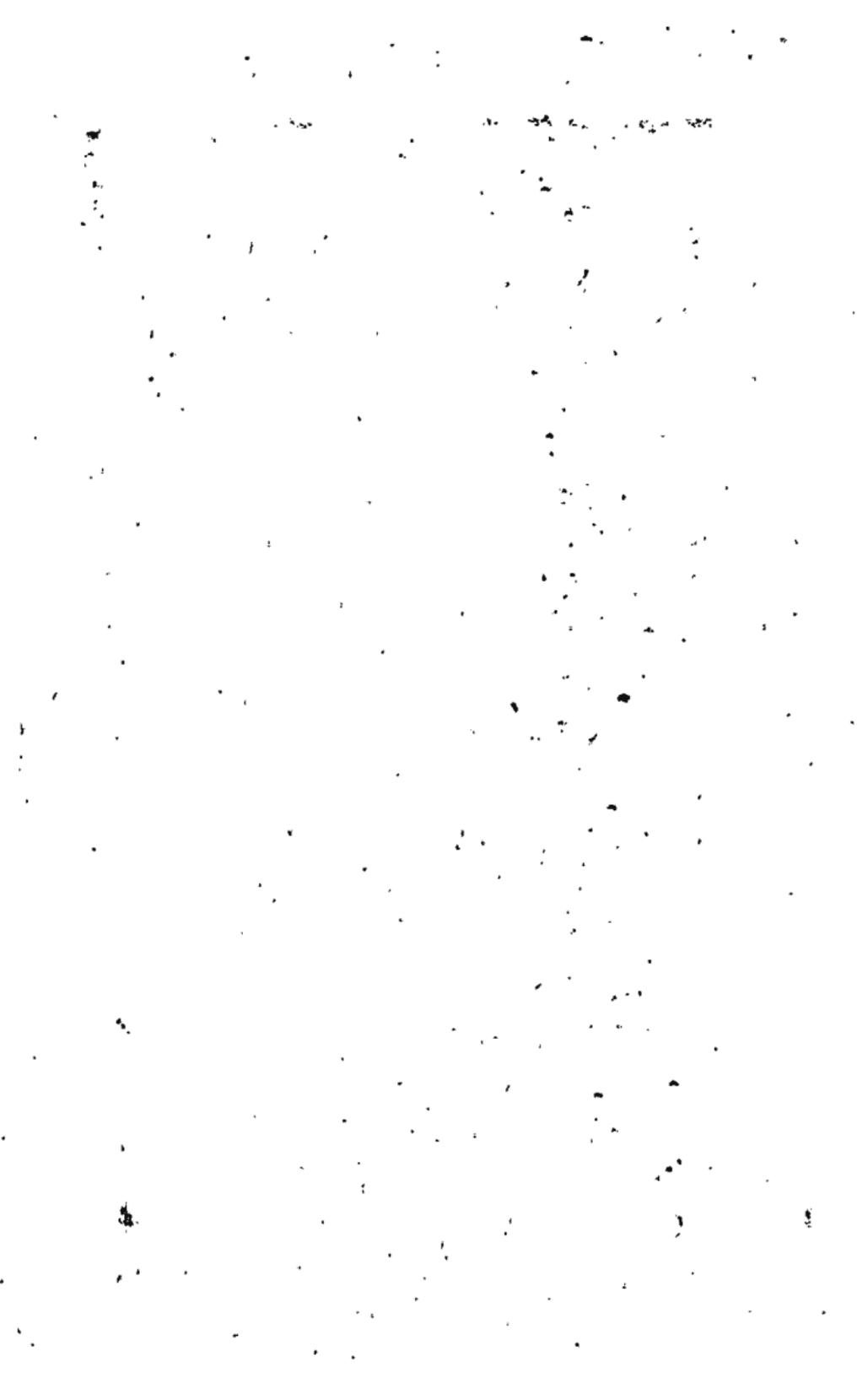
D. Pedro 2.º

2 de Fevereiro de 1869

★ ★



Conde d'Aquila.



Sñr Cotegipe

Chegou o Aviso e provavelmente havia de ter recebido officios.

O governo Oriental fez muito bem em não declarar que ia retirar o contingente d'essa Nação, e estou certo de que farão sempre o que fôr justo se se empregar energia no procedimento para com os nossos alliados.

Consta-me que o Caxias passára melhor ; porem nada sei por ora com alguma probabilidade da expedição para o interior, e alem da força que ainda tenha Lopes ahi apparecem os diplomatas estrangeiros querendo figurar na solução da guerra.

Que sabe do Inhauma? Ouvi que chegou muito mal a Montevideo e que Osorio e sobretudo Argollo não vão bem.

D. Pedro 2.º

3 de Fevereiro de 1869.

★ ★

Sñr Cotegipe

Estes diarios são atrazados, e só nelles achei de interessante o artigo de José Candido Gomes. As legações do "Rio-da-Prata" costumão officiar e mandar as noticias mais recentes por todos os vapores e sobretudo pelos da carreira.

D. Pedro 2.º

3 de Fevereiro de 1869

José Candido Gomes foi correspondente do *Jornal do Commercio* durante a guerra do Paraguay. Ganhou avultada fortuna nos fornecimentos para o exercito. Vide Francisco Cunha — “Reminiscencias” — pag. 27 e “*Diario do Rio de Janeiro*”, 21 de Dezembro de 1869.

Era José Candido Gomes irmão de Juan Carlos Gomes, este ultimo uruguayo e hostile ao Brasil, ao passo que aquelle brasileiro, monarchista e, posto que muito ligado á Argentina, amigo e defensor do Brasil.

Veio José Candido Gomes em 1883 ao Brasil, ao que parece para redigir uma memoria sobre os limites do Brasil com a Argentina. Era a esse tempo proprietario do edificio do hotel dos Extranjeros (Vide Vicente Quesada, “*Mis Memorias Diplomaticas*” Vol. 1.º pags. 99, 101 e 102 e 380).

★ ★

### Sñr Cotegipe

Todos os instantes se deverião aproveitar para captura ou expulsão de Lopes do territorio Paraguayo, e creio que o Caxias pensa como nós. A carta de Emilio de Mitre é de 20 e julho que o Caxias já tivesse deixado Assumpção; pois chegou a 24 a Montevideo.

Caxias deixou suas instrucções ao Guilherme Xavier de Souza como aquelle diz no seu officio de 24.

Tudo o que fôr escrevendo ao Simões no sentido de activar a perseguição de Lopes será muito util.

O Paranhos pode estar hoje em Montevideo se não tocou em Sta. Catharina. Creio que não tencionava fazel-o, ainda que ouvisse

que o Commandante do Galgo levou ordem de tocar em Sta. Catharina. Pergunte isto ao Muritiba, a quem mostrará esta minha carta, e communique-me o que souber a respeito de tal ordem, que julgo não existiu.

D. Pedro 2.º

4 de Fevereiro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Já vi no Arsenal de Marinha telegramma que lhe manda de Sta. Catharina o filho do Paranhos. Porque é que o "Leopoldina" tocou em "Sta. Catharina"? O "Bourgogne" está entrando.

D. Pedro 2.º

★ ★

Sñr Cotegipe

Chegou o "Flamsteed", que sahio de Montevideo a 28 de Fevereiro; talvez trouxesse officios de nossas legações, e noticia da chegada do Paranhos á Assumpção.

D. Pedro 2.º

★ ★

Sñr Cotegipe

Que é que recebeu de nossas legações do Rio-da-Prata pelo "Presidente" e o "Marcilio Dias"?

Não virião Diarios com artigos de interesse?  
O Inhauma não escreveu?

Mandei ao Muritiba um manuscrito achado em "Lomas" donde constão os fuzilamentos ordenados por Lopes desde 19 de Junho até 14 de Dezembro do anno; dia por dia, e com os nomes dos fuzilados.

E' muito conveniente que se publiquem taes atrocidades sobretudo nos Estados Unidos e na Europa.

O Muritiba ficou de tirar notas do manuscrito para irem pelo paquete de hoje.

Examine tambem o manuscrito que me parece muito interessante e tem todos os visos de authenticico.

D. Pedro 2.º

9 de Fevereiro de 1869.

O manuscrito foi publicado com outros. Ha duas edições argentinas, uma de 1869 com o titulo "Papeles // del // Tirano del Paraguay // tomados // por los Aliados // en el asalto de 27 de Diciembre de 1869", e outra de 1871, com o titulo "Papeles de Lopez // o // el Tyran pintado por si mismo // y // sus publicaciones // Papeles encontrados em los archivos del Tirano, Tablas de sangre e copia de todos los documentos y declaraciones importantes de los prisioneros para el processo de la tirania; inclusa la de Madame Lasserre".

Nas suas memorias o General Resquim refere-se a estes fuzilamentos (de 17 de Junho a 14 de Dezembro). Foram 605 victimas fuizladas e lanceadas, segundo Resquim. Matias Goiburu diz que foram 1800 a 2000, incluidos os mortos em consecuencia das prisões e torturas soffridas. "Los papeles de Lopez encontrados en Cumbarity arrojan una lista de ochocentas treinta y uno el numero de vitimas"... "Dos mil vidas tronchadas en dos meses y medio! En sessenta y cinco dias ejecutam 2000 vidas! Veinte y siete victimas por

dia fusiladas e lanceadas! Que labor" ("El Mariscal Francisco Solano Lopez — Publicacion de la "Junta Patriotica" Assuncion 1926, pag. 80).

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Mande-me os officios de que me fallou.

D. Pedro 2.º

10 de Fevereiro de 1869.

## EXTRANGEIROS

Nada tenho com a renuncia que meu cunhado o Conde d'Aquila queira fazer de seus direitos eventuaes de successão ao throno de Napoles.

Sobre a hypotheca do morgado para afiançar o dote de minha Irmãa, caso meu cunhado o queira receber, desejo que fique bem sabido que somente consentirei na entrega do dote sobre tal hypotheca, se esta fôr considerada tão segura como na epocha em que se fez o contracto de casamento de minha Irmãa.

11 de Fevereiro de 1869

Provocou este memorandum a seguinte carta de Cotegipe :

"Senhor.

Tenho a honra de pôr nas mãos de V. M. I. os papeis, que a esta acompanham, tendentes a S.A. o Senhor Conde

d'Aquila, afim de que V.M.I. Se Digne dar-me suas ordens para seguimento da reclamação, perante o Governo de Florença. A questão de renuncia dos direitos eventuaes de S.A. ao throno de Napoles he a meu vêr questão que só interessa a S.A. ; e desde que S.A. abre mão d'esse direito, não he o Governo do Brasil que a isso se deve oppôr : mas somente V.M.I. he o Juiz em tal negocio.

Por este paquete não pode ir decisão. Como resido longe, e a correspondencia de V. Magestade costuma vir tarde, ficará na Secretaria o Director Geral para recebê-la á hora que convier a V. M. envial-a directamente a elle.

Sou com o mais profundo respeito

De V. M. I.

Barão de Cotegipe

8 de Fev.º 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

O Tycho-Brahe parte esta tarde para a Europa. Seria conveniente mandar ás nossas legações o "Diario Official" de hontem com recommendação de fazerem constar pelos jornaes os fuzilamentos de Lopes.

D. Pedro 2.º

12 de Fevereiro de 1869.

★ ★

Sñr Cotegipe

Espero o Dr Stewart e o Tompson até meio dia de amanhã. Se não lhes fallar até

essa hora podem vir amanhã depois de 5 da tarde, ou depois d'amanhã, ás 10 da manhã:

D. Pedro 2.º

14 de Fevereiro de 1869

Cotegipe communicara ao Imperador a noticia, contida no seguinte bilhete do ministro inglez no Rio :

“Privé — Petropolis — Vendredi 12 Fevrier 1869

Monsieur le Ministre

Je viens de savoir d'une lettre de l'Amiral Ramsaym reçue seulement ce matin, que le colonel Tompson, le Commandeur d'Angostura, et le Dr Stweart, medecin de Lopez sont à bord du Tycho-Brahe en route, je pense, pour l'Angleterre.

D'après ce que j'entends, je crois que les connaissances militaires et le caractère franc et loyal du Colonel Tompson le mettraient a même de donner des renseignements à Sa Magesté l'Empereur, si elle daignait le recevoir, et j'espère vivement que ce billet sera à temps.

Mathew”

“Mr. Stewart esteve commigo hoje na legação e mostrou-se muito reconhecido pela deliberação de V.Ex. Disse-me que Mac-Mahon tem procurado rehabilitar Lopes perante os inglezes, e que partio tambem para Paris com o mesmo intento a respeito dos francezes. Brevemente voltará e seguirá para os Estados Unidos. O Dr Stewart responde pela imprensa ás ultimas publicações do Foreign Office a respeito dos Inglezes no Paraguay ; elle mostra-se muito nosso amigo mas não ha de dizer tudo quanto é necessario porque tem ainda a mulher nas Cordilheiras, presa por Lopes, segundo

assevera e eu creio" (Carta do Cons.<sup>o</sup> Aréas a Cotegipe, Londres, 8 de Setembro de 1869).

"O Dr Stewart não tem apparecido na legação ultimamente; penso que se acha fóra de Londres, como muita outra gente nesta epoca do anno. Entretanto elle continua a ser amigo do Brasil e tenciona voltar para o Paraguay, onde está sua senhora, paraguaya de grande fortuna". (Carta do Cons.<sup>o</sup> Aréas, Barão de Ourem, a Cotegipe, Londres, 7 de Novembro de 1869).

"O certo é que Lopez já não tem prestigio algum aqui, e para isso contribuiu, alem de nossas repetidas publicações, o processo entre o Dr Stewart e o francez Gelot a respeito da letra de cambio extorquida por Mme Lynch". (Carta do Cons.<sup>o</sup> Aréas a Cotegipe, 8 de Janeiro de 1870).

"Estamos vendo que os inglezes arriscão a vida de um official pelos desertos Paraguayos para tentarem salvar a familia de Stewart e outros subditos Britannicos". (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 24 de Março de 1869)

Sobre Stewart, medico inglez, que foi cirurgião-mór de Lopes e depois passou-se para os brasileiros, vide — "Historia da Guerra do Paraguay" de Max von Versen, na Revista do Instituto Historico Brasileiro, Vol. 76, parte 2.<sup>a</sup> pags. 132, 143, 222, 236, e nota de Cunha Mattos á pag. 265; Mario Barretto "Campanha Lopesguaya", Vol. 3.<sup>o</sup>, appendice XXXVII e LIII; Visconde de Taunay "Diario do Exercito" Vol. 2.<sup>o</sup> (De Campo Grande a Aquidaban) pag. 39; o folheto "Papeles de Lopes o el Tirano pintado por si mismo y sus publicaciones", Buenos Ayres, 1871, pag. 142.

Sñr Cotegipe

Chegou o Brasil. Veja se o Commandante d'elle Salgado vem fallar-me até 3 horas da tarde.

D. Pedro 2.º

14 de Fevereiro de 1869

Joaquim Salgado, depois Barão de Corumbá

★ ★

Sñr Cotegipe

Nada tenho que oppôr ao projecto de notas conforme a opinião de seus collegas.

D. Pedro 2.º

17 de Fevereiro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

O folheto incluso é curiosissimo e convem publicar-se para que Lopez, que o inspirou, seja bem conhecido.

O novo ministro da França o Conde de Gobineau, que talvez chegasse hoje no paquete de Bordéos é-me recommendado, e conheço-o por suas obras litterarias. Si elle quizer ver-me antes da recepção official, com muito prazer lhe fallarei amanhã ás 6 da tarde ou no domingo ás 11 da manhã ou ás 6 da tarde.

D. Pedro 2.º

19 de Fevereiro de 1869

As relações entre Pedro II e Gobineau estão documentadas nas cartas a este dirigidas, algumas das quaes já publicada nos jornaes "A Ordem" do Rio de Janeiro e "Diario Nacional" de São Paulo, em Agosto de 1929 pelo Snr Roquette Pinto, que promete um volume com essa correspondencia.

Vide o livro de Faure Biguet sobre Gobineau, pag. 269.

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Desejo ler o que o Snr, segundo me disse o Itaborahy, escreveu ao Paranhos sobre o assumpto de que nos occupámos estes dias, remettendo-lhe a carta do meu genro Gastão.

As 8  $\frac{1}{2}$  heide estar no Arsenal de Mariinha sahindo daqui ás 8, e se não pudér mandar-me o que peço antes das 8, remetta-o para o Arsenal.

D. Pedro 2.º

24 de Fevereiro de 1869

O *assumpto* a que allude Pedro II era a partida do Conde d'Eu para a guerra. Desde o ministerio Olinda manifestara elle desejo de ir para o Paraguay. No ministerio Zaccarias insistiu e o conselho de estado foi ouvido (Out.º de 1866). O principe escreveu directamente aos conselheiros de estado (Março de 1867) quando novamente o conselho foi chamado a opinar. (Vide Joaquim Nabuco — "Um Estadista do Imperio" — Vol. III, pags. 91 e 158). Tambem dirigiu ao ministro da guerra Paranguá a seguinte carta: "Petropolis, 28 de Janeiro de 1868 — Illm.º e Exm.º Snr. — Correm boatos e teem achado echo em algumas folhas diarias, de que tenho repetido o meu pedido já

por varias vezes feito, de prestar meus serviços no theatro da guerra.

Nestas circumstancias julguei conveniente declarar a V.Ex. como ora faço, que se não tenho ultimamente dado passo neste sentido, tem sido unicamente porque nada me induz a crêr que tenha sido modificada a opinião do Governo Imperial sobre esta questão ; mas que continuação inalterados meus sentimentos e desejos manifestados a este respeito em outras occasiões.

Deus guarde V.Ex.

Illm.º e Exm.º Sr Cons.º Ministro e Secretario dos Negocios da Guerra

Gastão de Orleans'

Subindo ao governo o gabinete Itaborahy o principe dirigiu a Paranhos, ministro de estrangeiros, estoutra carta: "Paço Isabel, 17 de Julho de 1868. Illm.º Exm.º Sr Conselheiro José Maria da Silva Paranhos. — A amizade e estima que consagro a V.Ex. animão-me a lhe communicar que nesta data me dirijo ao seu collega da guerra, renovando o meu pedido de ir prestar meus serviços militares no exercito de operações contra o Paraguay. V.Ex. já sabe quaes sejam os meus sentimentos a este respeito. Elles são sempre os mesmos; ou antes, os acontecimentos que se tem ido desenvolvendo no theatro da guerra, ora dolorosos, ora gloriosissimos para o Brasil, mas sempre da maior importancia para o seu futuro não tem feito senão tornar esses meus sentimentos cada vez mais vivos e mais acerbos.

Se não me for dado tomar parte neste gravissimo episodio da historia do paiz que adoptei e que tanto amo, e demonstrar assim por factos a dedicação que lhe votei, restar-me-ha disso magoa que sempre me acompanhará.

As razões que teve o ministerio transacto para se oppor aos meus desejos nesta parte nunca me forão officialmente

communicadas ; e, como aquella que V.Ex. teve a attenção de me expor outr'ora numa conversa particular não exista mais, assiste-me a esperança de que o Governo talvez possa attender o meu anhelo e que de todos os modos V.Ex. influirá para que seja este assumpto novamente examinado. — Gaston d'Orleans”.

E o gabinete foi de opinião contraria aos desejos do principe consorte.

Quando Caxias regressou ao Rio o ministerio lembrou-se do Conde d'Eu para o commando em chefe.

Assentada essa nomeação, que ficara dependente de consulta feita a Paranhos, no Rio da Prata, Pedro II escreveu ao genro, então em Petropolis, a seguinte carta : — “Rio, 20 de Fevereiro de 1869 — Caro Filho — Caxias pediu demissão do Commando do Exercito, e reconheceu-se a poucos dias que Guilherme Xavier de Souza não poderá substituil-o convenientemente. Em taes circumstancias propuz a Você para este cargo ; porque confio em seu patriotismo e iniciativa. O Governo que pensa como eu a respeito de Você e que é preciso livrar, quanto antes, o Paraguay da presença de Lopez, julgou que deve-se conceder a demissão de Caxias e nomear Você.

Seu commando extender-se-ha á esquadra, como succedia com o Caxias. A parte diplomatica é independente da guerreira e confiada ao Paranhos ; o que não impede a melhor cooperação entre elle e Você. As instrucções dadas ao Paranhos, e que Você lerá, baseião-se no tratado de Alliança e não admittem senão a sahida de Lopez do Paraguay, por meio das armas.

Você poderá levar os officiaes que quizer e terá todas as attribuições concedidas ao Caxias.

Urge sua partida, e (e ha ?) vapor á primeira ordem.

Não duvido, nem que um momento, de que Você se preste a serviço tão relevante, e, quando pretender descer de Petropolis, avise-me mesmo pelo telegrapho, se elle estiver trabalhando, e eu lhe mandarei as galeotas a vapor e a remos, e conducção pôr terra aqui se quizer.

Só direi a sua Mãe o que lhe acabo de escrever, quando Você me pedir a conducção, que é signal que está resolvido a satisfazer os desejos que tanto sinto não ter podido nutrir, logo que Você quiz ir para o theatro da guerra. — Adeos! Tome o abraço saudosissimo de seu pae extremoso — Pedro”.

Paranhos não podia recusar o que o ministerio já tinha resolvido e o proprio Imperador havia como assentado. A consulta era pois uma cortezia ao ministro ausente e uma satisfação a escrupulos do principe.

A communicação do que resolvera o ministerio foi feita por Cotegipe a Paranhos em carta de 22 de Fevereiro de 1869 :

“Não temos cessado de pensar sobre os meios de remedear os males resultantes da retirada do Marquez de Caxias. Nosso pensamento foi confiar o commando a S.A. o Conde d’Eu. A idéa occorreu quasi instantaneamente a mais de um de nós; é elle o unico — que por sua posição pode conter essa especie de debandada, dar esperanças a uns, e animar todos. O proprio Marquez parece receiar que as cavallarias Rio Grandenses, ou seus principaes cabos se retirem. Seria isto um dos maiores males porque é justamente a arma, que presentemente torna-se mais efficaz. V.Ex. conhece o pessoal do nosso Estado Maior General; aponte um que reuna as qualidades precisas para superar as difficuldades desta situação toda especial.

Infelizmente o Principe oppoz duvidas, e V.Ex. verá da carta que elle dirige a V.Ex. quaes os seus escrupulos. Nossa convicção era tão profunda que sobrepujou as diversas

considerações politicas, que em outra occasião obrigarão-nos a opinar pela denegação da licença, que pedia S.A. para reunir-se ao Exercito em operações. V.Ex. que tomou parte nas deliberações conhece quaes são nossas razões. Hoje, porem num interesse maior, pomo-las de lado. O peor de todos os males será a desorganisação do Exercito, e uma vergonhosa retirada depois das victorias ganhas, e do aniquilamento de Lopez.

Se o acto realizar-se hão de apparecer na imprensa as costumadas insinuações e accusações malevolas; fiquem nossos alliados seguros de nossas intenções, que a grita das paixões não nos desviará do nosso caminho.

Queremos acabar com este *resto de guerra*, e que se tornará até ridiculo, se continuar; queremos poupar as despesas, que dahi provêm; queremos em summa deixar o Paraguay, — mas com honra.

Propondo S.A., apresentamos igualmente a S.M.I. duas propostas — 1.<sup>a</sup> que a missão de S.A. seria toda militar, e as negociações correriam por conta e sob a responsabilidade de V.Ex.; 2.<sup>a</sup> que ficava-nos livre propor qualquer outro meio para a terminação da guerra, salva a hypothese de tratar com Lopez. Ambas foram aceitas. A benevolencia com que S.A. distingue a V.Ex., e a lealdade do seu character nos assegurão de que se resolver-se acceitar a commissão reinará entre elle e V.Ex. a mais perfeita harmonia. Estimarei que antes da resolução final já se tenha dado algum passo que torne desnecessario este recurso extremo, pois nada ha de mais prejudicial do que a inacção em que ficamos”.

Paranhos, entretanto, na sua resposta não se mostra entusiasta da resolução: “Não me sorprehendeo a idéa que ahi tiverão quanto ao Commando em Chefe. Passou-me ella pela mente, ou como necessidade ou como insistencia do indicado. Não vejo hoje grande inconveniente. E’ preciso

tambem não ter tanto medo de nossos vizinhos que precisão mais de nós do que nós delles. Ha de apparecer algum commentario na imprensa federal e blanca, os nossos aliados mesmos sentirão alguma desconfiança, mas serão pequenas nuvens. A (?) já é conhecida do Mitre, Paunero e outros de cá, e a necessidade actual de um chefe mais activo e prestigioso, se o houver, está patente". (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 6 de Março de 1869).

O Conde d'Eu escrevera directamente a Paranhos que, em carta a Cotegipe, datada de Assumpção, 14 de Março de 1869, a essa correspondencia allude: "A demora do Annicota me deixaria ás escuras sobre o teor da carta com que me honrou S. Alteza se não fôra o transumpto que leio na de V.Ex. que tem o numero 3. Não espero pelo original e aqui junto minha resposta ao Principe. Essa resposta que V.Ex. lerá me dispensa de ser mais explicito. Se não fôr conveniente usar della pode V.Ex. inutilisal-a."

A carta n.º 3 de Cotegipe, que dava o transumpto da carta do Principe, dizia: "Ha dois dias sahio o S. Jozé pelo qual remetti a 2.ª via da carta (1.ª) que dirigi a V.Ex. pelo *Annicota*. Deixei porem de mandar copia da carta de S.A. o Snr Conde d'Eu, porque estando ella fechada nem mesmo a li antes. Fallando hontem a S.M., notou elle esta falta e referio-me o sentido da dita carta, habilitando-me assim a transmittil-o a V.Ex., que poderá responder, ainda que demore o *Annicota*."

S.A. consultava a V.Ex. si a presença delle no Commando do Exercito seria vantajosa, e indispensavel, porque tendo em lembrança o parecer do Conselho de Estado e o de V.Ex. receiava em vez de bem ir causar um mal. S.A. deseja pois ouvir previamente o juizo de V.Ex., exigencia esta honrosa para V.Ex. mas de seria responsabilidade, que entretanto V.Ex. não pode nem deve declinar. Seja V.Ex. franco." (Carta datada de 28 de Fevereiro de 1869).

Em data de de 29 Março de 1869. escrevia Cotegipe a Paranhos : "A ultima data que tenho de V.Ex. é de 6 do corrente em sua particular não numerada. Della concluindo nós, que a resposta de V.Ex. á consulta que lhe fizemos pelo *Annicola* seria favoravel á nomeação de S.A. o Sr Conde d'Eu assentamos de apressal-a, devendo S.A. partir amanhã, conforme oficialmente communiquei a V.Ex.. Em vista das ponderações que V.Ex. tem-nos feito a respeito do estado do Exercito e da confiança que nos tem inspirado o notavel bom senso de S.A., depois que tivemos occasião de trata-lo de perto, estamos convencidos de que colheremos o maior proveito possivel de nossa resolução, e de que os inconvenientes desapparecerão ante as vantagens do fim conseguido. Com o Principe segue o General Polydoro, o Dr Bonifacio, etc. Reconstruir-se-á assim completamente a confiança do Exercito — já melhorada com a presença de V.Ex. e seus esforços.

S.A. toca em Montevidéo, e Buenos Ayres para dar uma prova de cortezia aos respectivos Governos, e logo que chegue a Assumpção achar-se-á V.Ex. livre para cuidar da sua especial missão, começando pela organização do governo provisorio paraguayo, um dos meios em nossa opinião mais proficuo para apressar a terminação da lucta."

Ainda a 29 de Março volta Cotegipe a tratar dos mesmos assumptos : "Não havia razão para que a carta de V.Ex. dirigida a S.A. deixasse de ser entregue, desde que esta minha confirma a conclusão que havíamos tirado da carta de V.Ex. de 6 do corrente, nomeando promptamente S.A. para commandante do Exercito e da Esquadra. Cada vez me convenço mais de que demos passo acertado, tanto quanto cabe na previsão humana. Peçamos a Deus que os resultados correspondão a nossas intenções. Qualquer que seja a confiança que deverá inspirar o Marechal Guilherme, a verdade é que elle está physicamente impossibilitado de dirigir operações activas de guerra. Qual pois o General que o substituiria ?

Os desgostos e cansaços do Exercito serão por si só razão preponderante para nova escolha. O Principe tem em poucos dias conquistado minha confiança em seus talentos, e V.Ex. sabe que sou um pouco difficil em meus juizos a respeito dos meritos dos Principes e tão moços."

"Je vois avec plaisir, dans les gazettes, la nomination de S.A.R. le comte d'Eu — esperant que S.A. será acompañado de quelques officiers d'experience *dans une guerre de montagnes* où la strategie et la tenue militaires ne comptent pour rien. Dans une pareil guerre, vos matelots seront une ressource certaine." (Carta do ministro inglez Mathew a Cotegipe, 25 de Março de 1869).

"Da nomeação actualmente feita na pessoa de S.A. o Snr Conde d'Eu verá V.Ex. quaes nossas intenções a respeito da prompta terminação da guerra. S.A. terá todos os recursos de que necessitar para esse fim, e posto que a parte que lhe toca não seja a mais brilhante em relação á gloria militar — é a mais util, e por isso tanto mais louvavel o sacrificio a que S.A. se sujeita. Não tememos as intrigas que possa suscitar a presença de um Principe, porque será mister muito má fé para supôr-se que nutrimos vistas ambiciosas contra o Paraguay quando nossos interesses estão na existencia da sua independencia, razão pela qual sempre pensei que Lopez alem de um tyranno é um pessimo politico. A prova peremptoria da minha asserção está nos esforços que havemos de fazer para constituir um Governo Paraguayo, sendo lisonjeiro para nós que V.Ex. combine com o nosso pensamento. Tenhamos pois fé e esperanças — na proxima conclusão de tão demorada lucta. V.Ex. dá tanta importancia ao emprego de uma força de marinha fazendo o serviço em terra, que essa idéa vae callando em meu espirito, e eu a examino com attenção estudando os elementos de que posso dispôr." (Carta de Cotegipe ao ministro inglez Mathew, sem data).

Sñr Cotegipe

Desejo que o Sñr mande segunda via da particular inclusa pelo "S. Jozé", que digo ao Muritiba que faça partir quanto antes e directamente para "Assumpção". Esse vapor está ás ordens ha dias.

Tambem quero que accrescente ao Paranhos que, depois eu ter lido a particular, a que me refiro, e achei conforme ao resolvido a respeito do commando do exercito, eu fiz as seguintes observações ; que, ao participarme o Visconde de Itaborahy a segunda das proposições do ministerio no caso de meu genro Gastão ir commandar o exercito eu disse que, se nunca entendia péadas as opiniões futuras dos ministerios pelas passadas, tambem eu conservava livres as minhas, e que julgo muito possivel conseguir um governo provisorio "verdadeiramente" Paraguayo, se houver iniciativa, actividade e energia da parte do general e do diplomata, como não tenho senão razões para esperal-o deste ultimo, tanto mais insistindo na manifestação deste meu juizo quanto o povo Paraguayo bate-se não por espirito de independencia ; mas sim por obediencia quazi supersticiosa.

Se quizer pode mandar esta minha carta ao Paranhos juntamente com a segunda via da particular ida pelo "Annicota".

D. Pedro 2.º

24 de Fevereiro de 1869



**Conde D'Eu, ao tempo da guerra do Paraguay.**



A 25 de Fevereiro Cotegipe escrevia a Paranhos: "Hontem recebi uma carta de S.M. mostrando desejos de ler o que eu havia escripto a V.Ex. sobre o assumpto de que tratei na minha carta n.º 1. Satisfazendo a vontade de S.M. remetti-lhe a dita carta e tive em resposta o que se segue: (transcreve a carta cima, de Pedro II de 24 de Fevereiro de 1869). Transmitto pois a V.Ex. a 2.ª via, ou antes copia da minha carta n.º 1 entendendo mais conveniente transcrever a de S.M.

Está visto que não pretendiamos tambem pear as opiniões futuras de S.M. com a 2.ª proposição. O que desejamos como homens de bem, é tornar patentes as nossas — para que não se supponha que tomamos um compromisso moral que a nós obrigaria tanto quanto se fôra escripto. Nesse sentido e com esse fim foi que fizemos nossas reservas."

A carta particular n.º 1 a que se referem tanto Pedro II como o proprio Cotegipe, nesta ultima, é a seguinte:

"22 de Fevereiro de 1869

Illm.º e Exm.º Sr. Cons.º J.M. da Silva Paranhos

Accuso a recepção das cartas particulares ns. 1 e 2 que V.Ex. me dirigio de Montevidéo, e a de n.º 3 escripta de Buenos Ayres, vespera da partida de V.Ex. para Assumpção. Fico sciente de tudo quanto V.Ex. me communica. e tanto eu como nossos Collegas, a quem as li, muito apreciamos as informações de V.Ex., nada tendo em contrario ás suas opiniões e vistas — para o bom desempenho da missão, que lhe foi confiada.

Enviando-lhe ao theatro dos acontecimentos, aguardamos mais de V.Ex. a indicação da marcha, que devemos seguir, do que pretendemos lh'a traçar, tudo esperando do seu zelo, prudencia e luzes.

Concordo perfeitamente com V.Ex. na opinião de não sujeitar forças brasileiras ao commando de chefes argentinos, salvo em occasião em que isto seja indispensavel; desde que o commando foi regulado pelo modo porque quizerão nossos alliados, que não nos fica bem esta especie de confissão de incapacidade. Assaz provas de abnegação demos quando accetamos o commando em chefe, que depois se nos negou, como se a razão da unidade de commando não devesse prevalecer especialmente nos ultimos tempos.

A hesitação e falta de plano para organização do governo provisório do Paraguay, que mostrou o Argentino surprehende-me. E' essa questão a primeira necessidade e o primeiro passo a dar-se; organisem-o como quizerem, comtanto que não seja um obstaculo em vez de uma facilidade para repôr-se o paiz no seu estado legal. Depois tudo se fará *constitucionalmente*, ou segundo os principios republicanos. O *apetite* de absorção do Paraguay não é nem mesmo dissimulado; essa franqueza é um bem do systema; o como e o quando é a questão. Aos nossos alliados pois talvez convenha prolongar o *provisorio*; a nós não. E' tal o nosso desejo de tirarmo-nos o mais breve possivel dos *esteros* paraguayos, que se para isso fôr indispensavel que Gely y Obes faça parte do governo, não é para nós *hypothese* inadmissivel, com tanto que não fosse embaraço para a paz. Todavia os inconvenientes apontados por V. Ex. são graves, nós os reconhecemos, e deixamos á sua penetração, o que mais convirá. Sahir dahi, sahir quanto antes e com honra, eis o essencial. Os Paraguayos são ciosos de sua independencia; deixar-lhes-á o seu tyrano homens que a possam defender?... O instincto lhes mostra, que tudo têm a temer do seu visinho; de nós nada; ainda que no-la quizessem entregar, não sabemos o que della fariamos.

Emquanto não se organisa a administração paraguaya merecem attenção as relações das forças militares com os

Agentes Consulares — que se apresentam em Assumpção. O que fazem e o que pretendem? Por quem estão acreditados? Assumpção é hoje praça de guerra; n'um campo não se admitte diplomacia.

A policia dos Portos e Rios deve ficar a nosso cargo, — por accordo commum. O que significam Capitánias de Portos de alliados, que não têm nem um *buque*? Só serve para transtornar o serviço, e encobrir abusos, como os que já se têm dado, carregando nós com a responsabilidade, e servindo de bode emissario, como succedeo com o tão estigmatizado saque da capital *abandonada*.

Penso que V. Ex. deverá declinar quaesquer reclamações que receba dos sobreditos Agentes. Seria curioso que em vez de cobrarmos, pagassemos as despezas de guerra.

A' esta carta encontrará V. Ex. junta a copia de outra, que me escreveo o Ministro Inglez nesta Córte, o qual mostra grande *sympathia* pela nossa causa. V. Ex. lendo-a tirará o proveito que contiver.

Nada tem occorrido de notavel na sua Secretaria. Fico certo do que diz sobre o Jarbas, cujo pedido de demissão ainda não me chegou ás mãos.

Enviarei a V. Ex. o Machado — Vice Consul em Paysandú, para ser convenientemente empregado por V. Ex. Penso que elle poderá servir de muito pela sua actividade e conhecimento desses paizes."

Em data de 29 de Março de 1869 escrevia ainda Cotegipe a Paranhos: "O facto de haverem os alliados concedido á Legião Paraguaya o uso da bandeira nacional é como V. Ex. disse em sua nota (que vi publicada nos jornaes de Buenos Ayres) uma especie de reconhecimento da conveniencia da medida. E a proposito dessa concessão cumpre-me lembrar a V. Ex. que desde que ella realisou-se, a Legião Paraguaya não deverá estar subordinada a nenhum dos alliados, mas

operar independente — posto que sempre de accordo com os alliados. Para que seja isto mais regular, os seus Chefes podem formular o pedido como succedeo com o caso da bandeira. Em conversação com o General Paunero expuz todo nosso pensamento, conforme tive a honra de communicar a V.Ex. Posteriormente disse-me elle, que sua lealdade pedia que me declarasse, que havia recebido uma carta do Sr Varela, na qual dizia que a organização do governo paraguayoso seria nas circumstancias actuaes uma farça ou um escarneo (não me recordo a expressão propria), ao que respondi que o mesmo se poderia dizer de qualquer outro que fosse estabelecido depois da expulsão de Lopez, e que em todo o caso a influencia dos alliados seria indispensavel e util aos Paraguayos, que não têm pessoal apto para fornecer um governo — a não querermos estabelecer uma nova dictadura.

Estando no dia 28 o mesmo General com S. M. tivera longa conversação sobre os negocios da alliança, e como S. M. se dignasse narrar-me a dita conversação, aqui junto uma lembrança de seus principaes e mais importantes topicos.

Penso que com franqueza e verdade nada perderemos. Se nossos alliados teem vistas ambiciosas sobre o Paraguay, reconhecerão facilmente que não é chegado o momento, e que nada conseguirão com nosso consentimento. Os preparativos que se lhes attribuem, não influem em nosso espirito, porque não damos credito a semelhante imprudencia e imprevidencia. De nós nada teem que receiar desde que cumprão os tratados, e o cumprimento delles é do interesse de todos."

"E' condição de que não podemos prescindir a de um Governo Paraguayoso, provisório ou permanente. Se, o que é de esperar, o Governo Argentino não quizer contribuir para isto, minha opinião é que os Paraguayos o constituão, e nós o reconheçamos. Não vejo no tratado nada que se lhe opponha. Vejamos claro no pensamento do nosso alliado. A

nossa politica pode ser confessada á face do sol ; temos direito de exigir a mesma franqueza. Já lá foram-se os tempos dos Machiaveles. O velho Paunero é aqui uma especie de adormecedor, e não parece muito inteirado das intenções do seu Governo. Nós o tratamos muito bem e ainda agora fiz-me seu *agente commercial*, comprando para o Exercito Argentino 6.000 pares de sapatos, e cedendo dos nossos 4.000, e remetto-os gratis em nosso transporte. E' alguma cousa que ao menos mostra que desejamos ser agradaveis a nossos alliados ; mas não fação-se de moças requestadas."

E a 6 de Abril de 1869 : "Deixo de lado tudo quanto se refere ao Estado do Exercito e suas futuras operações porque S.A. partio daqui bem compenetrado da necessidade de imprimir-lhes maior vigor e actividade. Tudo nos induz a crêr que S.A. precisará antes de quem o contenha, do que de quem o estimule.

A noticia de que Lopez ainda se mantinha nas Cordilheiras e das tendencias attribuidas á Confederação, produziu máo effeito na Europa, descendo nossos fundos publicos. Receio que *um telegramma expedido na ultima hora de Buenos Ayres* — dando Lopez proximo a *Luque* e fazendo surprender nossos Piquetes — produza ainda peor resultado, quando combinar-se taes circumstancias com a partida do Principe. E' pois de urgente conveniencia, que alguma cousa se faça, que tire os Alliados de uma situação que parece inexplicavel, o que pode provocar ou animar as tendencias de algum Estado para uma mediação, que se converta em intervenção.

O meio obvio, e com que se conta na Europa, segundo nossas informações officiaes é a instituição do Governo provisoio paraguay, sem o que os alliados serão os proprios a dar testemunho, de que a Nação está com Lopez, e de que a declaração de ser a guerra contra este e não contra a Nação

Paraguay não passa de um verdadeiro sophisma destinado a occultar os fins da Alliança.

A repugnancia do Governo Argentino de prestar-se ás nossas vistas muito contribuirá para fortificar taes ideias, e para despertar outras não menos perigosas. E' no meu conceito fóra de duvida, que o nosso Alliado não deseja, que haja administração paraguay emquanto não concluir-se a guerra e Lopez não fôr expulso ou preso.

O *Nacional* que passa por folha que inspira-se no pensamento do Ministerio Argentino em um artigo — reproduziu as mesmas ideias que V.Ex. ahi ouviu, e o General Paunero aqui me communicou, como sendo as do Sr Varela. E' isto o ponto critico da missão de V.Ex., e a respeito do qual não nos é permittido fazer concessão. O receio de que deixemos Lopez a braços com o novo governo é pueril (se me é permittida a expressão), porquanto seria o sacrificio de todas as vantagens obtidas, e o prologo de uma nova guerra. O unico meio de chegar-se a um tal resultado — seria a nossa convicção — de que ou se pretende que carreguemos com todo o peso da campanha, ou que ha qualquer plano contrario á independencia do Paraguay. Que não queremos abandonar a Alliança sem levar ao cabo os seus principaes fins — prova o a nomeação do Principe. Tal suspeita ou nos é injuriosa, ou esconde outro pensamento inconfessavel. E' extraordinario que sejamos nós, — que temos o Paraguay á nossa disposição, quem se empenhe pela sua ressurreição politica, e que seja a Confederação — que lá não se sustentará 8 dias — sem a nossa coadjuvação, quem nos opponha embarços ! Que o governo provisorio ha de precisar de apoio, de soccorros, e por consequente ha de viver por algum tempo por nossa commum influencia — é fóra de duvida ; mas peor que tudo isso é o *vacuo*, o *nada*... A *insinuação de generosidade* de nossa parte é escusada ; sê-lo-hemos, e V.Ex. conhece a tal respeito nosso pensamento ; mas é mister, que sejamos *todos* gene-

rosos e a principal e mais util generosidade será aquella que doixe aos Paraguayos *posição e meios* para manterem sua independencia nacional. Essa posição to-la-hão elles — quando as *damas paraguayas* poderem ouvir *defronte de Assumpção o som do canhão Argentino* ? Em qualquer sentido as difficuldades serão enormes — para mantermos a vida num corpo exsangue, e quasi cadaver. Que guerra barbara e impolitica !... O meu maior horror a Lopez é ver com que sangue frio elle sacrifica um povo cheio de vitalidade á sua personalidade.

Como *especimen* de lealdade offereço a V.Ex. a traducção da Nota, que o Sr Varela dirigio ao Sr Riestra communicando os nossos triumphos do mez de Dezembro ; ahi nem uma só vez pronuncia-se o nome dos Brasileiros !... E' de mais !... (Carta de Cotegipe a Paranhos, 6 de Abril de 1869).

“As cartas dos nossos Ministros em Montevideo, e Buenos Ayres, a quem eu havia prevenido da nomeação de S.A. o Sr Conde d'Eu para Commandante de todas as forças brasileiras, informão-me de que fôra ella bem acceita por nossos Alliados, dissipando-se assim o receio — que nutrião alguns de que esse acto desse pretexto a intrigas, aliás infundadas. Pelo que V.Ex. diz-me é provavel, que S.A. ainda encontre V.Ex. em Assumpção, o que estimarei ; e ainda mais, se como V.Ex. suppõe, o Governo Argentino resolver-se a enviar um agente seu, que em Assumpção trate com V.Ex. e o Ministro Oriental da urgente questão do governo paraguayoy.

O imprudente e injustificavel procedimento do General E. Mitre — recrutando os paraguayos não pode passar sem um protesto, — que não deve se limitar a conversação ou palavras, mas ser consignado em documento escripto. Uma tal medida não só é contraria ao Tratado e principios de

direito das gentes, como tãobem prejudica nossas vistas de atrahir a população e com ella fundar um governo. Uma explicação franca pedida ao Governo Argentino descobrirá, se E. Mitre obra por si, ou autorizado. Em qualquer das hypotheses não podemos consentir sem desar, em que assim se pratique. Tudo quanto eu teria a dizer sobre a organização do governo provisório — já tem sido por demais exposto nas minhas cartas anteriores, que confirmo.

Quanto ás operações militares nada me cumpre adiantar. Lembro somente — que é tempo de empregarmos a força que temos no Aguapehy, e que nenhuma utilidade ha em occuparmos Coimbra, Corumbá, etc. — que não são ameaçados. Quem invade deve marchar para a frente, e as forças destinadas áquelles pontos — melhor emprego terão occupando Conceição, S. Salvador, etc..

Receio que não colhamos completo resultado da marcha do Exercito em um só corpo, alem das difficuldades da marcha. Temos gente sufficiente para encommodarmos o inimigo em mais de um ponto, e cortar-lhe a recta-guarda. Esta segunda phase da guerra não pode ser de guerra methodica.” (Carta de Cotegipe a Paranhos, 7 de Abril de 1869).

“As suas noticias são mais animadoras, porque emfim — bem ou mal — começa o Exercito seu movimento: era o mais custoso. S.A. vae achar as operações começadas, e lhes dará impulso. As susceptibilidades militares se dobrarão deante de seu nome. Formo idéa de quaes não serão as pretensões, quando até o modesto general Guilherme mostra-se sentido por não receber a nomeação effectiva, quando devera ser o primeiro a reconhecer o seu estado de saude, que compromette sua responsabilidade.

S.A. foi muito bem recebido em Montevideo, e é de crer que igualmente o seja em Buenos Ayres, onde V.Ex.

encontrará, eu assim o espero, o Governo mais bem disposto a acqiecer ás nossas vistas.

Eu não quero que levemos tudo á *bayoneta*, *est modus in rebus*, mas não desejo tambem que sejamos burlados naquillo que é essencial á nossa segurança e interesses. Nas expansões do dia 14 V. Ex. foi *expansivo de mais*, propondo que nossos alliados apresentassem *candidato* ao Governo do Paraguay. Supponho porem que V.Ex. *reservou-se o direito de recusa-lo, se não conviesse.*" (Carta de Cotegipe a Paranhos, 12 de Abril de 1869).

"Desde que morreu (ao menos por enquanto parece que está morta) a idea de absorpção, não enxergo pretexto, e menos razão, — para que se procrastine a organisação do Governo Paraguay. A solemnidade da entrega das bandeiras é um passo dado nesse sentido, e a representação dos diversos *matizes paraguayos*, que V.Ex. annuncia, maior impulso dará á idéa.

Li copia de uma carta do Sr Riestra escripta ao Clarck, na qual dizia que a união do Paraguay á Confederação seria um funesto presente. Si é sincero, provavelmente terá escripto no mesmo sentido ao seu Governo e lhe communicado que semelhante pensamento era reprovado na Europa.

Pelo que nos toca só dou valor a isto pela maior facilidade que encontrará V.Ex. para as negociações, não que receie que sejamos tão grosseiramente illudidos. No presente temos meios para *oppor embargos* á reivindicação do antigo Vice-Reinado : *de futuro solus Deus.*

Acrescentava a carta que o *mais* que pretendia a Confederação era uma *porção do Chaco*. Ora não é provavel que Riestra ignore os termos do Tractado — que adjudica á Confederação, não uma porção ou *todo o Chaco*. Será que esperam que nós reclamemos em favor do Paraguay *outra porção* ou que estejam dispostos a *cede-la generosamente* ?

V.Ex. sabe, que o desejo de acabar com a guerra sem novas complicações, e a lealdade na observancia do pactuado, posto que soberanamente prejudicial ao Paraguay e injusto, foi que levou-nos a não fazer questão sobre semelhante ponto. Todavia, se V.Ex. vir que pode conseguir, que não fique a Confederação fronteira á Capital Paraguaya, e confinando com Matto Grosso, não se descuidará de empenhar seus esforços para esse resultado, — que a todos os alliados offerece garantias de paz no futuro. De outra sorte temo que assignemos apenas uma tregoa mais ou menos longa.” (Carta de Cotegipe a Paranhos de 15 de Abril de 1869).

★ ★

Sñr Itaborahy

Mando-lhe estes papeis para distribuil-os convenientemente.

As obras de que trata o decreto de credito proposto pelo Ministro da Marinha são indispensaveis, pelo que posso julgar dellas ; mas convem que s'examine a legalidade do credito.

D. Pedro 2.º

25 de Fevereiro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

O “S. Jozé” já está de fogo acceso, segundo o que hontem ficou assentado com o ministro da guerra, e acabo de vel-o no mar. O transporte que se espera pode demorar-se assim como o “Annicota”, por tocar em “Paranaguá”.

Manda a minha carta ao Paranhos, ou communica-lhe na sua carta o que eu observei?

D. Pedro 2.º

25 de Fevereiro de 1869

Temos aqui o "Guaporé" e o "Arinos".

★ ★

Sñr Cotegipe

Escreva ao Paranhos no sentido de activar as operações contra Lopez.

Paranhos diz que se demoraria 15 dias pelo menos em "Assumpção". Tendo chegado lá a 20 de Fevereiro sahirá dahi a 7 de Março e não poderá dar-se desencontro com a carta que leva o "Annicota" ou a segunda via de sua carta que levou, na 5a.-fr, a noite, o "S. Jozé"?

Previna como puder esse inconveniente pela "Izabel" que hoje parte.

D. Pedro 2.º

28 de Fevereiro de 1869

Logo mandarei a carta e officio.

★ ★

Sñr Cotegipe

Demorei a carta do Paranhos e officio do Elizario para reflectir um pouco sobre seu conteudo.

Cumpra examinar o estado da estrada de ferro de Assumpção até Sapocay ou o ponto a que já chega, e tomar quanto antes as medidas precisas para a aquisição da locomotiva e dos wagons. Julgo que o trabalho a fazer no terreno será quazi exclusivamente o de tornar a collocar os trilhos; mas é preciso que não nos demoremos se não quizermos ter que fazer alguma obra de importancia.

Parece-me que o mais seguro seria mandar d'aqui um engenheiro que entendesse do trabalho que deve dirigir, e se encarregasse de comprar no "Rio-da-Prata" o que fosse necessario.

Podemos ter noticias d'Assumpção mandadas pelo Paranhos até 10 do proximo mez e ter-se-á de mandar então algum vapôr, que deve levar as providencias que reclama o restabelecimento do trafico da estrada de ferro do Paraguay. Não ha tempo a perdêr.

Consulte o Braconnot que já deu bom parecer a respeito dos trilhos que estabelecemos no Chaco, e tanto nos servirão.

D. Pedro 2.º

28 de Fevereiro de 1869

"Creio que já á V.Ex. fallei na estrada de ferro paraguaya, que convem aproveitar. Assegurão-me em Buenos Ayres que alli se podem obter os wagons e locomotivas. Os trilhos do Chaco poderão servir, se tivermos engenheiros" (Carta de Paranhos a Cotegipe, datada de "Paraná, em frente a Goia", 17 de Fevereiro de 1869).

## Sñr Cotegipe

Chegaram o "City of Linnerick" e o "Alice" do Rio da Prata. Que trouxerão?

O S. Vicente entregou-me a inclusa representação em nome do Mauá, a qual julgo digna de toda a consideração.

D. Pedro 2.º

28 de Fevereiro de 1869.

"O governo assentou não fazer reclamação official sobre as questões dos bancos de Mauá com o Governo Oriental, não prohibindo que particular e officiosamente a legação dê algum passo. O Visconde de S. Vicente entregou pessoalmente a S.M. o requerimento por elle assignado solicitando nossa intervenção — sem que previa ou posteriormente nos dissesse palavra! Este procedimento presta-se a reflexões que excuso fazer." (Carta de Cotegipe a Paranhos — 8 de Março de 1869).

"V.Ex. fallou-me na questão do Mauá em Montevidéo, e no passo ahi dado pelo Visconde de S. Vicente. O procedimento deste revela grande desgosto, e que o teremos pela prôa no Senado. O Mauá é victima de uma guerra injusta e desleal, que não é feita só ao banqueiro, mas tambem ao cidadão brasileiro.

Entendo que a legação lhe deve prestar francamente todo o apoio que elle merecer e esteja ao alcance della, sem todavia levar o apoio ao ponto de perturbar nossas relações com o Governo Oriental. Estamos vendo que os inglezes arriscam a vida de um official pelos desertos do Paraguay, para tentarem salvar a familia de Stewart e outros subditos britannicos. Outra não é a pretendida commissão do commandante Parsons. Em Montevidéo e Buenos Ayres, e mesmo nessa Córte, vemos como os extranhos protegem os seus,

muitas vezes sem razão. Seremos nós menos protectores do nome e interesses Brasileiros, quando se trata de um Brasileiro respeitavel e de interesses legitimos e avultados ? Pode-se dar a protecção, que, a meu ver, é de rigoroso dever, sem nenhum inconveniente. O nosso silencio ou pouco zelo fará crer que no juizo do Governo Imperial Mauá não merece consideração, quando elle a tem da gente imparcial de Montevideo e da directoria do Banco Provincial de Buenos Ayres, que é hoje uma verdadeira potencia.

Fação V.Exs. o que quizerem, mas este é o meu humilde parecer. Em todo o caso rogo a V.Ex. que seja superior ás mostras de máo humor do Visconde de S. Vicente, e o chame á sua posição de amigo. Nesse andar nos dilaceramos e não sei quem governará o paiz." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 24 de Março de 1869).

"Sinto divergir da opinião de V.Ex. em relação ao apoio que devemos prestar ao Mauá, contra quem nenhuma prevenção tenho. Autorisei o Gondim para fazer alguma coisa sem character official, e isto por duas razões capitães : 1.º - porque ignoro até que ponto seria levada a questão, e que influencia teria sobre as nossas relações politicas com a Republica, de cuja boa vontade precisamos ; 2.º - porque não estou convencido *do direito* que assiste ao Mauá para exigir que se lhe conceda o que o Governo quer justamente restringir, isto é, a emissão de *papel-moeda*. E' ponto muito delicado e para o qual devemos olhar mais de uma vez, antes que lhe demos uma solução, da qual depois não possamos recuar. Deixe estar V.Ex. que elles por si desembrolharão esta meada, que nossa intervenção só serviria de mais embaraçar. V.Ex. pode se quizer, intervir officiosamente para algum arranjo ; mas certo de que não autorisamos nada de official". (Carta de Cotegipe a Paranhos, 7 de Abril de 1869).

Vide Alberto de Faria - "Mauá" - cap. XXI, pag. 377.

“A crise economica acha-se já imminente. Palavras imprudentes ou malevolas, proferidas pelo ex-gerente do Banco Mauá, Berro, aggravão a situação d’aquelle estabelecimento de credito. Desde ha dias soffre elle uma verdadeira corrida, e se esta continuar não terá elle outro remedio senão fechar as suas portas ; porquanto, ao passo que os credores da caza correm a retirar d’alli os seus depositos, não pode ella obter que lhe paguem, sequer cem mil pesos dos dois milhões e meio que lhe devem em conta corrente muitas das melhores firmas desta praça !

Estive hontem á noite com o General Battle. Acompanhou-me o Barão, que lhe fez uma exposição mui clara do estado dos negocios. Quanto a mim, instei vivamente com S.Ex. para que tomasse com urgencia alguma medida salvadora ; mas só obtive boas promessas de que faria o que estivesse nas suas faculdades. O Barão ficou de lá voltar hoje ; mas muito temo que nada se consiga.

Sobre os receios de invasão de Blancos capitaneados por Lopez Jordan, nada posso accrescentar ao que ahi consta e V.Ex. encontrará na “Tribuna” de hoje. O Governo Oriental diz que existe na Campanha força mais que sufficiente para bater os invasores apenas pisassem o territorio da Republica.” (Carta Particular de Araujo Gondim a Paranhos, Montevideo, 11 de Fevereiro de 1869).

“Por aqui vou vivendo, um tanto restaurado de saúde e animo — no oratorio enquanto não entra o vapor Francez sobre o meu futuro. — O certo he porem que se a gente do Banco do Brasil não me abandona — estes aqui preparão-me um triumpho *d’estrondo*. Já, todos a uma, excepto meia duzia de malevolos, reconhecem o estupendo desatino que commetterão. Um brado d’indignação contra o Governo o desejo que eu apresente condições de *reparação* já se manifesta — e de facto a vida economica do Pays está *paralisa-*

da . ninguém compra ou vende, paga ou recebe os insignificantes descontos de somas mesquinhas dos melhores títulos são a 3 % ao mez. O Governo para dar 6000 pesos ao seu enviado ao Paraguay teve de vender *papel sellado* aos boçados. A Alfandega está deserta, os sulladenos do littoral todos parados — os d'aqui matando as poucas tropas que estavam em caminho. Querião liquidar esta casa dando praso largo aos devedores e reformando *todas as letras* — opuz-me a isso, e o cataclisma he de tal ordem que os assombra — marchamos para os *cahos* findos os 90 dias que marquei para os devedores em *c/c* solverem seus debitos (se fosse possível chegar até lá sem explosão). Estou, pois, calmo e decidido á espera dos successos — o colosso *deitado* esmaga com o seu peso dois terços de Montevidéo!" (Carta de Mauá a Paranhos, Montevidéo, 26 de Fevereiro de 1869).

"Muito agradeço a V.Ex. a cooperação que me offerece de sua poderosa intervenção a favor das justas exigencias da Casa Mauá perante o Governo Oriental, escrevendo ao General Battle — que he hoje o *unico* voto duvidoso senão hostil para que se me faça justiça. Creio porem melhor esperar a vinda de V.Ex. visto que a casa está funcionando e vae suavemente recobrando suas forças. Até lá terão *esgotado* as tentativas que fazem para conseguir estabelecer uma organização financeira que levante da prostração em que s'encontrarão as forças productivas do Pays (em que oxalá sejam bem succedidos) pois depois de reconhecida a *impotencia* de outros elementos — he mais facil fazer ao proprio General Battle ouvir a razão, e conhecer o erro grosseiro que cometerão de que hoje já está convencida mesmo a *vasta maioria* dos que me eram hostis." (Carta de Mauá a Paranhos, Buenos Ayres, 21 de Dezembro de 1869).

"Agradeço-lhe do fundo d'alma as expressões amistosas e sentidas de sua carta de 28 do passado que acabo de receber. São ellas um balsamo a meu coração e um consolo e

animão-me na lucta em que estou empenhado. O colosso deitado não esmaga só a metade de Montevidéo porem toda a Republica: fervem os projectos de reparação — a tudo me mostro indifferente. Se votar o Corpo Legislativo uma reparação *condigna* he provavel que me aproveite della para *liquidar* melhor desde que reconheço que a acção dos governos he sempre demorada. Se não houver cousa muito accetavel em poucos dias, principio a mandar abrir fallencias ás duzias, creando uma situação insupportavel. No entanto parece que tenho a meu favor alem do direito e da razão, o corpo legislativo em sua maioria, e as massas e portanto não deixo de ter posição vantajosa para luctar. O Banco do Brasil comportou-se muito bem, de que não tenho ainda os detalhes, — no Rio e em S. Paulo a noticia não produziu senão indignação contra estes Gauchos — o Norte está independente. — No Rio Grande a maldade de um individuo em fazer um telegramma do peor character para Pelotas produziu uma corrida — felizmente ali, e a influencia dahi resultante no Rio Grande e Porto Alegre, as casas tinham fortes quantias em caixa, e por isso conto que não ha novidade fóra daqui, tendo-se em Buenos Ayres aguentado a casa muito bem como V. Ex. sabe. Não perdi pois minha posição, graças a Deus, e não he impossivel um triumpho *completo*." (Carta de Mauá a Paranhos, Montevidéo, 4 de Março de 1869).

"Al cerrar esta carta me dicen que nuestro amigo Mauá acaba de cerrar el Banco en Montevidéo.

No puedo dejar de rogar a V.Ex. qué attienda á la situación de aquel nuestro excelente y benemerito amigo. Existe em Montevidéo el proposito, antiquo, de matar aquella casa, arruinandola; y ese proposito que es el de um circulo que V.Ex. conoce, que le tratará bien ostensiblemente pero que no hará bien, está favorecido por el desgobierno en que vive aquel pais.

Sin embargo, en este momento la palabra de V. Ex. cerca del Sr Battle, tendria eficacia, en la forma en que V.Ex. puede emplearla.

No deje de hacer lo que pueda por Mauá.—Haciendo por el hace V.Ex. por sú Pais. Créa lo que le digo.” (Carta de Andrés Lamas a Paranhos, em P.S., S/C, Piedad, 215, Febrero, 12 - 1869).

“Emquanto a *mim*, animados pela acção tardia do Brasil em amparar-me contra as suas iniquidades redobráo de injustiças, accintes, e as violencias, supondo-me abandonado. E na verdade o que *me diz respeito* corre no Rio de Janeiro *demasiado* vagarosamente, ainda faltavão ouvir 2 Conselheiros d’Esta do no dia 2 do corrente, de sorte quenem sei quando virá a protecção promettida ; ao passo que as minhas estancias estão sendo saqueadas pela força publica. Uma partida de 12 homens commandada por um Alferes tentou mesmo assassinar um dos administradores de que desistirão vendo que o attentado encontrava *resistencia armada dentro de casa*. Aqui practiço contra *mim* toda a classe de picardias, e que outra cousa posso esperar de D. Duncan Stewart — o ministro signatario do decreto de 21 de janeiro do anno passado ? Ministro nomeado *ad hoc* pelo presidente Battle para hostilizar-me, sem mesmo reflectir que era *extrangeiro*, e que portanto sua referenda aos actos de violencia praticados equivalia a uma firma falsificada para autenticar documentos publicos que tinhão de produzir os mais prejudiciaes effeitos, contra terceiros.

Depois de promulgada a lei de 4 de Maio appareceu o celebre regulamento em que no artigo 13 se incluiu uma disposição expressamente destinada a hostilizar o Banco Mauá, aparentando ser applicavel a outros Bancos que o Ministro sabe não pensão nem podem rehabilitar-se l e não obstante ser o parecer fiscal esmagador, provando claramente que o

Banco Mauá legalmente rehabilitado está nas condições do direito *commum* applicavel aos Bancos, e no pleno gozo dos direitos que outros exercem, a chicana predomina, e a intervenção da junta de credito publico cuja maioria quer saquear o Banco, he autorisado pelo Ministro a crear defficuldades, e se lembram até d'extravagancias para o conseguir. No entanto o Vice Presidente Vidal está desde hontem ao facto dessas infamias e veremos o que surdo, e tendo tomado *hoje* novamente conta da carteira de Relações Exteriores o Sr. Rodrigues que não *supponho* hostil talvez desistão do seu intento de pôr em duvida a rehabilitação do Banco! Pois tal he a pretensão da celebre junta, a pretexto de que o Banco fez concordata, o que he patentemente falso, desde que o que existe he um convenio feito por mim, individualmente, pelo qual os credores do Banco Mauá *trocarão* os seus titulos de credito por outros só por mim firmados. O furor satanico de perseguir-me da parte dos malvados a que desgraçadamente as armas do meu Payz derão influencia e poder nesta Republica não tem limites! — Continuarei porem a resistir-lhes emquanto tiver folego." (Carta de Mauá a Paranhos, Montevideo, 9 de Junho de 1870).

★ ★

### Sñr Cotegipe

Consta-me que chegou Mr Gobineau Ministro da França e que traz livros para mim. Elle pode fallar-me amanhã no paço da Cidade ás 2 horas da tarde.

D. Pedro 2.º

9 de Março de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Chegou o transporte "Bonifacio" com officios do Paranhos e provavelmente tambem do Elizario. O que tiver recebido de importante mande m'õ ao Arsenal da Marinha se não couber no tempo recebê-lo eu antes das 9; hora que saio. Nada recebeu da Europa pelo "Savoie"?

D. Pedro 2.º

11 de Março de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Li com a possivel attenção as commu-  
nicações que restituo menos o relatorio da  
expedição fluvial até Cuyabá, que logo man-  
darei ou lhe darei.

Muito me agradam as particulares do  
Paranhos; mas a respeito de Guilherme Xa-  
vier de Souza já fiz algumas reflexões, quando  
restitui ao Muritiba a carta de 27 de Fevereiro  
d'aquelle general, e aguardo ancioso a res-  
posta de Paranhos ás cartas que o Sñr lhe es-  
creveu pelo "Annicota" e o "S. Jozé".

O Elizario decerto que hade sabêr que o  
Pirebebuy e o Jejuy são rios que tambem po-  
derão facilitar as operações militares no in-  
terior do Paraguay.

Já se entendeu com o Muritiba sobre o  
que escrevi ao Sñr relativamente á estrada de  
ferro de Assumpção a Paraguay ou mesmo  
alem? Creio que o que se tem já feito por lá

não basta, e que a ida prompta de um engenheiro de estradas de ferro seria muito conveniente.

Creio que convem publicar também os depoimentos remettidos; mas sem declarar os nomes dos que depuzerão.

A 15 sobe transporte para Assumpção.

D. Pedro 2.º

11 de Março de 1869

“A innacção das nossas forças não era só consequencia daquella crença (a de haverem exercito e marinha completado a sua missão), era também effeito necessario da retirada do Marquez, levando consigo para Montevidéo a autoridade de General em Chefe. O seu substituto interino julgava-se commandante do 1.º corpo do exercito, e quanto ás funcções do commando geral, limitou-se ao expediente indispensavel.

Previ logo o mal da situação, e por isso vim correndo para o nosso Quartel General.

O recebimento do General Guilherme penhorou-me, e habilitou-me para animal-o a obrar desembaraçadamente e para desvanecer por entre a nossa officialidade a idéa de paz com Lopez. Creio que hoje já todos estão persuadidos de que as operações militares vão continuar, e estão dispostos para ellas, ainda que o desejo de regresso era quasi um mal epidemico.

Tenho auxiliado o General Guilherme na investigação dos pontos que o inimigo occupa, dos elementos de guerra de que elle dispõe e por onde pode ser retirado e batido. Para isso não é preciso ser general; basta alguma perspicacia e simples noções de topographia militar, que devo saber.

O General Guilherme é bom character, bravo, prudente, e de intelligencia não commum. Parece-me também que não

lhe falta tino administrativo e pericia militar. E', porem, para lamentar que a sua molestia chronica lhe não dê tanta actividade de corpo como tem de espirito.

E' modesto e da mais escrupulosa lealdade. Hesitou um momento se devia pedir a sua exoneração, receiando que seus encommodos se agravassem, mas eu tremi com a idéa de uma nova intermittencia no commando em chefe, estimei-o e elle reanimou-se, declarando-me que morrerá no seu posto, se fôr preciso. (Carta de Paranhos a Cotegipe, de 27 de Fevereiro de 1869).

"O General Guilherme recebeu hontem uma carta do Sr Ministro da Guerra, mas não creio que os termos muito honrosos desta lhe tenham feito passar sem reparo o facto de não vir a sua confirmação no commando em chefe. Todavia, elle, hontem não mostrou-me resentimento, antes vi-o muito animado no trabalho de providencias para o proximo movimento de nosso exercito.

Eu ignorava que elle estivesse nas idéas do Sr Marquez por convicção propria. Não m'o revelou, antes accitou sem repugnancia a declaração que lhe fiz em nome do Governo Imperial.

O que lhe falta é o que eu já disse a V.Ex., sendo o mais sensivel o seu estado de molestia chronica, que até o priva de inspecionar uma ou outra vez os exercicios que se têm feito nesta cidade. Bôa vontade sobra-lhe, e sua capacidade intellectual é sufficiente.

Elle conta com os Generaes João Manoel Menna Barreto, Jacyntho Machado Bittencourt, Camara e Vasco Alves. Tem me dado a entender que marchará tambem, mas eu creio que não poderá ir longe, se não fôr com o auxilio da estrada de ferro, pela qual em duas horas vence o espaço de Luque a Paraguari.

Alguns órgãos da imprensa argentina começam a censurar o Sr General Guilherme ; não o fazem com boa intenção, mas sem o quererem, estão justificando a nomeação em que o Governo Imperial pensava.

São os interesses servidos ou malogrados dos pretendentes a fornecimentos do nosso exercito que motivão taes censuras ou os elogios que lhes são oppostos. Irrita ver como todos querem lucrar por aqui á custa do nosso Brasil. Até Ministros Argentinos dizem que andam mettidos nisso.

Creio que o General Guilherme é um homem honesto, e que, se não mudou de fornecedores de viveres foi porque não quiz innovar agora o que se tinha admittido durante quatro annos e não é facil substituir. Tenho fugido de envolver-me nesses negocios. Até o Sr Elizalde cá veio e ainda aqui está, como advogado e protector de fornecedores." (Carta de Paranhos a Cotegipe, 14 de Março de 1869).

A molestia do nosso General é um mal que ninguem poderia vencer... Estou triste porque devemos estar em vespuras de marcha, e o General não pode sahir senão em carrinho. Ha portanto silencio e frieza em lugar de enthusiasmo e movimento.

. . . . .

Tencionava partir para Buenos Ayres a 27 ou 28 e já receio que não o possa fazer antes dos primeiros dias de Abril, porque, como eu sinto, e veio hontem ponderar-me o Almirante, sou a alma do nosso corpo de Assumpção ! Sempre me toca lidar com General enfermo, posto que de excellente character ! Da outra vez achei-me com o Barão de S. Gabriel, phtisico no 3.º gráo. E' honra ou infelicidade ?" (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 24 de Março de 1869).

"O General Guilherme não recebendo agora a sua confirmação percebéo que está em posição incerta e resentio-se.

Tranquillisei ao Marechal que tambem soffre até certo ponto desse sentimento de sobranceiria que se tem animado com excesso nos chefes militares... assegurando-lhe que o Marquez não voltava tanto que se tinha suscitado a idéa da vinda do Snr Conde d'Eu. Ponderei-lhe que a demora na exoneração do Marquez, por delicadeza para com este, e a incerteza em que estava o Governo de poder elle Marechal comportar todas as fadigas da campanha, explicavão o facto da continuação da sua interinidade. Insinuei assim a hypothese que provavelmente vae verificar-se, e aconselhei-lhe que como militar, vá cumprindo dedicadamente o seu dever de General em Chefe *até onde lhe for possível*. Creio que retirou-se acalmado. Tinha elle chegado ao ponto de dizer-me que se não tivesse annuciado hontem, no caderno de ordens, a marcha do exercito, para o dia 3, não marcharia, solicitando por este paquete sua demissão, desse no que dêsse.

Hoje quasi todos os chefes se julgão homens necessarios, todos são mui sensiveis, todos querem ser rogados, todos são mais ou menos sobranceiros. O elemento militar conheceu que a epocha lhe dá preponderancia e é zeloso desta. Seja isto dito de passagem a proposito do máo humor do Marechal Guilherme, que aliás parece reconhecer o cuidado com que tenho evitado ferir seo amor proprio, no auxilio que lhe presto e de que elle carecia. Creio que o Marechal marchará no dia 3, como estava assentado, mas sua marcha ha de ser lenta, porque celeridade não é compativel com suas forças phisicas e o exercito carece de cavahada. Espero, porem, que, segundo tenho suggerido, a vanguarda que deve ser forte, se adeante um pouco ao grosso do exercito.

Quanto á escolha do Principe, já disse o que estava de minha parte, e vou esperal-o em Buenos Ayres. Deus queira que S.A. traga consigo todos os auxiliares que lhe serão precisos, como já indiquei em carta ao Sr Barão de Muritiba." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção 31 de Março de 1869).

★ ★

Sñr Cotegipe

A numeração das fés d'officio indica preferencia de merecimentos para a promoção, segundo o meu juizo.

Não posso comparar os serviços dos primeiros cirurgiões pela falta de fés d'officio. Vejo na lista nomes de individuos que parecem-me ter mais serviços de guerra para a preferencia do que o Mesquita.

Mande fazer o trabalho comparativo dos serviços de guerra de todos, e sabbado poderá ficar resolvida a promoção.

D. Pedro 2.º

18 de Março de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

O que tiver recebido de interessante do Rio da Prata pelo "Newton" mande-me ao Externato do Collegio de Pedro 2.º rua larga de S. Joaquim onde estarei desde as 10 horas.

D. Pedro 2.º

19 de Março de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Concordo com o que diz a respeito de nossos direitos em seu officio ao Azambuja; mas eu

não o farei retirar-se senão depois de ainda tentar obter a concessão do congresso, que talvez ainda trabalhasse quando chegou lá o officio. A publicação da memoria em defesa de nossos direitos ao "uti-possidetis de facto" pode ser vantajosa.

D. Pedro 2.º

22 de Março de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Li ás pressas os papeis que mandou-me, e enviei-os taes quaes a meu genro para elle lel-os. Deve restituir-m'os amanhã ás 9 da manhã. Não fechei a carta do Paranhos para elle; por isso que nestes casos deve haver toda a franqueza.

D. Pedro 2.º

29 de Março de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Como, segundo conversamos, ha necessidade de navios pequenos para policia dos rios do Paraguay, lembro-lhe que se podem mandar as lanchas a vapor da "Nictheroy" e da "Vital-de-Oliveira" e as duas do serviço "geral" do Arsenal que se poderá fazer com escaléres.

Seu collega da guerra tem de mandar por esses dias um vapor, pelo menos, e a remessa das lanchas creio que é urgente.

O vapor "Lamego" pode ficar prompto de tudo em pouco tempo e empregando-se os meios, tambem se acabarão da mesma forma as lanchas, que estão em mão no Arsenal, e cujas machinas estão quazi feitas, usando-se já as caldeiras.

O corte do resto do morro é indispensavel por completar-se a fundição, e, se não se fizer e abrir por empreitada, sobretudo não se augmentando os trabalhadores actuaes, nem em 3 annos ficará concluido.

D. Pedro 2.º

31 de Março de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Acho sabado bom dia

D. Pedro 2.º

1.º de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

O "Arno" chegou esta manhã. Não traria noticias de algum interesse ao menos em diarios do Rio da Prata?

Se a expedição partiu a 20 ou mesmo depois, já alguma cousa se podia saber em Montevideo á sahida do "Arno".

D. Pedro 2.º

4 de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Será bom esclarecer o publico sobre a pouca veracidade de noticias desagradaveis do Paraguay.

Seu collega tem carta do Guilherme de 22 ; mas poderia haver noticias posteriores, em Buenos Ayres que chegassem pelo telegrapho a 29, depois da carta do Gondim.

Logo mandarei cartas para meu genro que irão pelo "Arno".

D. Pedro 2.º

5 de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Mande esta carta e este embrulho a meu genro pelo paquete "Arno" recommendando á nossa legação em Montevidéo que os envie a seu destino pelo primeiro vapor que os leve com segurança a onde estiver meu genro.

D. Pedro 2.º

5 de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Guardemo-nos dos que se dizem "agora" muito amigos nossos, deprimindo nossos aliados. Cumpre estarmos de sobreaviso ; mas convençamo-nos de que mais inimigo nosso será sempre Lopez.

Porque tanta demora em fazer a ponte do Yuquery? Creio que ha de ser o novo com-

mandante do exercito quem levará a este ao interior, e de modo que cerque a Lopez.

D. Pedro 2.º

6 de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Mande esta carta pelo "Bourgogne" que sahe amanhã ás 10 horas para o Rio da Prata.

Que houve hontem com o vapor inglez á sua sahida?

D. Pedro 2.º

9 de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Parece-me urgente a remessa das lanchas a vapor, de que já lhe fallei.

Já li a communicação do Paranhos ao Muritiba. O plano do Guilherme talvez seja bom ; porem eu já lhe disse o que pensava a tal respeito.

Tomára já saber que o novo commandante chegou ao exercito ! Creio que será elle quem encetará as operações contra Lopes. A força que pretendião mandar para o Norte commandada pelo Bueno, parece-me pequena, segundo li no que o Paranhos mandou dizer ao Muritiba.

D. Pedro 2.º

11 de Abril de 1869

**Sñr Cotegipe**

Creio que se deve publicar quanto antes o que referiu Cunha Mattos. O que julgo é indispensavel supprimir leva riscos cruzados.

A familia do consul Barboza é digna de toda a contemplação, e elle deixou viuva, segundo creio.

O nome de Urbano Jozé de Moura deve ficar lembrado, para occasião opportuna : pois tem familia ainda sujeita á perseguição de Lopez.

Sobre remessa das lanchas a vapôr lembrarei que temos que explorar : Manduvirá ; Peribebuy ; Jejuy ; Tibicuary ; Ibycuy e talvez outros rios. Não se perde por mandar demais, e a carta do Eliziario prova que elle está em apuros. Ainda insisto ; porque sei que muitas vezes não pedem de lá ; porque pensão que não haveria aqui, facilmente, o que peção, e mesmo entre os nossos não costuma, em geral existir toda a precisa previdencia.

D. Pedro 2.º

12 de Abril de 1869

“Pode V.Ex. remetter para o Paraguay as duas lanchinhas a vapôr, que alli são mui necessarias, e prestarão bons serviços. Eu havia recommendado á Intendencia que para lá remetesse os canhões obuses pertencentes ás duas primeiras que já estão na Esquadra, assim como para Montevidéo os que devião ser montados nestas outras duas. Convem pois que V.Ex., á vista desta nova resolução, tambem envie com

as lanchas a artilheria respectiva, que já terá recebido." (Carta de Cotegipe a Pereira Pinto, 12 de Abril de 1869).

★ ★

### Sñr Cotegipe

Li com attenção as communicações que restituo. Penso, como o Paranhos, que havendo constancia e prudencia energica tudo conseguiremos.

Da carta do Menna Barretto transparece o defeito que vão revelando os melhores militares do Rio Grande de pensarem demais em politica. Elle julga que não pertence ao partido de Ozorio. Comtudo é bom ouvir e ler o que qualquer diga ou escreva.

D. Pedro 2.º

16 de Abril de 1869

"A estadia de V.Ex. em Assumpção era indispensavel e produzio o melhor resultado, sendo um dos principaes o de ficar V.Ex. conhecendo o pessoal do nosso Exercito, suas queixas, aspirações, etc.. Devolvo-lhe a carta do General Menna Barreto, o qual parece estar prevenido contra o Herval, cujos conselhos tenho por sinceros; em outros topicos é ella digna de meditação. O remedio principal é leval-os ao fogo, porque perante o inimigo desaparecem os descontentamentos. Um exereito de voluntarios será sempre *frondeur* e difficil de manejar. Emquanto lá estiver ha de cumprir seus deveres: a volta é que me causa apreensões — não só pelas *pretensões*, como principalmente pelo trabalho que hão de fazer sobre elles os politicos de *reforma* ou *revolução*." (Carta de Cotegipe a Paranhos — particular n.º 11, sem data).

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Não soube por nossa legação de Montevideo do motivo porque o contingente oriental não marchou com o nosso exercito de Assumpção?

Trazem alguma cousa de interessante as folhas do Rio-da-Prata?

O Paunero disse que tinha mandado para o Diario — creio que o official — uma relação circumstanciada de tudo o que tinha succedido em “Buenos-Ayres” durante a estadia de meu genro ; o Sñr já a leu?

D. Pedro 2.

19 de Abril de 1869

“O que dirão os inimigos da alliança, e do Brasil, facil é prever ; mas como iguaes accusações são dirigidas á Confederação — aqui, na Europa e Rio da Prata e não havemos sacrificar os graves interesses de guerra a susceptibilidades ou intrigas — não hesitamos na escolha” (do Conde d’Eu). (Carta de Cotegipe a Gondim, 24 de Março de 1869).

“Procurei immediatamente S.Ex. o Snr Presidente da Republica, e de conformidade com as ordens de V.Ex. dei-lhe officiosamente conhecimento dessa resolução do Governo Imperial e das razões que a motivavão. O Snr General Battle mostrou agrado ao receber a minha communicação, sobre tudo quando ouvio-me referir as provas de marcial bravura por S.A. dadas nas inhospitas terras de Marrocos, o que não só lhe valeram o ser condecorado sobre o campo de batalha, como lhe grangearam o respeito e a estima de todo o exercito hespanhol que fizera aquella gloriosa guerra.

Vi uma carta do General Paunero ao mes-

mo Sr Thompson em que se exprime de um modo mui li-songeiro sobre a escolha de S.A.R. para aquella importante missão." (Carta de Gondim a Cotegipe, 29 de Março de 1869).

"O Principe foi bem acolhido, e a gente mais illustre comprehende que a sua vinda só prova grande empenho da nossa parte em acelerar o desejado termo da presente guerra. Todavia o *Republica* não deixou de dizer das suas e até o *Nacional* que é Sarmientista commettêo a grosseria de fallar na honradez do Principe, como V.Ex. verá dos retalhos juntos, que julguei conveniente unir ao meu officio. E' bom que V.Exs. saibão de tudo.

Pode ser que alguém tenha notado que o Presidente não retribuisse a visita do Principe, e que á sua despedida não fossem senão os Ajudantes de Ordens do Presidente. Não creio que houvesse nisto descortezia intencional. Estes Srs. ja tinham feito uma demonstração muito cortez no dia anterior, a curiosidade publica foi grande, e, pois, era natural o receio de que, indo alem, passassem por cortezãos ou por animadores da influencia brasileira." (Carta de Paranhos a Cotegipe, 9 de Abril de 1869, Buenos Ayres).

A imprensa de Buenos Ayres recebeu, effectivamente, com prevenção ironica ao Principe. Eis algumas noticias de jornaes: "El nieto de Luiz Felipe de Orleans tiene todo el tipo de su raza. Su mirada es penetrante y fija. Su nariz borbonica. E's rubio e alto, su figura es agradable. La fisionomia tiene una expression simpatica. Se dice a mais que tiene el valor romanesco de los principes de su raza. Mas vale asi. Ojalá communique um poco de su fuego á sus soldados" (*La Tribuna*, 8 de Abril de 1869). "Algunas personas que asistieron ayer á la recepcion del Conde d'Eu, notaron com extrãnesa que este se expresaba con voz mui alta, a tal punto que se oia a larga distancia. La causa de esta suba de dia-

pason es debida a que el Conde es estremamente sordo." (El Nacional, 8 de Abril de 1869).

Os inimigos da alliança, isto é, os inimigos do Brasil vislumbavam na nomeação do Conde d'Eu os mais importantes e funestos propositos contra a Argentina. Um dos órgãos da sua imprensa, "La Republica", em artigo de 9 de Abril de 1869, não podia admittir que se desse ao Conde d'Eu a missão desairosa de completar a obra dos generaes, em operações sem relevo militar. Porque não viera antes ? Por não se expôr a sua vida, ou por não ter competencia ? Seriam razões offensivas ao principe. Para apenas arrematar a guerra como um general de adorno a se enfeitar com alheios feitos? — Nova offensa ao esposo da herdeira do throno.

Achava que a missão do Principe era maior que a de Osorio, Caxias ou Polydoro. Estes tinham sido os sapadores que limpavam os bosques do Paraguay das forças do Lopez. Agôra chegava a segunda parte da obra — a posse da maior parte do territorio Paraguay e a lucta com as republicas alliadas. Para isso vinha o Principe com os mais floridos chefes militares e para apoiar com a força a acção diplomatica de Paranhos na questão do Governo Provisorio do Paraguay e outras pendentes.

"A recepção feita ao Principe em Buenos Ayres não me admira. Ahi existe uma sociedade culta que sabe fazer as cousas comme il faut" (Carta de Cotegipe a Dechamps, 21 de Abril de 1869).

"O modo porque foi S.A. recebido pelos nossos Alliados em ambas as margens do Prata, não pode deixar de ser-nos agradavel, tanto mais quanto receiava-se que a sua nomeação podesse despertar susceptibilidades. Não deixei porem de notar o que V.Ex. nota — a falta de pagamento da visita feita ao Presidente. Attribuo o procedimento ao medo de

parecerem *monarchistas*. Entretanto isto não justifica a falta. Não sei se convirá dar a entender que nós a notamos.

Cada vez applaudo mais a nossa resolução de enviar o Conde d'Eu ; se elle nada conseguir em todo o sentido será porque encontrará o impossivel." (Carta de Cotegipe a Paranhos, particular n.º 11, sem data),

★ ★

Sñr Cotegipe

Que noticias trouxe o "Aunis"?

E' verdade o que diz o Jornal do Commercio de hoje a respeito de Mac-Mahon? O Magalhães nada officiou a tal respeito e do Webb?

D. Pedro 2.º

20 de Abril de 1869

Nas cartas de 11 de Junho e 22 de Julho, Pedro II volta a falar do General *Mac-Mahon* ministro dos Estados Unidos no Paraguay que teve sempre acção antipatica ao Brasil.

"E o que é feito do celebre diplomata americano, digno successor do immortal Washburn ? Esta guerra tem sido em tudo a guerra das maravilhas!" (Carta de Cotegipe a Inhaúma, 15 de Janeiro de 1869).

"O procedimento de Mac-Mahon não devia surpreender a V.Ex. Identificou-se tando com o nosso inimigo que por força devia esquecer a reserva de sua posição. A diplomacia Americana tem tido pessimos representantes na America do Sul e já teria acendido alguma guerra se não fosse o correctivo que encontra em seu proprio governo. Os generaes diplomatas daquelle paiz parecem mais negociantes que negociadores. A licção que V.Ex. deu-lhe foi justificada." (Carta de Cotegipe a Elizario, 25 de Julho de 1869).

Sobre Mac-Mahon ver: "Relatorio do Ministerio de Extrangeiros e seus annexos, annos de 1869 e 1870; Historia da Guerra do Paraguay de Max von Versen, na Rev. do Inst. Hist. Bras. Vol. 76, parte 2.<sup>a</sup> pags. 200 a 207; o folheto "Papeles de Lopes o El Tirano Pintado por Si Mesmo y sus Publicaciones" Buenos Ayres 1871, pag. 132 e seguintes; Cecilio Baez, "Historia Diplomatica del Paraguay" pag. 182 e segs. "El Mariscal Lopez"; Visconde de Taunay, "Diario do Exercito" Vol. 1.<sup>o</sup> (Campanha da Cordilheira) pags. 45, 46, 47, 73, 86, 99, 107, 126, 130, 131, 133, 134, 136, 137. Idem "Cartas de Campanha", pags. 26, 43, 45, 48, 62, 63, 64, 71.



### Sñr Cotegipe

As noticias são boas sobretudo dos Estados Unidos.

O Paranhos é preciso que fique no Rio-da-Prata até completar a missão que tão bem tem desempenhado.

Os artigos do "Standard" são curiosos, assim como a declaração do Bliss e o attestado do chirurgião da fragata Guerrière.

Veja se tudo isso e o depoimento do Cunha Mattos se publica a tempo de ir pelo paquete de 24.

Até que horas posso mandar o que desejo vá pelo "Aunis"?

Preciso de fallar ao Sñr. Hoje e amanhã das 3 h. da tarde por deante estou em casa.

D. Pedro 2.<sup>o</sup>

21 de Abril de 1869

Bliss foi o autor do folheto "Historia Secreta // de la Mission del ciudadano norte americano // Charles A. Washburn cerca del Gobierno // de la // Republica del Paraguay // por el Ciudadano Americano traductor titular (*in partibus*) // de la misma Mission : // Porter Cornell Bliss B. A."

Tambem escreveu : "The Paraguayan Question. The Alliance Between Brasil, the Argentine confederation and Uruguay, versus the Dictator of Paraguay" New York, 1866; "Revelations on the Paraguayan War, and the Alliances of the Atlantic and the Pacific" New York, 1866; "Opinions in Regard to the Paraguayan War" sem data nem indicação do lugar da publicação.

"Paço Izabel, 28/3/69. — 7h.1/2 p.m. — Snr Ministro — Constando que na Secretaria de Estado de Extrangeiros se acha o unico exemplar conhecido da *Historia secreta de Washburn*, escripta por Bliss de ordem do Dictador Lopez, S.M. o Imperador autorisou-me a rogar a V.Ex. que ordene me seja remettido esse curioso documento." (Carta do Conde d'Eu a Cotegipe).

★ ★

Sñr Cotegipe

Mando-lhe o que irá pelo "Aunis" até o Rio-da-Prata e de lá pelo primeiro vapor a serviço do Governo Brasileiro até Assumpção a entregar a meu genro.

D. Pedro 2.º

21 de Abril de 1869

La mandar-lhe esta carta quando recebo a sua. Se fôr preciso enviar mala a meu gen-

ro eu mandarei o que tiver de ir á Secretaria, que o Sr prevenirá, antes de 1 h. da tarde.

★ ★

Sñr Cotegipe

O almirante inglez pode vir amanhã ás 7 horas, e creio que o Ministro deve acompanhal-o, mas para mim é me isto indifferente.

D. Pedro 2.º

23 de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Chegou já hontem o "City-of-Brussels" do Rio-da-Prata com 7 ½ dias de viagem.

Talvez adeantem alguma cousa os diarios que elle trouxesse.

O "Gerente" trouxe officios?

D. Pedro 2.º

25 de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Logo lhe mandarei os retalhos dos diarios. Meu genro escreveu-me a 15 e a 16 ia a "Luque".

Seu collega da Guerra recebeu carta d'elle, mas ainda a não vi.

Pelo depoimento d'um passado que mandou o Paranhos, já eu sabia que havia 400 ou 500 homens e 6 peças em "S. Pedro".

D. Pedro 2.º

27 de Abril de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

A correspondencia do "Mitre" é digna de attenção, e será bom que o Muritiba tambem a leia. Estou certo de que meu genro hade procurar remover todos os obstaculos á terminação da guerra do modo que todos desejão.

A leitura da carta do Eliziaro fez-me insistir no que já lembrei a respeito das lanchinhas de vapôr que podem ir já daqui. Creio que se pode fazer alguma cousa de efficaz pelos affluentes do Paraguay acima de Assumpção.

D. Pedro 2.º

27 de Abril de 1869

"S.M. o Imperador constantemente me quebra a cabeça com a necessidade de remetter mais lanchas á vapôr a V.Ex. Eu não estou persuadido della ; porque V.Ex. tem seis á sua disposição, segundo meus calculos, e já dei ordem para lhe serem enviadas mais duas de Montevideo. Mas como desejo que nada lhe falte, peço-lhe que na primeira occasião me diga se com effeito precisa de mais algumas e tambem desde já o autoriso a requisitar ao chefe Pereira Pinto a da *Vital de Oliveira*. Parece-me que para o exame de pequenos arroyos não são ellas as mais proprias, quer por seu calado,

quer pela helice que se enredará muitas vezes." (Carta de Cotegipe a Elizario, 28 de Abril de 1869).

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Só hontem é que soube da nova phase apresentada pela questão do "Canadá" na nota do Webb de 31 de Março. Já hontem em conversa lhe disse o que pensava do estado desse negocio, e apenas accrescentarei que Mr Seward somente prometteu reconsiderar esta questão e que nós fizessesmos em relação ao Webb o que Seward fez em relação ao nosso ministro, embora não tivesse as mesmas razões que nós.

Na actualidade acho bom o seu projecto de resposta.

Até quando posso mandar cartas para irem pelo transporte "Izabel"?

D. Pedro 2.º

29 de Abril de 1869

"Não faltam trabalhos serios para absorver-me o tempo. Ultimamente provocou o Webb uma questão por causa do Canadá, e depois de dizer-nos muitos desaforos, em uma nota que lhe devolvi, pedio seus passaportes. Não hesitei em concedel-os, replicando com dignidade e firmeza. Ficaram assim rotas as nossas relações. Creio, porem, que elle não queria chegar a isso, mas somente intimidar-me para conseguir o seu fim, e então recuou logo, procurando intermediarios para restabelecer as relações. O ministro inglez prestou-se nobremente a isso, e eu nenhuma duvida tive em assentir desde que a iniciativa partia do General Webb. Nos jornaes de hoje

estão publicadas as notas trocadas a este respeito." (Carta de Cotegipe a Elizario, 30 de Maio de 1869).

"A unica noticia de importancia que lhe posso dar é a do rompimento de nossas relações com o Governo dos Estados Unidos por causa do insolente proceder do General Webb na questão do Canadá, e do inesperado desenlace que teve esse negocio, restabelecendo-se as relações, por haver aquelle senhor, antes de partir, recuado completamente, dando-nos assim um triumpho diplomatico de importante alcance. Os jornaes de hoje trazem as notas trocadas para este fim." (Carta de Cotegipe a Pereira Pinto, 30 de Maio de 1869).

"Tive uma seria questão com o Ministro Americano que terminou pelo rompimento de suas relações com o Brasil. Fundado na razão e na justiça não quiz aquiecer nas exigencias do Snr Webb, e em tão boa hora o fiz que elle recuou e nos deu occasião de alcançar um bello triumpho moral." (Carta de Cotegipe a Emilio Xavier Sobreira de Mello, 30 de Maio de 1869).

"Sinto que V.Ex. tenha tido de soffrer as delicadezas do Webb, e não me sorprehende que este Snr., depois de se ter apressado em visitar minha familia, começasse a dizer horrores de mim. Elle costuma explorar as vantagens do proverbio: *les absents ont toujours tort*. Permitta-me porem V.Ex. uma rectificação ás suas palavras: esse negocio e o do Fé não forão *entabulados* por mim, mas por nossos antecessores, de que recebi o penoso legado que hoje pesa sobre V. Ex." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Buenos Ayres, 12 de Maio de 1869).

"Receba V.Ex. os meus protestos de profunda estima e amizade e as felicitações que dirijo-lhe pela derrota vergonhossissima do Webb. Porque não publicarão minha nota sobre a questão Canadá? O publico não conhece quem tem razão

no fundo desse negocio. Eu creio que estão na Secretaria ou no meu gabinete documentos para provar as interpretações falsas que elle assacou-me. O atrevido não o foi, como disse, em nossa ultima conferencia, cuja historia se lê em um dos meus despachos para o Snr Magalhães. Eu tencionava mandar a V.Ex. um memorandum, restabelecendo a verdade dos factos desde o principio de minha negociação com elle. O final da minha nota (a primeira) declarou que recorriamos para o Governo de Washington. Repetio na segunda, e numa carta particular que respondeu a outra delle muito curiosa. Creio que a suppressão dos 2 por cento não foi casual, mas sim calculada para não se vêr a demora de nossos antecessores e o character que Webb havia dado a esse negocio. A lacuna porem salta aos olhos de quem lê os documentos e do Relatorio de V.Ex." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Buenos Ayres, 9 de Junho de 1869).

Sobre a questão Webb vêr relatorio do Ministerio dos Estrangeiros - 1869 - 1870).

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Vae o artigo do relatorio da Marinha. Se concordar ou não concordar com o que observei apague-o.

Amanhã lhe restituirei o projecto do relatorio d'Estrangeiros.

Tenho cá papeis de alguns negocios da marinha sobre que desejo fallar-lhe.

Amanhã depois das 5 horas pode fallar-me, ou quando o Sñr tiver tempo de vir cá.

D. Pedro 2.º

2 de Maio de 1869

Mando-lhe a guia de nomes de diferentes allemães que vierão hontem representar-me que nada recebião e achavão-se na miseria. Não derão petição e fiquei com a guia para lembrança. Creio que por ella poderá o Sñr informar-se do que haja.

★ ★

Sñr Cotegipe

Verá o pouco que notei, e concorde ou não concorde apague-o depois.

Nada digo sobre o augmento pequeno de despeza do futuro orçamento, porque ainda o não vi.

D. Pedro 2.º

3 de Maio de 1869

"Snr. Cotegipe, escreve o Imperador, queira mandar-me alguma das provas do seu relatorio."

"E' uma politica nova, diz o Cotegipe, essa previa censura dos relatorios; não a havia até 1857; então só o ministro da fazenda enviava-lhe um extracto do relatorio sobre o estado das finanças. Hoje vão todos. Voltara com algumas notas, todas insignificantes, algumas tolas. O Cotegipe não admittio nenhuma e fez imprimir o relatorio tal qual". (Conversa de Cotegipe com Tavares Bastos, em 8 de Maio de 1870, e por este registrada em um de seus cadernos de notas).

★ ★

Sñr Cotegipe

Segundo a carta do Paranhos acho muito cordato o que elle diz.

O que leio a respeito da vinda a Buenos-Ayres, do "Alice", que deve chegar por estes dias prova o que muitas vezes tenho dito desde o principio da guerra sobre a falta de remessas em grande do que se julgue preciso ás operações militares, sem aguardar os pedidos dos generaes.

D. Pedro 2.º

4 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Não sabia que o "Arno" sahia esta manhã, comtudo se fôr ainda possivel mande esta carta por mensageiro ao Gondim afim de elle a enviar pelo primeiro vapor a serviço do Estado que seguir para Assumpção.

Julgo melhor não fallar mais do Versero. Saber-se-á pelos diarios da Europa o que houve.

Talvez logo mande mais cartas para meu genro.

Se não forem pelo "Arno" restitua-m'as.

D. Pedro 2.º

6 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Se não puder ir pelo Arno o que lhe mando agora restitua-m'os.

D. Pedro 2.º

6 de Maio de 1869

Fiquei de fallar ainda ao Elizalde antes de elle retirar-se, e poderia vir cá 2.a feira ou 3a. ás 7 horas da noite, se não fôr o dia da abertura das Camaras.

★ ★

Sñr Cotegipe

Se o Burton que podia procurar-me quando quizesse não pode vir hoje ás 6 da tarde para conversarmos mais longamente de sua viagem eu receberei amanhã ás 7 da noite com muito prazer.

Não sei se poderei restituir-lhe hoje mesmo os officios vindos do Rio-da-Prata, e que o Sñr me enviou.

D. Pedro 2.º

7 de Maio de 1869

*Burton* — Captain Richard F. Burton. Sobre a Guerra do Paraguay escreveu "Letters from the battle-field of Paraguay" — Londres — 1870. Era sobre a viagem de que resultou este livro que D. Pedro II desejava "conversar mais longamente" com Burton. Burton visitou o theatro da guerra de 15 de Agosto a 5 de Setembro de 1868 e de 4 a 18 de Abril de 1869. Vinha pois directo dos campos do Paraguay. Era natural a ansiedade do Imperador por uma longa palestra com o viajante-escriptor inglez. No prefacio, (pagina XIII) diz: "During a residence of some three and half years in Brasil, the Paraguayan question was the theme of dayley conversation around me, and where my personal experience failed it was not difficult to return to account that of others".

Escreveu tambem: "The highlands of the Brasil" Londres 1869.

“Recebi a carta do Capitão Burton, que V.Ex. servio-se remetter-me ; é para lastimar que se mostre elle apaixonado e injusto para comnosco. Felizmente já se vão modificando em geral as opiniões daquelles que se nos mostrarão mais infensos : haja vista o artigo da Revista dos Dois Mundos a quo V.Ex. se refere” (Carta de Cotegipe a Arêas, 7 de Abril de 1870).

★ ★

Sñr Cotegipe

O negocio Webb tem alguma gravidade ; porque o actual governo dos Estados Unidos pode tomar a peito a sustentação do procedimento de Webb em virtude das instrucções de Seward. Antes do que se passou entre o Sñr e o Lidgerwood eu teria manifestado a conveniencia de discutir o mais que se podesse a nova proposta do governo dos Estados Unidos ; pois convem nas circumstancias actuaes evitar o mais possivel novas complicações.

A nota ultima do Webb não deve ser aceita, e se se puder evitar a retirada do Webb, de modo, porque elle parece querer que se realise, se se não annuir ao pagamento dos 10.000 dollares, ao menos até a chegada do proximo paquete de New York, será muito prudente ; quem sabe o que trará esse paquete?

Li a sua carta a Paranhos. Entendo que não convem na 4.<sup>a</sup> hypothese resalvar accordo posterior ; basta que resalvemos nossa opinião. A condição do arrasamento das for-

tificações é importante e convem que Bolivia seja tambem ribeirinha no Paraguay nessa parte, para que mais facilmente se mantenha a liberdade de navegação. Desejarei que o Paranhos soubesse de minha opinião que aliás julgo será a do governo. E' a segunda vez que exprimo este desejo porque Paranhos, se aqui estivesse, conheceria, como Ministro, a minha opinião.

D. Pedro 2.º

9 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Nada tenho que dizer sobre a ultima questão com o Webb, alem do que já disse, senão que approvo o projecto de resposta, lembrando a suppressão marcada das palavras "nesse momento", para que se não possa suppôr que admittimos que o governo dos Estados Unidos assuma d'ora em diante a responsabilidade do acto de seu ministro, e que, se o ministerio, depois de recebidas informações, que, pelo menos, não pude eu bem apreciar, entendia, como ouvi hontem, antes do conhecimento da nova proposta do governo dos Estados Unidos, que este tinha alguma razão na reclamação Canadá, que haveria sido mais prudente discutil-a com o Webb e chegar com elle ao "minimum" possivel do pagamento.

D. Pedro 2.º

11 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Restituo o que pude ler e é mais importante ; o resto irá logo ou amanhã. O estado da Republica Oriental é grave e convem dar instrucções e ordens bem terminantes ao Gondim.

O "Alice" ainda não sahiu. Se o Commandante do "Marcilio Dias" trouxe cartas de meu genro ainda as não entregou que eu saiba.

Agora tinha ido para o "Jejuy" o "Pará" unico monitor disponivel. As 3 lanchas a vapôr, que estão aqui promptas, servirão muito melhor lá do que aqui.

D. Pedro 2.º

12 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Vejo que o Elizario recusa lanchas ; mas ainda penso que é preciso explorar com pres-teza os affluentes do Paraguay, e elle não tem lanchas a vapôr sufficientes para esse serviço.

A leitura do relatorio do Gonsalves mostra quanto é importante uma expedição com "força de desembarque" pelo "Manduvirá" e "Coraguatahy" acima. A povoação de "Coraguatahy" é de importancia, segundo me consta, e Lopes tem estancias suas perto desse lugar e dahi recebe gado.

D. Pedro 2.º

13 de Maio de 1869

O então capitão de fragata Jeronymo Gonçalves commandou a expedição ao rio *Manduirá*. A corveta Belmonte e o encouraçado Colombo ficaram bloqueando as boccas daquelle rio e a esquadilha, sob o commando de Gonçalves, entrou pelo Iaqui a 60 ou 70 legoas de sua embocadura, até perto da Villa de Cuaraguatahy. Observava-se movimento de gado para a zona das montanhas e, pelas margens, acompanhava a marcha dos vapores cavallaria paraguaya.

★ ★

### Sñr Cotegipe

O projecto da nota em resposta ao Paunero sobre a questão dos ervaes expõe-n'a bem segundo os documentos que o Sñr examinou ; mas devo referir que estando eu em Uruguayana ouvi muitas queixas contra o major Assis e sua gente.

Depois de ter maduramente reflectido entendendo que seria melhor que o Sñr em conferencia argumentasse com o Paunero segundo os dados da nota projectada e visse se chegava a um accordo intermedio, que evitasse o arbitramento. Desejo ler a nota do Paunero de 24 de Março.

D. Pedro 2.º

18 de Maio de 1869

“Permitta-me V.Ex. que dê resposta aqui mesmo ao pedido de informação sobre o assumpto dos *Hervaes* Argentinos. — No papel que tive a honra de entregar a V.Ex. dando breves informações sobre os negocios que corrião pela Repartição d'Extrangeiros — refiro-me a relação dos *Hervaes* ;ahi V.Ex. verá que eu não fiz promessa de pagamento, e

nem a poderia fazer sinão de accordo com o gabinete, a quem não foi sujeita a questão.

Com o Sr Dr Elizalde eu nunca fallei a respeito deste negocio, se a memoria não me é infiel. O nosso collega o Sr Octaviano foi quem me disse que o Dr Elizalde affirmava que o Snr Sá e Albuquerque offerecera os 100:000\$ como indemnisação completa ; eu apenas pedi documentos dessa promessa. Naturalmente tirarão a consequencia de que seria ella cumprida ; mas nem a consequencia é logica, nem eu examinei a natureza do documento que foi enviado. E' muito facil em uma conversação, sobretudo em lingua estrangeira haver equivocos ; e tendo fallecido um dos actores - a verificação é impossivel, principalmente não se deixando apontamentos escriptos de taes conferencias como succedeo.

Será bom examinar se ao tempo em que se diz fôra feita a promessa estava ou não concluido o trabalho da commissão mixta, porquanto se elle como creio estava em andamento - não é provavel que o ministro prevenisse o juizo da commissão. Em conclusão não fiz promessa a ninguem de pagar ou deixar de pagar a indemnisação, e menos fixei o seu quantum.

Eis o que se me offerece dizer a V.Ex., de quem sou com a maior consideração" (*Manuscripto de Cotegipe*).

"Cotegipe - De accordo com a conversa que tivemos fiz o Paunero retirar a antiga nota e substituil-a por outra menos pretenciosa e mais accessivel á transacção.

Verás que a nova base que apresenta he a da offerta do Sá e Albuquerque, de que se mandou busear documento comprobatorio.

A tua situação se torna mais facil porque solves quasi um compromisso e não crias o compromisso.

Entretanto não acho muito seguro o direito que o Governo supõe ter de entrar na apreciação de quem he o responsa-

vel pelos prejuizos, — depois de haver nomeado arbitro ou commissario para apreciar o quantum dos prejuizos. Devia ter salvado o principio da não responsabilidade, se o queria invocar, não entrando em transacção de verificar o *quantum*.

Tambem não acho segura a argumentação de que, tendo o fogo sido posto pelos Paraguayos, cessa a nossa responsabilidade. Não. Está provado pela historia e documentos desta guerra que os Paraguayos nunca queimarão ou estragarão as propriedades argentinas e especialmente as correntinas. Quando vierão á costa do Uruguay, nenhum damno fizerão, nem promoverão. Só queimarão os hervaes, — posteriormente, — quando estes forão abandonados. Ora este abandono (está provado) foi obrigatorio por ordem do chefe da partida brasileira. Foi elle quem fez os correntinos abandonarem os hervaes.

He, pois, o meu parecer que o governo não perca o ensejo de transigir com Paunero. Difficilmente encontrará melhor *adversario*. — Teu — Octaviano.” (Carta de Francisco Octaviano de Almeida Rosa a Cotegipe — 13 de Julho de 1869).

“Rua de Olinda, 28 de Agosto de 1869 — Reservada — Cotegipe — Segue hoje para Petropolis o velho Paunero por causa de uma bronchite acompanhada de asthma. Esteve á noite commigo e mostrou-se magoado pela desattenção com que o tractas officialmente, o que contrasta (diz elle) com as tuas amabilidades particulares. Apanhei no ar cousas que debes saber : pensa elle pedir remoção daqui para o inferno ou exoneração em ultimo caso. Falla de um tractado de extradicção, que se me mandou negociar, que deixei negociado e que o Paranhos adiou aqui na Córte (diz elle) para ver se o arranjava lá. Falla (e isso com amargor) da questão dos hervaes, em que ha mais de mez espera resposta tua para... uma entrevista ! Em ton de gracejo me disse que a minha intervenção fôra meio de ganhar tempo e adiar tudo. Esta

me ficou para não me metter n'outra. . . . .— Octaviano.”

Sobre a questão dos *herveas* vêr os Relatorios do Ministerio de Extranjeros da epoca.

★ ★

Sñr Cotegipe

Não tenho que observar por ora sobre o que diz o Paranhos.

Não recebi carta de meu genro ; mas este mostra-se esperançado na carta ao Paranhos, e creio que não se enganará.

Pode marcar amanhã ou 2a. feira ás 7 horas da noite para virem cá o Ministro d'Austria e o secretario de legação de Portugal

Lembro-lhe que ainda não vi a parte do relatorio relativo á instrucção da Marinha.

D. Pedro 2.º

20 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Mande este embrulho a meu genro pelo “Aunis” com recommendação de fazel-o seguir com segurança para o Paraguay.

D. Pedro 2.º

22 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Pelo que leio nas communicações do Eli-zario a ida das tres lanchas a vapôr torna-se

urgente. Não são como as duas que se mandaram de Montevideo. Lembro que ha na intendencia peças de calibre 2 proprias para as lanchas. As que não forem precisas para o exercito ; pois são de mais facil conducção é bom enviar para a esquadra, mesmo para que não se continuem a dar a navios que não vão para a guerra, como succedeu com o vapor Recife.

As lanchas podem ir a 30 assim como as peças de 2.

O Braconnot, como saberá, quer ir á Europa. Disse-lhe que não era isso possivel, mesmo por tão justo motivo como a molestia da mulher, durante a guerra. Voltou hoje cá, e julgo que ficará resignado, se se lhe augmentarem, como parece-me justo, os vencimentos, afim de satisfazer as despezas que exige o estado de saude de sua mulher.

D. Pedro 2.º

22 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Remetto o projecto de instrucções para o Magalhães. Observo que não se falla d'um dos motivos porque se respondeu a Webb que não se podia considerar por ora aqui a nova proposta sobre o negocio do "Canadá" ; o de falta de attenção para com o nosso Ministro em Washington a quem não se commu-

nicára a nova proposta, ao mesmo tempo que se allega nova ; o de nada ter dito o governo dos Estados Unidos da razão que teve para não desistir da reclamação. Este creio que não se deve referir senão como mais uma consideração em favôr do procedimento do governo do Brasil, embora já lhe tenha dito qual o meu parecer sobre esta ultima questão com o Webb

Entendo que, vindo outro Ministro Americano, devemos discutir com elle a reclamação — “Canadá”, mesmo para tornar mais claro que é com o Webb que o governo Brasileiro rompeu relações diplomaticas.

D. Pedro 2.º

25 de Maio de 1869

*Magalhães* — Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaya, ministro de Brasil em Washington.

★ ★

Sñr Cotegipe

Sobre a conciliação lembrada pelo Mathew observarei que não sei como a “nossa acceitação da proposta pelo modo indicado” nos deixará proceder depois como julgarmos melhor e que fará o Webb desde que souber de nossa resolução. Desconfio que não partirá. Comtudo se elle partir amanhã e fôr redigida convenientemente a resposta á “proposta feita pelo Webb” da retirada das notas,

creio que se deverá acceitar o arranjo lembrado pelo Mathew.

D. Pedro 2.º

25 de Maio de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Chamo sua attenção para o artigo que marquei com tinta.

Qual foi a base do credito que vae pedir ás Camaras?

D. Pedro 2.º

28 de Maio de 1869

Chegou o Werneck. Eu saio ; mas vou á fabrica da Conceição, e ao Arsenal de Guerra estando de volta ás 3 até 3 ½.

★ ★

Sñr Cotegipe

As reflexões do Paranhos são muito sensatas. Antes de qualquer resposta que o Sñr lhe dê, desejo examinar a esta, e os annexos ao officio do Paranhos.

Quando vão as lanchinhas?

Amanha não pretendo sahir

D. Pedro 2.º

28 de Maio de 1869

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Creio que o Ministro Inglez vem hoje com os officiaes e poderia trazer tambem as cartas, e o consul da Hollanda com os officiaes pode vir 3a. feira ás 7 horas da noite.

Veja se me manda a tempo os annexos e a resposta ao Paranhos. Bastão vir de noite; que amanhã de manhã os restituirei, e o transporte costuma sahir ás 3 ou 4 da tarde.

D. Pedro 2.º

29 de Maio

★ ★

**Sñr Cotegipe**

A argumentação do memorandum do Paranhos é habil, e convem que elle siga as instrucções que deve ter recebido, e o Sñr me mostrou, feita a modificação que eu lembrei e penso que foi acceita.

Sobre o boato da retirada de Lopes nada direi eu por ora ao Paranhos.

Ficão os retalhos dos diarios do "Rio-da-Prata" que ainda não pude ler todos.

Para ter mais tempo mandarei minhas cartas hoje ao Arsenal da Marinha, e o Sñr previna disso a respectiva inspecção.

D. Pedro 2.º

30 de Maio de 1869

Recebo telegramma de ter entrado o vapor "Marquez de Caxias". Julgo que veio do

“Rio-da-Prata”. Mande-me o que tiver trazido de importante, a tempo de ainda poder lembrar alguma cousa antes da sahida do “Leopoldina”.

★ ★

Sñr Cotegipe

Cumpre que haja toda a prudencia de nossa parte nos negocios de Montevidéo.

O Muritiba soube que o Governo Oriental teve parte official da expedição de Ybycuy, e o official de nosso commandante militar, em Montevidéo, refere alguns dos pormenores.

Admiro que o Sñr ainda não recebesse officios do Paranhos.

D. Pedro 2.º

4 de Junho de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Reenvio os officios. Muito me alegraram as communicações de Paranhos, e entendo que elle deve continuar na sua missão, como julga preciso.

Podendo as lanchas ser precisas no theatro da guerra, ainda creio que é melhor que para lá vão.

Não sei que motivo tem o Eliziaro para desconfiar que seu serviço não agrada.

D. Pedro 2.º

4 de Junho de 1869

Sñr Cotegipe

Restituo as communições relativas a guerra. Vae tambem uma carta que meu genro me escreveu. Por ella verá o Sñr o serviço que as lanchas directamente, em dispensando vapores maiores, podem prestar, "sobretudo agora". Se as que podem ir de prompto só forem levadas pelo Werneck, a 30, quando lá estarão?

Estou muito satisfeito com as noticias e meu genro espera cercar a Lopez. Que ha a respeito de Mac-Mahon que não tinha deixado Lopez até 30?

D. Pedro 2.º

11 de Junho de 1869

"A vista do desenvolvimento que podem ter as operações nos lagos e arroyos interiores do Paraguay, e do apoio efficaz que podem prestar as lanchas a vapôr, recommendo ao Commandante da Divisão em Montevideo que lhe remetta agora a da Vital de Oliveira, e no fim deste mez lhe enviarei duas d'aqui, ficando V.Ex. tambem autorisado a comprar ahi mesmo as que lhe forem offerecidas e julgar necessarias." (Carta de Cotegipe a Eliziario, 14 de Junho de 1869, em P. S.)

"No Werneck, vão duas lanchas a vapôr excellentes, uma da Nichteroy e outra do Arsenal. Ficamos agora aqui sem nenhuma, mas já mandei apromptar outras que se concluirão em 4 mezes." (Cartas de Cotegipe a Eliziario, 30 de Junho de 1869).

"O que se pôde carregar no Marcilio, do que tem sido requisitado por V.Ex., vae agora, inclusive uma lancha a

vapôr....." (Carta de Cotegipe a Eliziario, 15 de Julho de 1869).

"Não tenho mais lanchas para mandar. Estão em construção algumas, e quando estiverem promptas seguirão. Não posso, portanto, satisfazer já os desejos do Barão de Melgaço, mas V.Ex. como bom camarada fica autorizado a ceder-lhe as que não lhe forem absolutamente precisas, tendo muito em attenção o serviço especial em que ellas ahí devem ser indispensaveis." (Carta de Cotegipe a Eliziario, 25 de Julho de 1869).

★ ★

**Sñr Cotegipe**

As noticias são boas ; mas Lopes ainda não está cercado ; o que espero comtudo succederá pelo lado ao menos que se receia elle tente escapar-se de Ascurra. O "Aunis" já nos pode trazer noticias importantes, e ainda mais provavelmente o "Vassimon".

D. Pedro 2.º

15 de Junho de 1869

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Não restitui mais cedo os officios inclusos porque precisei de reflectir sobre seu assumpto.

Não tenho que observar sobre a negociação do Paranhos. Creio que o Commandante em chefe do nosso exercito tem razão no ne-

gocio da distribuição dos despojos tomados ao inimigo no campo das operações.

D. Pedro 2.º

20 de Junho de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

D'onde veio o telegramma de que falla Paranhos na sua carta de 20, e como se exprime elle?

A carta do Deschamps não concorda em parte com o que dizem communicações officiaes, e adianta noticia de que estas não trahão, aliás de 13 somente.

D. Pedro 2.º

28 de Junho de 1869

*Deschamps* - Coronel Eduardo Deschamps, alto funcionario em Commissão no Rio da Prata e Paraguay.

★ ★

Sñr Cotegipe

Que trouxerão o "Vassimon" e o "Savoie"?

Saio hoje ás 8 ½ e vou aos Arsenaes de Marinha e de Guerra.

Um telegramma disse-me que o "Savoie" trazia officios urgentes para o ministerio dos Negocios Estrangeiros.

D. Pedro 2.º

28 de Junho de 1869

★ ★

**Sñr Cotegipe**

**Creio que se deve fazer queixa ao governo dos Estados Unidos a respeito do procedimento do Mac-Mahon.**

**D. Pedro 2.º**

**22 de Julho de 1869**

“Parece certo que o Governo Americano reprovou o procedimento de Mac-Mahon cujo apoio falta assim ao tigre do Paraguay.” (Carta de Cotegipe a Paranhos de 15 de Abril de 1869).

“Da copia do trecho de um despacho do Magalhães verá V.Ex. que devemos banir qualquer receio de complicação com a Esquadra Americans, sendo certa a exoneração de Mac-Mahon e a consequente reprovação do seu procedimento” (Carta de Cotegipe a Paranhos, sem data).

“A novidade que aqui encontrei é a chegada de Mac-Mahon que segundo me consta segue amanhã para Buenos Ayres, onde pouco se demorará. Veio com bagagem pesada que contem muito dinheiro, segundo a sua propria declaração (creio que verbal) ao Brigadeiro Salustiano, a quem pediu uma guarda com esse motivo. A guarda foi-lhe prestada. Consta-me que elle diz pertencer este dinheiro ou valores a subditos norte-americanos e inglezes e que tomara hoje algumas letras na importancia de dez mil patações para alliviar a sua carga.

Este facto chamou logo a minha attenção mas V.Ex. reconhecerá que eu não podia provocar explicações do Ministro em transitio, ignorando o que se passou entre os Generaes alliados e o dito Ministro, e não tendo tido tempo para averiguar todas aquellas circumstancias. Combinei com o Dr Perez que avisasse o seu Governo, para que este provoque as

explicações do Ministro dos Estados Unidos em Buenos Ayres com quem vae encontrar-se o Sr Mac-Mahon. Si este Snr se demorar aqui verei o que devo fazer, e de certo ficará sem guarda para o seo dinheiro . . . . . Mac-Mahon esta Lopista decidido . . . . . O Snr Perez manda para Buenos Ayres o numero da "Estrella" em que se lê o discurso de despedida de Mac-Mahon, e a resposta de Lopez. Aquelle Ministro falla como um entusiasta de Lopez, faltando a meo ver, aos deveres da neutralidade . . . . . Mac-Mahon referio ao Snr Mulhal que Lopez me attribue a redacção da proclamação da bandeira, dando-se por *conhecedor do meo estylo e lamentando que eu pela primeira vez escrevesse tão mal*. Refere mais Mac-Mahon que Caballero marchará contra Portinho. Pode não ser assim e dizerem-n'o para dividir nossas forças; e tambem não sei que elementos terá aquelle nosso General para resistir a 2 ou 3 mil homens que Lopez possa enviar ao seo encontro." (Carta de Paranhos a Cotegipe, bordo do Galgo em porto de Assumpção, 3 de Julho de 1869).

"Hontem seguio para ahi Mac-Mahon, a bordo do vapor "Edward Everett", procedendo com a maior descortezia. Não se despedio nem communicou sua partida ao General Salustiano, que o visitara quando aqui chegou, e nem ao menos o avisou que poderia retirar a guarda de 12 homens e um inferior que lhe fôra prestada, como V.Ex. sabe. Sabendo o Almirante que Mac-Mahon estava a bordo do "Everett" tendo este arvorado a bandeira americana no mastro grande mandou embargar a sahida do vapor, indagar o que significava a bandeira e pedir a lista dos passageiros. Nesta não figurava o nome do ex-ministro da Grande Republica, que depois da segunda visita mandada pelo Almirante se apresentou ao official dizendo que seguia para Buenos Ayres e que não tivera tempo de despedir-se do General da praça.

Communicado isto ao Almirante, mandou este o seu Secretario a bordo do "Everett" dizer a Mac-Mahon que o seu procedimento tinha sido irregular, que elle não podia sahir de uma praça de guerra sem pedir licença ás autoridades militares, e que, nem ao menos correspondera á cortezia com que fôra tratado. Feita esta declaração que podia seguir o vapor. Mac-Mahon depois deste *sabonete* ficou furioso e disse que tinha que queixar-se muito dos Alliados mas sobretudo dos Brasileiros. Cumpre notar que antes dizia o contrario: que os Argentinos tinham procedido muito mal para com elle e que os Brasileiros o haviam tratado muito bem. O Dr Roque Perez aconselhou ao hespanhol que fizesse a sua conta e remetteste ao seu ministro em Buenos Ayres para este reclamar o pagamento, pela forma que julgar mais conveniente ou de Mac-Mahon, ou do Governo dos Estados Unidos. P.S. Mac-Mahon tomou letras sobre Buenos Ayres de Lanus e Molinano no valor de 23 ou 24 mil patacões." (Carta de Adolpho Lisboa a Carvalho Borges, Assumpção, 5 de Julho de 1869).

"Não tenho tempo senão para accrescentar que Mac-Mahon foi-se emfim. O Principe refere como elle passou as nossas linhas. Aqui pediu uma guarda ao Snr Salustiano, que lh'a prestou de 12 homens, para guardar a sua bagagem, em que elle dizia haver muito dinheiro; eu não a daria, mas tirou-se o pretexto para alguma invenção de saqueio ou desacato. Foi tão grosseiro que não pagou a visita do mesmo Snr Salustiano, e embarcou sem dar-lhe o menor aviso, nem ao menos para dizer que já não precisava da Guarda. Quando cheguei no dia 3 á tarde ja achei-o aqui, e com esta noticia a de que elle tencionava embarcar no dia seguinte. No dia 5 constou que dous paraguayos que elle trouxera na condição de creados sahirão á rua e espalharão noticias favoraveis a Lopez, entre os seus compatriotas; e bem assim que se

levantara contra o dono do hotel, dizendo que essa casa (a mesma em que morou Washburn) pertencia á legação dos Estados Unidos, por contracto com o seu proprietario. O dono do hotel é hespanhol e de mais o facto de sua questão era de natureza particular, e não foi trazido escripto ao conhecimento da autoridade local. Não havia porque intervirmos nisso. Quando se exigio do queixoso a representação por escripto, para fazer respicitar o seu direito de locatario, não o fez, ponderando que queria ver se Mac-Mahon o indemnizava de ter fechado o seu hotel por causa d'elle ; que lhe não consentio recebesse a mais alguem. A dita casa pertence a quatro irmãos dos quaes tres (duas Senhoras e um varão) estão aqui, e o irmão maior com Lopez. Era com titulo dado por esse irmão ausente que Mac-Mahon se julgava com direito a tomar conta da casa. O facto dos dous paraguayos era de outro character. A policia passou a vigial-os, e disposta a agarral-os se elles sahissem á rua. Não sahirão mais senão para embarcar-se com o ministro. O embarque deste sem aviso era uma grande descortezia. Logo que o soube, achando-me com o Snr Salustiano, escrevi ao Almirante para que fizesse sentir a acção da autoridade local, mandando notar ao Snr Mac-Mahon que elle violara as condições de uma praça de guerra, e não correspondera á cortezia com que fora tratado. Accrescentei que convinha vigial-o para que os dous paraguayos não desembarcassem rio abaixo. O almirante que estava attento escrevia-me ao mesmo tempo querendo o meu accordo para proceder com alguma energia, e fez executar perfeitamente o meu conselho.

Fez deter o navio "Everett", que sahiu para Buenos Ayres, notou que se occultara na lista de passageiros o nome de Mac-Mahon, cuja presença aliás era indicada por uma bandeira no mastro grande, e fez ao Ministro a advertencia que indiquei. Fe-lo por intermedio de seu secretario.

Mac-Mahon respondeu que mandara desculpar-se com o Snr Brigadeiro Salustiano, e que tinha recebido agravos dos Alliados e principalmente dos Brasileiros. E' verdade que muito depois do seo embarque fôra um individuo desculpa-lo de não ter pagado a visita que recebera do Brigadeiro Commandante da Praça, mas isto não reparava a dupla descortezia dessa falta e de seo embarque sem aviso. O Brigadeiro Salustiano a quem eu havia notado quão grosseiro fôra esse procedimento da parte de um Ministro, a quem elle até déra guarda para a sua bagagem, portou-se com energia, não querendo nem ouvir a tardia escusa que lhe mandara o Snr Mac-Mahon.

O Almirante mandou o "Belmonte" vigiar o "Everett" até sahir este das aguas do Paraguay.

O Snr Mac-Mahon avistou-se primeiro com o General Polydoro, que foi quem lhe permittio a passagem por nossas linhas de Taquaral. Alli pernoitou e confessou-se agradecido ao bom tratamento. Quiz ver o Principe e foi para isso a Pirayú. O Principe o recebeu friamente, mas com a cortezia que lhe é propria. Ahi repetio que estava agradecido ao General Polydoro, mas que os Argentinos lhe puzerão embaraços á sua bagagem.

Ultimamente vendo que aqui era vigiado, e sabendo talvez que eu me dispunha para exigir o seu embarque immediato, pelo principio de que não podiamos consentir numa praça de guerra a presença de um Ministro acreditado junto ao inimigo, retirou-se com toda aquella grosseria, e allegou queixas contra nós, que não mencionou.

Foi-se, enfim. A Deos e a seo Governo prestará contas das suas acções.

O dinheiro que trouxe veio em sete cunhetes. Trocou-o por letras sacadas sobre a praça de Buenos Ayres, e então se soube não exceder de vinte mil patacões, em moedas de diferentes especies. Diz elle que pertence a subditos britan-

nicos e a pessoas de outras nacionalidades. Escrevi para Buenos Ayres, para que o Governo Argentino peça explicações a este respeito fallando no facto aos Ministros Inglez e dos Estados Unidos.

O dono do hotel, se reclamar por escripto, ha de ser mantido no seo direito de locatario, mas quanto a indemnisação, terá de ir reclama-la pelo intermedio do Ministro Hespanhol em Buenos Ayres ou em Washington.

A uns disse Mac-Mahon que, segundo Lopez, a guerra terminará antes que elle chegue aos Estados Unidos; a outros que Lopez resistirá ainda por cinco annos.

Tenho impressos de Piribebui, que são interessantes, e que remetterei com officio, pelo paquete de 15. Obtive-os do redactor do "Standard", que veio commigo de passeio. O Sr Mulhall os obteve do mesmo Snr Mac-Mahon." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 8 de Julho de 1869).

"Depois de receber a carta do Snr Conselheiro Paranhos estive com o Sr. D. Mariano Varela, e com elle conversei a respeito do Snr Mac-Mahon e da probabilidade de que elle traga em sua bagagem fortes sommas de dinheiro pertencentes a Lopez. O Snr Varela disse-me que ia dirigir uma nota a esse respeito á Legação dos Estados Unidos, remettendo copia da communicação feita de Assumpção pelo Sr Roque Perez. Mas como hoje tem lugar a audiencia de despedida do Sr Warrington e a apresentação do novo Ministro Snr. Hirk, não se ha de dirigir á Legação dos Estados Unidos o Sr Varela senão depois da apresentação do novo Ministro..... Com esta carta vae um retalho da "Tribuna" de hoje que contem os discursos proferidos por occasião de entregar o Sr Mac-Mahon sua carta revogatoria." (Carta de Carvalho Borges a Cotegipe, Buenos Ayres, 8 de Julho de 1869).

"Est. Snr. (Mac-Mahon) chegou aqui a dous dias e consta-me que alem de fallar com muita vantagem das forças e

meios de resistencia de Lopez, veio tambem muito queixoso do modo porque o tratarão em Assumpção. Quanto ás grandes sommas de dinheiro que se dizia havião sido trazidas do Paraguay pelo ex-Ministro dos Estados Unidos tem-se modificado a opinião que aqui havia antes da chegada do Snr Mac-Mahon. O Snr. Hirk, novo Ministro dos Estados Unidos em Buenos Ayres disse-me que o Snr Mac-Mahon só trouxe uma quantia de 20 a 30 mil patações que pertencem a estrangeiros. A mesma unica referencia feita no P.S. da carta do Sr Lisboa, parece mostrar que em Assumpção já não havia a mesma opinião manifestada na carta que me escreveu o Exm.º Snr Conselheiro Paranhos, no mesmo dia 3 em que alli chegou. O Snr Varela já havia falado no assumpto ao Sr. Hirk, em consequencia das primeiras noticias e me havia mostrado o projecto da Nota que pretendia dirigir-lhe. O Sr Hirk lhe havia pedido que esperasse a chegada do Snr Mac-Mahon e havia prometido tomar o negocio na maior consideração. Nada, porem, se levou a effeito, pelas seguranças que dá o Snr Hirk. Este Snr é muito estimado do Governo Argentino. . . . Nas occasiões em que o tenho visto sempre me tem manifestado o desejo de intimas relações e nenhuma referencia faz ás queixas do Snr Mac-Mahon. Quem me fallou nellas foi o ex-Ministro Warrington, com quem hontem me encontrei. Eu respondi-lhe com o que consta pela carta do Snr Lisboa sobre o modo por que o Snr Mac-Mahon se retirara de Assumpção; e quanto á frieza com que este diz que foi tratado por Sua Alteza o Conde d'Eu observei-lhe que isso me parecia perfeitamente natural e consequente com os procedimentos do Snr Mac-Mahon." (Carta de Carvalho Borges a Cotegipe, Buenos Ayres, 14 de Julho de 1869).

"Hoje segue o General Mac-Mahon para Montevideo afim de embarcar alli com destino á Europa, no vapor da linha do Chile que amanhã ou depois ha de passar por aquel-

le porto" (Carta de Carvalho Borges a Côtégipe, 24 de Julho de 1869).

"Sobre Mac-Mahon ver: Porte Bliss - "General Mac-Mahon's Opinions in Regard to the Paraguayan War"; Lawrence F Hill - "Diplomatic Relations between United States and Brasil" - Duke University Press - 1932.

**Recommendo-o para um emprego que elle possa servir. Parece-me bom moço e é filho do Magno (?) Thompson que servio na minha Casa.**

**24 de Julho de 1869**

★ ★

**Sñr Côtégipe**

**Avise o Paranhos que não deve ter medo do caminho de ferro e pode muito ajudar a meu genro a terminar a guerra como ella deve e hade ser terminada. Não sei se a administração da estrada de ferro pelo exercito seria mais regular.**

**Estou certo de que meu genro providenciará convenientemente, e fará guerra tambem aos especuladores com as desgraças do Estado.**

**D. Pedro 2.º**

**25 de Julho de 1869**

"A penultima (viagem ao acampamento) teria sido desastrosa, se a Providencia não me livrasse, e se meus companheiros de duas bombas que reventarão quando eu esperava ao lado dos trilhos que passasse uma outra locomotiva para

rebocar o trem em que vim de Pirajú. Protestei não viajar mais á noite por semelhante estrada, entregue a especuladores argentinos e a uma empresa de homens não profissionais nem habilitados com os recursos necessários, como são o Bocayuva, o Candido Ferreira, que manda menos do que os outros, e Cunha, o republicano amigo do Sr Herval.

Quem metteu o Principe nessa difficuldade forão os pedidos dos Srs. Polydoro e Herval, segundo me consta, e a preguiça dos nossos engenheiros que entenderão que, particulares sem experiencia, sem autoridade e sem capitães, podião dirigir melhor esse serviço, vital para o exercito, do que os agentes civis e militares do mesmo exercito.

Nunca na minha vida fui tão imprudente como nessas viagens, mas eu não as fazia por divertimento, e não queria perder a confiança do Principe, a quem tinha dado um parecer em sentido contrario ao que se fez e que elle me agradeceu, mas não pode aceitar por chegar depois de celebrado o contracto com a empresa particular. O desastre de hontem, porem, terá mostrado ao principe que era o verdadeiro zelo pela causa publica que me fez chamar na vespera a sua attenção para esse estado de cousas. Não menos de duas mortes immediatas, uma quasi certa de um infeliz moço com familia, para o qual se promove uma subscripção, e varios ferimentos." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção 16 de Julho de 1869).

"Sua Alteza tencionava mover-se hoje ou amanhã, mas recebi á tarde um telegramma, em que se mostra muito afflictio porque lhe faltavão viveres. Queria elle mover-se ainda assim, mas os Generaes seus immediatos forão de parecer que não.

A causa dessa demora não são os fornecedores, como suppunha Sua Alteza, mas a desordem da administração da estrada de ferro. Os fornecedores teem aqui grande deposito,

e muita carga na estação que não tem-podido seguir por falta de trem, que mal chega para a alfafa.

As tres locomotivas brasileiras estão todas desarranjadas, e a argentina não soffre menos da falta de direcção e incapacidade do pessoal technico.

Tenho esperanças de que isso melhore, e infelizmente não ha outro meio senão os empzearios Ferreira e Bocayuva, que não teem recursos nem tino administrativo, entregarem a Lanus, que lhes tem valido com dinheiro e que inegavelmente é bom administrador. Lanus não quer ganhar com a estrada, mas quer garantir e regular as suas remessas de viveres para o exercito. A iniciativa desse arranjo, segundo me consta, partiu dos mesmos empzearios, e trará tambem a vantagem de fazer cessar a empreza argentina, estabelecendo-se assim a unidade de administração." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 22 de Julho de 1869).

"Faça-me V.Ex. o favor de dizer a S.M. que *felizmente* não tive ainda occasião de mostrar-me medroso. Os perigos da estrada de ferro não erão tantos que me privassem de ir a Pirajú todas as vezes que julguei preciso e sempre que Sua Alteza quiz ver-me." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 16 de Agosto de 1869).

"Os argentinos não mandarão ainda nem cavallos nem a locomotiva ou locomotivas que espera o seu General. E querem guerra! Mas é preciso ver isso, e soffrer, até que possamos dizer-lhes adeus, e entregal-os á furia da sua discordia civil." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 24 de Março de 1869).

"A nossa locomotiva e wagons, cuja remessa foi incumbida pelo Sr. General Guilherme ao Sr. Candido Gomes, não seguirão ainda e nem sei quando seguirão. A *goleta* que

deve conduzir aquelle material tão necessario, está enalhada na Boca. O vapor Presidente, que tem de rebocal-a, está por isto detido aqui ha muitos dias. Felizmente assegura-me o governo argentino que a sua locomotiva já partio." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Buenos Ayres, 14 de Abril de 1869).

"S.A. teve a bondade de pedir-me que lhe activasse a remessa dos navios de mobilidade. A locomotiva vae seguir e não tenho conhecimento de outra encommenda do General Guilherme, a que possa aplicar minha solicitude." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Buenos Ayres, 16 de Abril de 1869).

Uma correspondencia de Assumpção para o jornal "Republica" de Buenos Ayres, datada de 28 de Maio e publicada a 2 de Junho de 1869 dizia "El camino de fierro brasilerero fue vendido á los Snrs. Bocayuva e Ferreira, quienes van a poner la via espedita para el servicio desde 1.º de Junio."

Sobre estrada de ferro do Paraguay vide *Visconde de Taunay* — "*Cartas de Campanha*", pags. 40, 70, 80; *Visconde de Taunay* — "*Diario do Exercito*" Vol. 1.º (*A Campanha da Cordilheira*), pags. 72, 123, 131, 140, 153, 155, 190.

★ ★

**Sñr Cotegipe**

A visita ao Arsenal fez-me tomar os apontamentos inclusos.

D. Pedro 2.º

5 de Agosto de 1869

★ ★

5 de Agosto de 1869

### ARSENAL DE MARINHA

Lembro a conveniencia de mandar quanto antes as duas lanchas a vapor que forão construidas para o serviço no Paraguay. A ultima expedição do Tibiquary, e outros que ainda hoje me obrigão a insistir n'esta remessa. Podia ir uma já ter ido no "Leopoldina"; mas vá ao menos esta no "Vassimon" que se espera, ou ambas no "Werneck" que tambem deve chegar proximamente. Sei que o José da Costa e Azevedo diz que ellas não são precisas; mas o mesmo dizia Eliziario antes da expedição do "Tibicuary".

O corte do morro de S. Bento se não fôr feito por empreitada só d'aqui a 2 annos estará completo, e elle é necessario para complemento da officina de fundição.

Recordo-lhe o que ja escrevi sobre a melhor organização das companhias de operarios do Arsenal.

### ARSENAL DE MARINHA

Renovo as lembranças já escriptas.

O despejo deve ser melhorado segundo o systema da companhia "City-improvements", para que não haja mau cheiro em algumas officinas.

A continuação do caes é muito necessaria

mesmo para que possa a machina motriz trabalhar com todas as marés.

E' preciso que o encanamento de agua parta da caixa-de-agua central ; para que o arsenal não fique dependente de outros para ter agua.

O salario dos officiaes de espingardeiro é injustamente diminuto.

“Queixou-se (Cotegipe) das suas impertinencias (do Imperador) e inuteis visitas aos arsenaes. Não o acompanhava em nenhuma” (Topicos da conversa de Cotegipe com Tavares Bastos, em 25 de Fevereiro de 1870, por este registrada em em um de seus cadernos de notas).

★ ★

### Sñr Cotegipe

Eliziaro que tão bem principiou a expedição do Tibicuary e concorreu para seu feliz exito não pode retirar-se do Paraguay. O mesmo digo do Paranhos que tanto tem ajudado a meu genro e servido a causa do Brasil. A carta que meu genro me escreveu é animadora, e elle espera cercar Lopes em “Ascurra”.

As duas lanchas que estão aqui devem ir quanto antes, e o vapor de 30 ou mesmo antes pode levar ambas, sendo o “Werneck” que não pode tardar tendo descido a 31 para “Humaytá” afim de trazer artilharia e bálalas para cá. Se outro partir antes poderá levar uma das lanchas se se cuidar sem perda de tempo do que houver a fazer no transporte. Agora são estes navios pequenos os mais

precisos no Paraguay, e por isso insisto na sua remessa. As communicações trazidas pelo "Vassimon" alliviaram-me de grande peso, embora a minha fé seja robusta.

D. Pedro 2.º

14 de Agosto de 1869

Eliziaro queria voltar. E' a elle que em carta de 15 de Agosto de 1869 dizia Cotegipe :

"Pelo Vassimon, que apenas chegou hontem, recebi as estimadas cartas de V.Ex. de 20 e 31 do passado, e vi pela primeira vez que não quer ter commigo a indulgencia de conceder uma *moratoria* ao praso que marquei para a estadia de V.Ex. ahi, á frente de nossa esquadra, reputando-o mui sufficiente para a missão que tinha a desempenhar. Ainda que contrariado cumpriria minha promessa, se não recebesse ordem positiva de S.M. o Imperador, para communicar a V. Ex. que seu regresso agora seria mui prejudicial e que só por motivo mui ponderoso poderia ser concedido. Já vê, meu caro Almirante, que devemos obedecer, e dóce é a violencia que se basêa em tão honrosas provas de confiança. Eu tomo inteiramente a responsabilidade da vontade de S. M., porque ella consulta perfeitamente os interesses do paiz. Não traduza, porem, esta ordem como preceito absoluto, que exija um sacrificio como o que fez o pobre Inhatúma. Não : quando V. Ex. reconhecer que o estado de sua saúde não admitte condescendencia com seus deveres, apresse-se a voltar, certo de que será recebido com a consideração a que já fez direito. Nesta occasião, que peço a Deus não se apresente, tem V.Ex. successor natural no chefe que se lhe segue em hierarchia e que se acha na Esquadra, sem necessidade de designação previa."

“Remetto no Annicota mais uma lancha a vapôr. Fica V.Ex. assim habilitado a devassar todos os lagos e riachos do Paraguay e a penetrar no sertão desse paiz com uma parte destacada de sua esquadra.” (Carta de Cotegipe a Elizario, 15 de Agosto de 1869).

Era antiga essa idéa tenaz de Pedro II sobre a utilidade das lanchas na campanha fluvial do Paraguay. Vide cartas suas de 25 de Fevereiro, 25 de Março e 23 de Outubro de 1867 ao Visconde de Paranaguá na Rev. do Inst. Historico Brasileiro, Volume Especial do Centenario de Pedro II.

Vide *Taunay*, “*Diario do Exercito*”, 2.º volume, (De Campo Grande a Aquidaban) pags. 23; “*Cartas de Campanha*” pag. 137.

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Nada recebeu do Paranhos ou do Elizario pelo “Alice”? Se recebeu desejaria lê-lo quanto antes.

D. Pedro 2.º

14 de Agosto de 1869

★ ★

**Sñr Cotegipe**

A primeira verba de demonstração de credito parece-me pequena demais.

Nada posso dizer sobre a compra projectada da ilha das Enxadas sem ter visto primeiro os papeis que existão a tal respeito.

D. Pedro 2.º

16 de Agosto de 1869

Sñr Cotegipe

Os officiaes inglezes podem vir cá 5a. fr.  
ás 6 h  $\frac{1}{2}$  da tarde

D. Pedro 2.º

17 de Agosto de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Quando cheguei á casa depois de 4 é que li a copia da carta do Salgado. O telegramma enviado pelo Cutrim (?) do Desterrodeixa-me o espirito suspenso. D'aqui a pouco espero mais pormenores dos successos da guerra; pois o telegramma em resposta ao meu já vinha a caminho, quando eu sahi da estação central dos telegraphos.

O "Sta. Cruz" ja tarda, e o "Werneck" só o teremos depois d'amanhã.

D. Pedro 2.º

26 de Agosto de 1869

*Salgado* — O então Capitão de Fragata João Mendes Salgado.

★ ★

Sñr Cotegipe

Desejo ver os officios que tiver trazido o vapor "Sta. Cruz", que entrou esta noite, e os diarios do Rio-da-Prata.

D. Pedro 2.º

27 de Agosto de 1869

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Esqueceu-se de mandar o discurso do Ministro Americano?

Não esperava noticias posteriores ás que já tínhamos pelo "Werneck"; mas se cartas do Paranhos e do Elizario de character official, ou diarios do Rio-da-Prata contem pormenores não conhecidos, ou dados para apreciar o estado dos negocios da guerra desejarei lel-os.

D. Pedro 2.º

28 de Agosto de 1869

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Mandarei logo o telegramma. Um "Telegrapho-Maritimo" de 24, que eu li ha pouco, e dá a noticia da chegada do Roque Peres ao "Rosario", não refere o combate de 18; porem talvez Roque Peres recebesse depois essa noticia. Demais eu vejo no mesmo diario um officio de Emilio Mitre datado de "19 de Altos". Quem sabe se Roque Peres não dá as mesmas noticias do "Werneck"?

Em Pirebebuy o inimigo perdeu 1000 e tantos homens, e a 16 tomamos-lhe 15 peças, e o inimigo seguiu para Manduvirá. Roque Peres talvez não soubesse que o Werneck recebêra a noticia do combate de 16 pelo "Provedor".

Creio que tambem se enganaram no "Rio-da-Prata" tomando o "Werneck" pelo "Leo-

poldina", que foi encontrado por aquelle quando elle subia.

Parece-me que devemos estar tranquilos a respeito das 20 ou antes 15 peças.

D. Pedro 2.º

30 de Agosto de 1869

*Roque Perez*:—enviado diplomatico da Argentina ao Paraguay, quando se negociou o accordo preliminar de paz e se organisou alli o Governo Provisorio.

"Tenho a dias quasi toda a minha bagagem a bordo do "Galgo" e teria partido no dia 21 como annunciei a V.Ex. se não devesse esperar pelo representante argentino. Partir sem este Snr. fôra expor-me a ficar muito tempo n'Assumpção quasi inutilmente.

Depois de alguma demora resolveu-se o Governo Argentino a convidar o Dr Manoel Quintana, que accitou. Dependia, porem, o Sr. Quintana, de licença da Camara dos Deputados, a que preside, e a Camara lh'a recusou, porque quer o seu auxilio na questão da Capital.

Senti esse accidente pois o Snr. Quintana é um character honesto e se entenderia perfeitamente commigo sobre o estabelecimento do Governo Provisorio.

Tentou-se então a nomeação do Dr Pico, que é meu conhecido desde 1852 e ora exerce as funções de Procurador Geral da Confederação. O Snr Dr Pico allegou o prejuizo que de sua ausencia resultaria a muitas causas pendentes, e foi despensado.

Finalmente está nomeado o Sr Dr Roque Perez, um dos mais distinctos advogados do fôro de Buenos Ayres, e homem de tracto franco e agradavel. Conhecemo-nos e creio que não iremos mal em nossa commissão." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Buenos Ayres, 24 de Junho de 1869).

“O Snr Peres é excellente pessoa e já nos tratamos com amizade. Só receio as suas relações com os fornecedores Lanus e Mollina. Disse elle hontem em minha casa aos Snrs Lisboa e Peixoto, a quem conhecia antes, que os Snrs Sarmiento e Varela lhe recommendarão que se fizesse popular e saccasse o que fosse preciso. Eu espero que sem tanto espavento não serei impopular.” (Carta de Paranhos a Cotegipe, Buenos Ayres, 27 de Junho de 1869).

“O Dr Peres está de boa fé e de accordo commigo porque é mais homem de coração que politico...” (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 8 de Julho de 1869).

“O Dr Peres é homem illustrado e de excellente caracter, estamos nas melhores relações, mas é algumas vezes indiscreto, outras precipitado, e lucta com as manhas do General Mitre e da gente politica de sua terra.” (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 22 de Julho de 1869).

★ ★

### Sñr Cotegipe

Relendo o telegramma e o “Telegrapho-Maritimo” que me mandou o Sequeira do Arsenal de Marinha parece-me que a 18 houve novo encontro. Vejo que não deixão o inimigo socegado, e 20 peças talvez não seja senão “uma peça”.

D. Pedro 2.º

30 de Agosto de 1869

O encontro foi a 16: — a batalha de Campo Grande.

★ ★

**Sñr Cotegipe**

As noticias são excellentes, mas Lopes ainda não foi preso ou expellido do Paraguay. Esperemos ; mas confiadamente.

Brevemente teremos mais noticias e talvez decisivas.

D. Pedro 2.º

31 de Agosto de 1869

As noticias eram as das victorias de Peribebuy e Campo Grande.

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Chegou uma Corveta Peruana do Rio da Prata com 7 dias e talvez traga noticias da guerra. Veja se as obtem e m'as communica.

Que virá ella fazer aqui?

D. Pedro 2.º

14 de 7bro de 1869

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Já sei do mais importante pelo Muritiba a quem respondo.

Desejaria ler as communicações do Paranhos antes do despacho.

Creio que nada se responderá pelo "Izabel" que sae logo, e sim pelo "Presidente".

D. Pedro 2.º

15 de 7bro de 1869

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Convem publicar os officios do Eliziario, e o que cobre a manifestação do Juiz de Paz de San José de los Arroyos bem como esta.

A leitura dos officios dirigidos pelo Paranhos ás nossas autoridades em Assumpção e a meu genro confirma a opinião que tenho de que cumpre que elle só volte com a noticia da paz. Estou certo de que não appello em vão para o patriotismo de quem tão completamente tem desempenhado sua missão.

As operações no Norte do Paraguay que tão efficazmente podem ser auxiliadas por nossos pequenos navios me obriga a insistir na remessa da ultima lancha que não tendo sido levada pelo "Izabel" que hontem partiu poderá sel-o pelo transporte de 30.

D. Pedro 2.º

16 de 7bro de 1869

"A noticia de um Governo Nacional nesta cidade dissipou os receios daquella população e a fez sahir dos pontos em que Lopes a occultava. O Juiz de Paz de S. José dirigio uma expansiva demonstração de confiança ao Principe e ao Governo Provisorio." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 31 de Agosto de 1869).

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Sahi esta tarde e só agora recebo sua carta.

O commandante da corveta Peruana pode vir cá amanhã ás 7 da noite.

Julgo que o Twite é aproveitavel pelo que conversei com elle, mas talvez convenha mais que elle volte ao Paraguay onde poderá auxiliar o nosso exercito. Vou lêr o memorandum.

A relação dos objectos que elle perdeu creio que se deve mandar ao commandante do nosso exercito. Ha collecções geologicas curiosas.

D. Pedro 2.º

24 de 7bro de 1869

“Un jeune ingenieur civil des mines - assez intelligent - quoique pas d'une classe superieure, Mr Twite, vient d'arriver par le la Plata, et compte passer quelques jours a Rio a l'Hotel de l'Exchange.

Il a été melé dans les dernières affaires et donne des details assez interessants sur la fuite et les intentions de Lopez, qui ne quittera pas le Paraguay. Je crois, d'après ce qu'il dit que si on lui donne un “sursis” de quelques jours il pourra se fortifier et trouvera des ressources considerables á St. Stanisláo - ou il avait, il y a quelque temps ordonné a Mr Twite de transmettre la poudre et tout de qu'il avait a son arsenal. Il avait avec lui trois meilleurs bataillons - en tout environ 1.400 hommes bien armés - mais peu de chevaux.” (Carta do Ministro inglez Mathew a Cotegipe, 17 de Setembro de 1869).

“A carta de V.Ex., que recommendou o Engenheiro Carlos Twite, foi com este a Sua Alteza. Não tirei copia porque eu e o Sr Lisboa já não podemos dar vasão a tanto trabalho. Esse engenheiro já deve estar com S.A. Eu tinha aqui conversado com elle quando desceu da Cordilheira e sua linguagem pareceu-me suspeita de adhesão a Lopez. Mas foi mera sus-

peita, que não pude apurar. Todavia informei S.A. dessa minha impressão." (Carta de Paranhos a Cotegipe, 30 de Outubro de 1869).

Sobre Twite ver *Mario Barretto "Campanha Lopesguya"*, Vol. 3.º, appendice XXXVII e LIII; Visconde de Tau-nay, "*Diario do Exercito*", Vol. 2.º ("*De Campo Grande a Aquidaban*"), pag. 39.

★ ★

### Sñr Cotegipe

Os arranjos propostos pelo Nicolao Tolentino em seus officios de 31 de Julho e de 8 de 7bro d'este anno parecem-me acceptaveis; mas como não creio que o governo inglez ceda ao menos, por ora, de suas pretensões acho que é melhor não nos lembrarmos de similhante questão. Não conviria ouvir tambem sobre as opiniões do Nicolao Tolentino a secção do Conselho d'Estado?

Entendo que o Twite, se quizesse poderia prestar-nos bons serviços no Paraguay devendo-se mandar quanto antes seus dois "memoranda" ao Commandante de nosso exercito.

Envio-lhe o requerimento da viuva do Mestre do Belmonte, o que parece-me digno de contemplação.

D. Pedro 2.º

25 de 7bro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

O "Bonifacio" deve ter entrado. Hei de mandar as cartas para irem pelo "Marcilio Dias" ao Arsenal de Marinha; mas depois de lêr o que o "Bonifacio" trouxer.

D. Pedro 2.º

30 de 7bro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

As noticias promettem breve desenlace. O Elizario parece cansado; mas espero que conclua a campanha. Julgo que a marinha ainda pode prestar bons serviços sobretudo com os navios pequenos.

Não posso concordar com o juizo do Paranhos a respeito do Osorio, que conheço de mais tempo do que elle.

E.....il a tendencia que o Paranhos pensa ter meu genro; porem elle hade proceder de modo a que não suspeitem (?) que elle inclina-se a este ou aquelle partido, e convenção-se de que, assim como eu, reputa a todos realmente amigos das instituições. Todos os partidos, sobretudo se..... seus sentimentos, tem defeitos, e o que cumpre é que a opinião da Nação possa sempre livremente manifestar-se; porque então só os loucos deixarão de sujeitar-se a ella.

Posso fallar assim a respeito de meu genro; porque muitas vezes temos conversado neste sentido.

E' preciso prevenir o presidente do Rio Grande e do Paraná sobre o que diz Paranhos da direcção que Lopez seguirá, e que meu genro tambem não julga impossivel.

Daqui a pouco mandarei as cartas ao Arsenal de Marinha.

Fica o manifesto do Governo provisorio do Paraguay que logo restituirei.

Estou muito satisfeito da demora do Paranhos no Paraguay, onde tanto pode ainda concorrer para o fim da guerra, ajudando a meu genro.

D. Pedro 2.º

30 de Setembro de 1869

Pedro II escreveu esta carta á vista da que Paranhos enviou a Cotegipe com data de Assumpção, 16 de Agosto de 1869, na qual se lê apreciação sobre as operações, a fuga de Lopez, provavelmente para o Norte, e o proximo desenlace da lucta.

Nesta carta Paranhos communicava: "Peribebuy cahio em nosso poder, por um brilhante assalto, que faz honra ao Principe, a quem unicamente se deve sahir nosso exercito de Pirayu: O Snr Herval não vale o que apregoam os amigos da republica de Washington. Fique isto entre nós." (Carta de Paranhos a Cotegipe, n.º 26, 16 de Agosto de 1869).

Antes, em carta de 31 de Julho de 1869, tambem escripta de Assumpção a Cotegipe, Paranhos fazia esta apreciação sobre Osorio: "No dia 24 fui a outra conferencia do Principe com os Generaes Visconde do Herval e Polydoro. Desta vez o Polydoro estava prompto para marchar, mas o Herval (quanto ahi se illudem com as celebridades militares deste nosso patricio) ainda offerencia duvidas cujo resultado seria

nunca marchar.” (Carta de Paranhos a Cotegipe, n.º 25, Assumpção, 31 de Julho de 1869).

E depois reiterava o seu juizo sobre o então Visconde do Herval: “Sua Alteza tem tambem uma bonita corôa de gloria na sua prompta e energica perseguição ao inimigo, perseguição, estou certo, de que este nunca nos julgou capazes, perseguição que se perderia, como se perdeu o sitio de Acurra, a não impôr Sua Alteza sua vontade sobre as lentas precauções e erroneas previsões do Visconde do Herval, cujo merito real é somente a bravura e cujas aspirações politicas muito influem em seu procedimento actual.” (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 31 de Agosto de 1869).

“O Principe instou com o Herval para acompanhalo ao Rozario, não porque precise d'elle, que é hoje um invalido, mas por affeição pessoal e por politica creio que o Herval irá para estabelecer-se no Rozario; elle não pode acompanhar o Principe.

Não se podem dizer todas as verdades mas o certo é que o Snr Herval houve-se até com notavel grosseria para com o Principe (este m'ò confessou), e que por elle demorou-se 24 horas a nossa marcha de Pirebebuy para Caacupé ou Barreiro Grande e que a entrada em Valeujuda nos teria custado muito, se Sua Alteza não ordenasse *imperiosamente*, que se occupasse a sahida da picada na mesma noite. A este respeito muito tinha que dizer a V.Ex., mas deixo para as nossas conversações nessa Córte. Resumô sem hesitação meu pensamento a respeito do Visconde do Herval, que aliás estimo, nestas palavras: “está perdido pelos aduladores, e não é amigo de nossas instituições”. Se não o quizerem crer, só lhes peço que registem esse meu juizo. Começo a usar da vantagem dos velhos — que é fallar com atrevimento.” (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 17 de Setembro de 1869).

“O Snr Herval mostrou-se com effeito descontente com as palavras do Snr Ministro da Justiça que explicarão a sua exclusão da lista triplice na eleição anterior. Não se anima a manifestar-me essa sua sem razão, mas sei que articulou esse agravo. Confessou-se-me, porem, grato ao Snr Barão de Muritiba e justo apreciador do character deste nosso amigo e collega.

Elle pediu ha dias licença para retirar-se como informo ao Snr Ministro da Guerra, e creio que isso não é um mal. O Visconde melhorou muito do seu ferimento, mas é lento, por nimia cautela, ou por calculo politico, e exerce grande ascendencia sobre o Principe.

Elle está muito vaidoso, julga-se um homem temivel, mas a sua retirada pode ser convicção de que já não ha inimigo para tantos *generaes em chefe*. Creio que se lhe dermos uma pensão de honra, o livraremos de maleficas tentações.” (Carta de Paranhos a Cotegipe, 14 de Novembro de 1869).

“O General Visconde do Herval chegou hoje a este porto, e segue depois de amanhã no “Alice” para a sua Provincia. Retirou-se com licença de Sua Alteza por aggravar-se o seu encommo ; mas eu creio que elle se retira porque vio que a campanha ja não exige tantos generaes, quer cuidar de si e de seus negocios.

O Principe disse na sua Ordem do Dia de despedida, que me foi a pouco mostrada pelo Major Vale, Secretario do Visconde, que era — *o mais illustre e o mais benemerito dos lida-dores desta guerra*. Parece-me que ha neste elogio exaggeração e inconveniencia.

Mas emfim deixemos passar o elogio, que é opinião individual de Sua Alteza, reconheçamos o verdadeiro merecimento do elogiado, e sejamos consequentes com este, apon-tando-lhe assim o melhor caminho e dando uma justa idéa de nós aos estrangeiros. Creio que o Visconde deseja ir ope-

rar-se na Europa. Elle ficou de vir convêrsar commigo amanhã." (Carta de Paranhos a Cotegipe, 29 de Novembro de 1869).

"O Visconde do Herval seguiu hontem no "Alice" para Montevidéo, donde irá por terra ou pelo Uruguay para a sua estancia. Jantou commigo na vespera, e andou nesse dia, contra o seu costume, de commenda do Cruzeiro, o que tem sua significação de bons propositos. Quanto a mim elle vae tratar do seu queixo; da familia que estava reclamando a sua presença, e de auxiliar certo negocio de fornecimento de gado e mulas por via de Itapuá para Curuguaty. Elle é dos que adoptarão o plano de operações lentas, tendo sua base em Curuguaty.

Agora que Sua Alteza fica só eu espero que tornar-se-ha mais activo e não deixará de vir ao litoral." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 3 de Dezembro de 1869).

"O Marquez do Herval é mais politico do que o Visconde (de Pelotas), mas é homem de ordem, reconhecido ás provas de consideração que tem recebido do Governo Imperial e accessivel ás inspirações da prudencia e do cavalheirismo.

Não devemos contar com elles para o que seja de confiança politica no sentido restricto destas palavras, mas estou certo de que darão sempre o exemplo de respeito á autoridade, não animarão actos facciosos e prestarão seu concurso moral ou pessoal para o que seja de interesse commum e não implique com suas relações de partido." (Carta do Visconde do Rio Branco ao Cons.<sup>o</sup> Presidente do Rio Grande do Sul, 12 de Março de 1871).

"Não me surprehende o que me contas acerca do *liberalismo* do Conde d'Eu. Eu quasi previa que havia de ser assim. Os elementos a serviço de suas ambições eram muitos e visiveis para qualquer os desconhecer. Quando, porem, o

perigo fôr iminente não duvido crêr que o *fabricante-mór* da politica de *bascule*, tente conjurar o perigo fazendo do ladrão fiel... Não me admira que seja então chamado o proprio *Zacharias*!...

Não te lembras do Ministerio do Paula e Souza por occasião da revolução da França em 1848 ? Passado o susto da *edipe da monarchia*, o maquinismo mudou de repente o ponto de apoio, e veio o Euzebio, etc.!! Assim, meu caro, nessa terra, onde todas as ambições politicas, todo o alarido dos partidos, se acalmam com uma pasta de ministro — he de esperar que não serão serias as consequencias do liberalismo do Conde d'Eu, como á primeira vista nos parece." (Carta de Penedo a Cotegipe, 21 de Fevereiro de 1870).

★ ★

## Sñr Cotegipe

O Paunero pode vir cá na 4a. fr. ás 6 da tarde.

Acho boa a nomeação de commandantes para a "Vital de Oliveira" e o "Amazonas" que o senhor propõe.

Estive hoje na fortaleza de Villegaignon. Ha presos com processos demorados, quando os da Marinha não são muitos. Fallaram-me duas creanças de S. João da Barra : a mais velha por nome Augusto Manoel de Paiva e a outra Joaquim Manoel de Paiva ; irmãos e netos d'uma velha, que disserão-me ter se apresentado, por conselho do vigario receiosos de que os recrutassem. O mais moço prefere aprender officio e talvez fosse justiça e

é decerto caridade fazel-os adquirir algum meio de vida no Arsenal.

D. Pedro 2.º

11 de Outubro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

O Ministro Peruano até ás 2 horas da tarde não sabia ainda do motivo porque eu lhe disse que iria amanhã, ás 11 horas a bordo do monitor Peruano, e só depois d'amanhã ás mesmas horas poderei eu ir agora.

D. Pedro 2.º

14 d'Outubro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

A carta que lhe escreveo o Paranhos não está muito de accôrdo com o que recebeu d'elle o Muritiba, a quem escrevo sobre esta carta.

D. Pedro 2.º

21 de Outubro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Os telegrammas do Paranhos são favoraveis e convem que appareção amanhã assim como a noticia dos passados de que trata a "particular" do Borges de Buenos-Ayres.

Já soube qual a importancia do serviço do "Vassimon"?

D. Pedro 2.º

26 de Outubro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Escrevo ao Muritiba e acabo de fallar ao Paulino sobre as communicações recebidas do Paraguay.

D. Pedro 2.º

28 de Outubro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Montevideo carece da presença de nosso Ministro, e ainda insisto na urgencia de que sejam preenchidas nossas legações da America do Sul, e com gente habil.

A alimentação que o Sobreira calcula para a guarnição de nossa esquadra do Paraguay parece-me, pelo menos, pouco nutritiva; mas o Sñr ouvirá de certo as pessoas competentes sobre este assumpto.

Como o Sñr hade ir á conferencia dos ministros chamo por seu intermedio a attenção do ministerio para o estado dos espiritos na Guarda-Nacional.

Alem do impresso junto, que provavelmente já teria visto, alguma cousa me tem

constado, de que falarei amanhã no despacho.

D. Pedro 2.º

2 de 9bro de 1869

O "impresso junto" a que allude Pedro II era assim redigido :

### "A GUARDA NACIONAL

Cidadãos guardas nacionaes ! A medida que acaba de sair das mãos do governo sujeitando-vos ao corpo policial é uma affronta, que reclama a mais energica opposição !

Vossos brios e vossa honra estão compromettidos se se não repellir semelhante medida.

E' tempo, é mais do que tempo de acabar com este estado de cousas ! As injustiças que tem soffrido os infelizes voluntarios da patria, o estado de quasi mendicidade em que tem cahido esses heróes do Paraguay a que se chama os Invalidos da Patria ; o estado de constante martyrio em que vive o cidadão guarda nacional ; todo esse cortejo de perseguições e violencias, não era<sup>r</sup> ainda sufficiente, e por isso o governo accrescenta mais uma affronta !

Não é bastante o soffrimento ; junte-se ao soffrimento a vergonha de estar a guarda nacional sujeita ao corpo policial !

Reunam-se os officiaes da guarda nacional com seus batalhões, e como cidadãos defendão-se contra semelhante medida. Salvem a sua dignidade sem recorrer a meios violentos, e quando o governo reconhecer o erro que acaba de praticar diante de uma manifestação imponente, mas pacifica, então hade recuar cheio de terror diante dessa manifestação que hade salvar a honra da guarda nacional que está neste momento em jogo.

O paiz, os homens patriotas, tem os olhos fixos sobre os commandantes e officiaes da guarda nacional; elles esperam e confiam no patriotismo de todos os cidadãos.

Que amanhã diga a guarda nacional como disse Francisco 1.º — *“Tudo está perdido menos a honra”*.

Viva a Guarda Nacional.

Viva a Nação Brasileira.”

★ ★

Sñr Cotegipe

Mande-me dizer até que hora deve estar minha correspondencia na Secretaria dos Estrangeiros afim de ir pelo “Arno”.

D. Pedro 2.º

3 de 9bro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Restituo as communicações do Rio-da-Prata e Paraguay.

Aguardemos as primeiras noticias, que podem ser interessantes. Creio que já terá escripto ao Eliziario sobre o emprego de lanchas a vapor para certeza da correspondencia.

Pelo quadro de navios estacionados no Paraguay e Paraná parece-me que cuidarão de explorar o Jejuy; mas duvido de que possam conseguir mais do que approximar os fornecimentos do nosso exercito.

Ainda 2a. fr. fallaremos-sobre este assumpto..

D. Pedro 2.º

27 de 9bro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Se o Amazonas tivesse prestado serviços de importancia depois de sua ultima promoção eu seria o primeiro a propôl-o para almirante; porem, em lugar de havel-os prestado, tratou de retirar-se para o Rio-da-Prata. A vaga é no quadro extraordinario, e portanto entendi e entendo que não se deve preencher.

Sobre a promoção a chefe d'esquadra lembrei o que já disse : o Barão de Passagem foi generosamente recompensado pelos serviços que prestou, e, se é proposto por ter commandado a esquadra, mais a tem commandado Elizario, que eu promoverei a vice-almirante pelos serviços d'importancia que tem prestado depois que foi promovido a chefe d'esquadra, em lugar do Tavares, que aliás tem sido muito bom official, mas ha muito tempo serve em terra e já foi graduado vice-almirante por sua antiguidade. Eu não hesitarei em promover em lugar do Barbedo e Netto a Wandencolk e Varella. Barbedo não tem propriamente serviços de guerra, apesar de ter estado no Paraguay, e Netto foi promovido, se não me engano, depois de ter passado Curupaity. Simplicio Gonçalves de Oliveira não mereceria por serviços tão rele-

vantes, habito do Cruzeiro, como a outros se deu em circumstancias analogas?

Creio que o Cesar de Miranda já foi condecorado. E' nome que conheço muito pelos serviços desse official.

A passagem d'Angustura por José Luiz Teixeira foi posterior á concessão do ultimo habito que teve?

Mais uma reflexão; o addiamento da promoção parece que foi para que esta se realisasse amanhã, contrariamente ao que penso que ella deve fazer-se á medida que se dão as vagas, e, se ficar para quando ainda mesmo se tenha pensado sobre o assumpto, creio que se ganharia; comtudo farão o que lhes parecer mais acertado, tendo eu como sempre, apenas dicto meu parecer a respeito de similhantes negocios.

D. Pedro 2.<sup>o</sup>

1 de Dezembro de 1869

Ficão as listas para eu ainda revel-as; mas remettel-as-ei se d'ellas precisar. Recebeu officios pelo "Patagonia"? Já li no telegrapho de Montevidéo o telegramma de Paranhos de 20, que é favoravel.

Esta carta allude ás promoções na marinha reservadas para serem publicadas a 2 de Dezembro, data do anniversario natalicio de Pedro II.

"Acabo de dar a ultima demão na promoção, que será publicada no dia 2 do proximo mez." (Carta de Cotegipe a Elizario, 30 de Novembro de 1869).

“Exm.<sup>o</sup> Sr. Conselheiro Eliziario Antonio dos Santos  
Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1869

Tive hontem a satisfação de referendar o decreto nomeando V.Ex. Conselheiro de Guerra, como eu havia proposto a S.M. o Imperador, e sinceramente lhe felicito por esta bem merecida graça, que solicitei em lugar da promoção, para honrar os distinctos serviços por V.Ex. alli prestados; porque me pareceu sua concessão preferivel a um posto de accessão, que mais dia menos dia V.Ex. obterá. Creio ter assim interpretado bem os verdadeiros desejos de V.Ex.; no menos a intenção foi de ser-lhe mui agradável.

Remetto-lhe junto o Diario Official em que vem publicada a promoção. Esforcei-me por ser justo estudando bem a questão e sinto não ter podido contemplar todos os officiaes que ahi servem. Estimo que me dê sua opinião com franqueza acerca deste trabalho.” (Carta de Cotegipe a Eliziario).

“Quando pretende V.Ex. publicar a promoção da Armada? Ha grande desgosto por essa demora. A marinha não tem mais a quem combater, e pelo muito que uns obtiverão dos Ministerios passados, não devem todos os outros soffrer. Desculpe a expressão deste meu voto.” (Carta de Paranhos a Cotegipe, 3 de Dezembro de 1869).

★ ★

### Sr. Cotegipe

Fiz apenas uma observação ao projecto de instrucções para aquisição de pharóes.

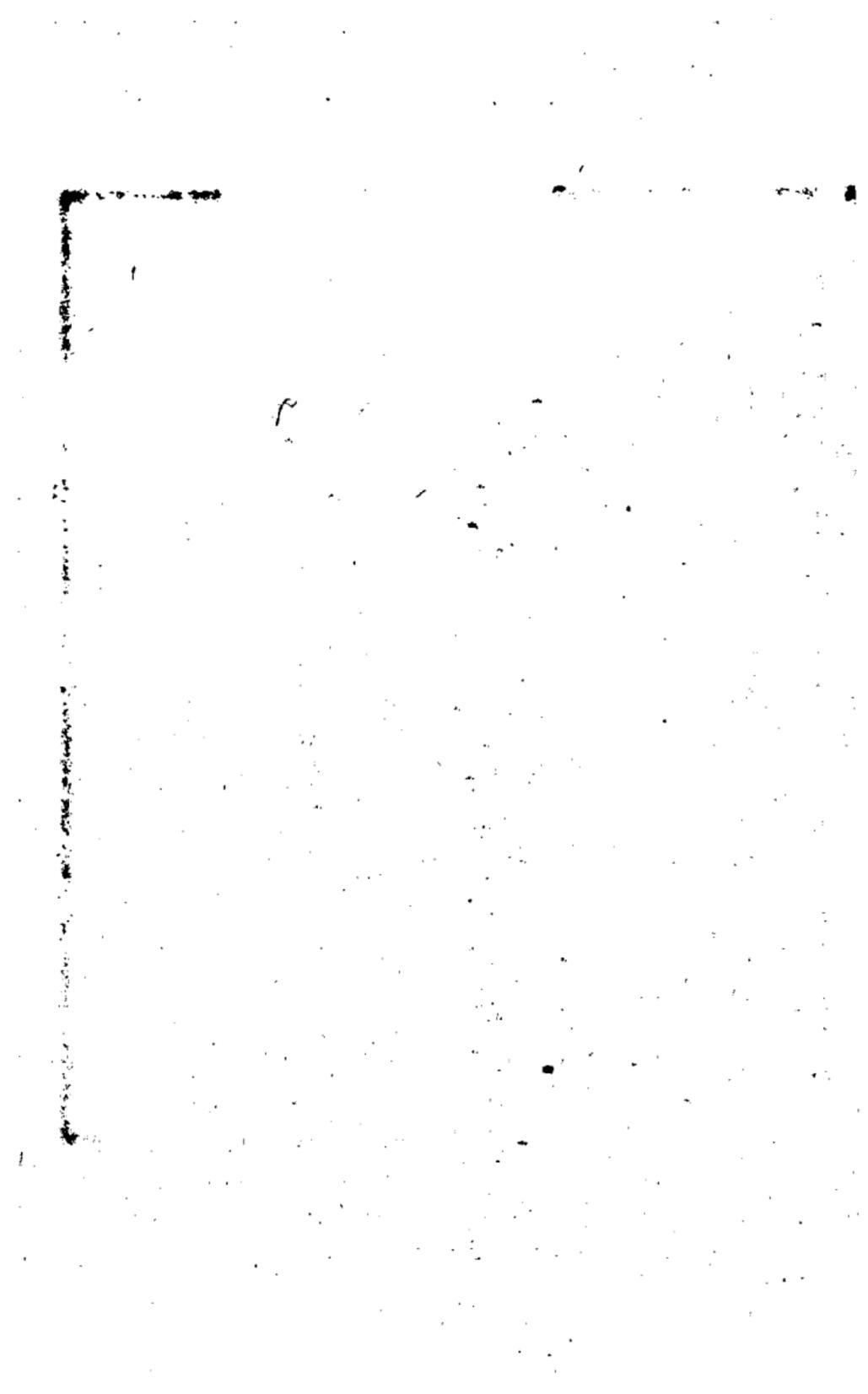
Porque não aproveita a occasião para melhorar o pharol da Rasa com o apparelho dioptrico?

D. Pedro 2.<sup>o</sup>

5 de Dezembro de 1869



Caricatura do Barão de Cotegipe, allusiva às promoções na marinha.



\* \*

Sñr Cotegipe

Porque vapor vae a mala que não pôde levar amanhã o "Gironde"? Pergunto por causa de minha correspondencia para a Europa.

D. Pedro 2.º

7 de 10bro de 1869

\* \*

Sñr Cotegipe

A carta que escrevo ao Muritiba completa esta.

A grande falta de nosso exercito é a de viveres e meios de conduzil-os. Consta-me que só um vapôr leva a boiada d'"Angustura" para "Rosario".

Cumpre que a esquadra auxilie efficazmente esse serviço não só no Paraguay como no Paraná; pois que o Portinho está encarregado de receber gado por ahi. E' preciso que haja a maior combinação entre a esquadra e os empregados do exercito afim de que mesmo parte do gado não morra.

Paranhos a cuja carta vou fazer reflexões diz que se tem remettido para "Rosario" até 29 de 9bro 6.000 rezes, "pelo menos", e meu genro escreve-me a 26: "Continuam os apuros da alimentação a ponto de terem morrido estes dias bastantes soldados por "mera inanição!" E isto tende agravar-se com

as chuvas, que, outro dia, segundo participou de Sto Estanislão o Manduca Cypriano, já desmancharão a ponte do Tapinaquay." Conforme a carta de meu genro de 26 d'Outubro, elle tinha a 15 em "Cativary" para "mais de 9.000" homens mas talvez que a 26 de 9bro já não tivesse tantos. Pelo parecer do Dr Pinheiro Guimarães um boi dá 100 rações, e portanto os 6.000, de que só metade chegaria a "Cativary", darião 300.000 rações ou 22 a 23 dias de alimentação 10 a 12, tempo do caminho, depois da chegada das primeiras boiadas a Cativary, que teria sido a 21; mas a 26, se a reserva diaria foi de 300 rezes, deverião restar rações para 11 a 12 dias, que se levarião até "Igatinga". Ainda assim Paranhos não calcula senão pelo que lhe "consta" na occasião da remessa, e meu genro pelo que "verifica" na chegada a "Cativary". Por isso e porque convem apressar a perseguição de Lopez do lado de "Cativary" entendendo que meu genro faz bem de ficar em "Cativary", d'onde pode expedir suas ordens e elle e eu confiamos inteiramente no zelo de Paranhos para remessa de tudo o que fôr necessario. Pretendo escrever neste sentido a meu genro e desejo que o Paranhos ainda uma vez saiba quanto espero que elle auxilie meu genro que lhe tem até "amizade", segundo me escreve. Paranhos entendendo-se com meu genro pode recorrer aos meios extraordinarios, ou obter seu emprego, para a proxima remessa de bois e cavallos, de que tambem carecia Camara, cujas forças assim

como as de "S. Joaquim" e "Ihur" não metti no calculo do fornecimento.

Cumpra recompensar o Herval, conforme seu merecimento, e quanto antes, e eu já pensei em mandar-lhe ao Rio Grande um chirurgião habil.

Não sei bem a que melindres dos collegas se refere o Paranhos, e o Sñr deve recomendar-lhe que continue a auxiliar meu genro, como o fazia até agora, só envolvendo-se no que é administração militar por pedido de meu genro. O Paranhos lembra com razão a urgencia da aquisição de todos os navios de mobilidade necessarios.

A retirada do Elizario não me agrada; mas quem ficará no lugar d'elle? Não será conveniente consultar meu genro sobre a substituição do Elizario, como se fez com o Caxias a respeito do Inhauma? Todo o accordo entre os serviços dos rios e de terra é pouco.

Se quizer fallar-me sobre todos estes negocios, a tempo de servir isso para a sua correspondencia pelo transporte de 15, pode procurar-me esta tarde, e amanhã tambem á tarde, entre 5 e 6 horas, e depois de 6 h.  $\frac{1}{2}$  amanhã.

D. Pedro 2.º

13 de Dezembro de 1869

Pedro II escreveu esta carta depois de ter lido est'outra "particular" que de Assumpção enviara Paranhos a Cotegipe, com data de 29 de Novembro de 1869: "Tive a honra de receber as cartas que V.Ex. escreveu-me a 25 e 30 do mez proximo passado, designadas com os ns. 29 e 30.

Quando a segunda chegou-me ás mãos, já eu tinha assignado o accôrdo com o Sr Varela para a reduçção das forças alliadas. A carta de 25 dava-me o pensamento do Governo Imperial, e de Sua Alteza já tinha eu o parecer, em consequencia da communicação que lhe fiz da minha correspondencia com o Sr. Borges.

O Sr Varela veio a toda pressa de Buenos Ayres, porque o Sr Borges lhe deo aviso de que me tinham sido expedidas as necessarias instrucções. As da carta de 25, por que me guiei, chegarão pelo "Annicota" dous dias depois do Sr Varela, e já este se mostrava impaciente.

Creio que procedi de perfeito accordo com o pensamento do Governo Imperial manifestado em ambas as cartas de V. Ex. e na do Sr. Barão de Muritiba.

A medida era necessaria, porque tanta força inactiva era um embaraço e um germen de indisciplina para todo o exercito, alem de tornar impossivel a perseguição de Lopez, se ella prolongar-se, porque o Brasil se arruinaria com a continuação de tão enorme despeza.

Era urgente por ambos estes motivos, e para impôr silencio aos commentarios da imprensa que nos é infensa no Rio da Prata, e para convencer os lopistas que ainda restão de que a perseguição pode ser levada a seu fim sem a ruina dos alliados ou antes do Brasil.

Vejo que a opposição no Brasil já começou a pugnar por esta idéa, crendo que o Governo Imperial não havia pensado nisso, e folgo que o accordo de 24 do corrente vá mostrar-lhe que andamos muito adeante della.

O effeito moral dentro e fóra do Imperio deve ser muito benefico.

Communiquei logo a Sua Alteza, mas não ha tempo para que me tivesse chegado a sua resposta.

Quanto aos meios de execução é materia de competencia militar, em que entrarei tanto quanto me fôr possível. Muito bom será, como direi ao nosso collega, que tudo quanto se me disse sobre a urgencia da execução, destino do pessoal e material, bem como a respeito dos meios de transporte, tenha sido communicado directamente a Sua Alteza.

Como espero que elle deixe algum arbitrio ao Sr General Polydoro, com este me entenderei no que depender da sua autoridade. Não sei se poderei me avistar com o Principe antes de regular elle a retirada das forças.

Esta salutarissima providencia, politica e militarmente fallando, talvez tire Sua Alteza de uma situação que me inquieta.

Sua Alteza marchou daqui com tanta celeridade, que não quiz annuir ás minhas instancias para demorar-se tres ou quatro dias, ao menos, afim de conversarmos sobre a nova phase da guerra e suas necessidades. Respeitei os seus bons desejos e suppuz que tudo estava bem providenciado.

Eu não tenho sido chamado a occupar-me com a administração do Exercito senão em momentos de necessidade urgente, que não possa ser attendida directamente por Sua Alteza. Fôra impertinencia perguntar-lhe se os meios já estavam proporcionados aos fins que elle se propunha.

A marcha de Rosario para S. Estanisláo parecia um passeio, tal era o contentamento de nossa gente. Os fornecedores, porem, não estavam habilitados para vencer as difficuldades da baixa do rio, e acudir ao mesmo tempo a tantos pontos. V.Ex. sabe que Sua Alteza já marchava para o interior, quando ainda ficavam as forças do General Camara em Arecutacú com ordem de irem para a Conceição, parte do 2.º corpo de exercito em S. Joaquim com o General Resin e a parte principal em Caraguatay com o General Victorino, que devia marchar tambem pelo interior para S. Estanisláo. O Brigadeiro Portinho estava em Villa Rica com mais de mil homens.

D'aqui resultou a crise de 18 e 19 de Outubro, e maiores e mais prolongados soffrimentos para a nossa gente de S. Joaquim. A impressão destes factos foi grande no animo de Sua Alteza, e desde então observo que elle passou do optimismo, que hoje me censura em suas cartas, a um pessimismo que me causaria os mais graves receios, se não fosse em mim tão robusta a convicção de que Lopez não póde hoje senão fugir, e que a sua restauração é impossivel.

Veja V.Ex. o que Sua Alteza manifestou pela mala do Transporte "Leopoldina", e o que me disse em seu officio de 16 do corrente, dando sua opinião sobre a proposta argentina. Concebe que Lopez possa situar-se sobre a encosta oriental da serra de Maracajú, que ahi faça plantações sobre as margens do Apa!

Como se não estivessemos na casa de Lopez, não dominassemos o rio Paraguay e não pudessemos hoje mover forças e viveres para o Apa e para o nosso territorio de Anhuac e Dourados, uma vez que comprassemos os meios da mobilidade necessarios!

Quando todos julgão Lopez morto, Sua Alteza concebe um plano que lhe daria vida por muito tempo, se desgraçadamente fosse possivel que Lopez resistisse ás privações e intemperies daquelles desertos.

Sua Alteza, seja-me permittido dizer na intima e discreta confidencia de V.Ex., Sua Alteza attribulado com as consequencias de tanta disseminação de forças e da pessima administração de fazenda do nosso exercito, perdeu a sua energia e resolução anterior.

Chega a crêr que o Coronel Galvão, o Dr Pinheiro Guimarães e até o Intendente Deschamps podem aconselhar-lhe melhor do que elle mesmo. Hei de remetter ao Sr Barão de Muritiba uma copia do parecer do Dr Pinheiro Guimarães, que são as idéas em que hoje crê Sua Alteza.

Vendo este estado de cousas, tenho escripto com muita franqueza ao Principe, mostrando-lhe a verdadeira situação do inimigo, a facil entrada do Coronel Fidelis em Curuguaty, as operações que tem executado o General Camara com escassos recursos desde a Conceição até Bella Vista e até Sanguino-Cué, em marchas e contra marchas de vinte e trinta legoas.

Aconselhei-lhe que retirasse do interior a força que já não lhe era necessaria ali, que não consentisse o mulheril de costume nas expedições do interior, e que tomasse outras providencias que lhe parecessem efficazes, mas não abandonasse a sua fé no bom exito da campanha.

Fui ao Rosario e á Conceição. Achei o General Camara, que era pessimista até depois de Lomas Valentinas, agora inteiramente persuadido de que a guerra não pode ir alem de Dezembro.

Escrevi ao Principe com animação, fallei-lhe em minha retirada, se as cousas tiahão de levar uma marcha tão longa. Sua Alteza algumas vezes se desgostou commigo, passou a chamar-me optimista, mas exige sempre que eu continue aqui, recordando-me minha promessa e as seguranças que lhe tem dado o Governo Imperial a respeito de meu fraco concurso.

Ponderei a Sua Alteza que elle está fóra do seu verdadeiro centro, conservando-se no interior, onde só vê o que está debaixo de seus olhos e nada pode providenciar por si, e isto para commandar cinco mil homens, cuja vanguarda está commettida ao Coronel Fidelis! Ponderei-lhe que no Rosario, ou na Conceição, onde as operações teem de ser mais importantes, estava elle ao alcance de tudo e de todos, que para commandar as expedições de Curuguaty tinha o General Victorino, cujo valor e lealdade inspirão toda confiança; e no departamento da Conceição, o General Camara, a quem

até hoje cabem exclusivamente as honras desta ultima phase da guerra.

Eu cheguei a receiar que S. Alteza não era lealmente auxiliado por algumas das pessoas que o rodeavão. Aquelle meo conselho fundado até na dignidade social e militar do Principe, tinha por fim tira-lo de uma posição em que eu o suppunha exposto a fataes illusões.

Respondeu-me que todos lhe auxiliavão lealmente, e que não sahiria d'ali emquanto não assegurasse a subsistencia daquella força por tres mezes. Mostrei-lhe e já deve estar convencido que as remessas de gado, feitas pelos fornecedores, comquanto sejam de 300 cabeças por dia, desde o meado do corrente mez, não darião para o consumo diario e para aquella reserva de tres mezes. Que neste caso era preciso recorrer a meios extraordinarios, que só Sua Alteza pôde ordenar. Ainda não tive resposta a esta carta que é de 26 do corrente.

Sua Alteza me havia pedido e ao General Polydoro que fizessemos ir tres mil rezes em vinte dias : teem ido seis mil pelo menos. Charque, farinha e os outros generos não faltão no Rosario. Menos o charque que os fornecedores não têm querido levar, os outros generos não teem faltado em Capivary. O General Victorino mandou ultimamente algum charque para este ponto e espero que os fornecedores o fação igualmente.

Entretanto as cartas de Sua Alteza, até a mais recente, que é de 24, não me fallão senão em receio de fome : converso com os officiaes que veem de lá e dão-me idéa diversa. Os mapas que tenho remettido a Sua Alteza provão que esses temores nascem de que elle não pôde em Capivary ver o que se passa sobre o litoral e do Rosario até ao seo acampamento. Nutre hoje receios que amanhã se desvanecem, e assim conserva-se irresoluto.

Felizmente sei que Sua Alteza, com quanto não me tenha communicado uma palavra sobre este movimento, expe-

dio ha dias o Coronel Fidelis para Curuguaty, onde se esperava alguma operação importante. O silencio de Sua Alteza a esto respeito não tem outra explicação razoavel senão o temor de que se entibie o meu zelo, com a noticia de que o gado já chega para marchas de sua vanguarda de Curuguaty.

O General Camara sei que marchou, ha tres dias, com tres mil homens para o interior e muito apressadamente, por informações que lhe trouxe um passado.

A guerra está, pois, tocando o seo termo, em que peze aos autores de novos e largos planos de campanha. O unico perigo de perder-se tudo seria a conservação de um grande exercito aqui, arruinando o nosso thesouro e perdendo-se na ociosidade. Esse perigo a resolução do Governo Imperial, traduzida para o accordo de 24 do corrente, evitará, sendo bem e promptamente executada.

Sua Alteza ha de sahir do estreito horizonte de Capivary para a posição que lhe compete, e da qual pode dirigir tudo, vendo as cousas sob sua verdadeira luz. Sua Alteza não precisa, como eu lhe disse, de disputar glorias que devem caber a um chefe de vanguarda ou a um commandante de regimento.

V.Ex. falla na demora dos paquetes, sem levar em conta os embarços do rio e as circumstancias extraordinarias em que por aqui nos temos achado.

Eu não acceitei nem acceito a paternidade de correspondencia alguma do "Jornal do Commercio", comquanto conheça os autores de duas e com elles converse. Se elles não terão sempre tempo para rever o que escreverão, quanto mais eu. Pareceo-me pois que V.Exs. forão melindrosos demais, e que pela minha correspondencia particular e official, senão pelo meo character, devião persuadir-se de que eu dou ao Principe o que lhe é devido, sem rebaixar o meu cargo.

Já eu disse a S.A. que por minha mão não se fará nova encomenda, porque os Srs. da Indentencia não querem senão o que elles fazem e até o que deixam de fazer.

A observação de V.Ex. veio firmar-me naquella resolução, de que sahi forçado por Sua Alteza e pelo meu zelo, e tambem porque V.Ex. me disse, ha mezes, que não me esquivasse a auxiliar o Principe no tocante á administração do exercito.

Deo-se aqui um conflicto entre o Commandante da canhoneira italiana "Ardita" e o Governo Provisorio, por mandar este embargar e tirar do vapor mercante "Venecia" uns volumes de bagagem do ex-consul Chaperon. O Governo Provisorio crê saber que nesses volumes, que são pesados, ha valores dos que forão confiados em deposito, por varias pessoas ao dito ex-consul.

Não tenho tempo para referir esse incidente officialmente. Espero que o conflicto se resolva em paz. O Governo Provisorio não recorre ao meu conselho senão depois de ter dado aquelle passo, o que não deixei de notar-lhe.

Sinto a demissão do Commandante Superior de Guarda Nacional. Releva que não levemos tudo com summo rigor. Os que não pensão assim, devem vir para commissões como esta minha, em que não se pode usar, sem pôr tudo em perigo, do *sic volo sic jubeo*. O Ministerio tem prestado e pode prestar grandes serviços: as difficuldades que o rodeião são grandes, - um pouco mais de paciencia e de moderação.

Meo caro Sr Barão, paro aqui, porque é meia noite, e tenho ainda que responder ao Sr Ministro da Guerra.

Os novelleiros não cessão de annunciar para cá que o Ministerio está em crise. O Sr Octaviano, em carta recentissima a uma pessoa de minha amizade, communicou que o Visconde de S. Vicente já tinha sido chamado a S. Christovão. Isto, posto que desmentido muitas vezes, não deixa de fazer-nos mal.

Chegou hoje o Sr Dr Adolpho Rodriguez, Ministro das Relações Exteriores do Estado Oriental do Uruguay. Não me avistei ainda com elle, apenas nos cumprimentamos por terceira pessoa."

"V. Ex. parece desanimado quando tem sabido vencer certas difficuldades salientes, e toca ao termo de sua honrosa missão. Ha, porem, momentos na vida em que se sente cansaço, depois principalmente de uma lucta tão incessante e V.Ex. tambem paga o seu tributo cedendo a este effeito. Pois, meu Almirante, V.Ex. já sabe meu pensamento, e está plenamente autorizado a retirar-se quando lhe aprouver, entregando o commando a seu successor legitimo. Entretanto estimaria que V.Ex. não o fizesse enquanto ahí permanecer S.A., e S.Excia. o Snr Conselheiro Paranhos, que pouco devem demorar-se." (Carta de Cotegipe a Elizario, 30 de Novembro de 1869).

"Pelo que V.Ex. me diz na sua estimada de 19 do mez ultimo, não sei se esta ainda o encontrará em Assumpção, pois devo suppol-o em viagem para esta Côrte. Disseram-me que V.Ex. ficava bem doente, e eu faço votos para que já se ache restabelecido. Sahindo desse fôco de actividade incessante, de responsabilidade illimitada e de trabalho continuo, V.Ex. recuperará promptamente seu antigo vigôr para prestar ao paiz os serviços que ainda de V.Ex. deve esperar." (Carta de Cotegipe a Elizario, 14 de Dezembro de 1869).



### Sñr Cotegipe

No telegramma de 30 de meu genro diz elle que se pode considerar a guerra finda. Ainda que assim seja, e tanto desejamos todos, convirá que se publique esta parte do

telegramma, emquanto o governo, á vista de informações completas, não resolva esta questão? “Parece-me” que já não ha esta parte na copia.

D. Pedro 2.º

16 de 10bro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Como acabei de examinar os papeis, que a este acompanhão, e parte amanhã I vapôr para a Assumpção não devo demorar a restituição d’elles.

Nada recebeu dos Estados-Unidos?

D. Pedro 2.º

20 de Dezbro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Que recebeu pelo Oreste?

Creio que nada ; porque ainda não chegaram noticias por cá.

D. Pedro 2.º

21 de Dez.º de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Que trouxe o “City-of-Brussels”?

Já li nova carta do Mitre a Carlos Gomes, a qual me agradou.

O que houver do Rio da Prata interessante mande ao Paço da Cidade para onde vou por causa da missa de Natal.

D. Pedro 2.º

24 de 10bro de 1869

Allude á polemica entre Juan Carlos Gomes e Bartholomeu Mitre. Vide Nota á carta seguinte.

★ ★

Sñr Cotegipe

Deus queira que Lopes estivesse agonizando como escreveu, a 13 o Paranhos ao Borges ; porque a esta hora deve estar morto.

Aguardo ancioso as communicações de 15, que ainda não serão tão interessantes, como as ulteriores.

Mitre tem respondido bem ao Carlos Gomes. Não sei se já li todos os artigos e veja se me manda logo que pudér, a colleção d'elles assim como os do Bocayuva e do Cunha, e os mais sobre essa questão.

D. Pedro 2.º

24 de 10bro de 1869

O primeiro topico desta carta foi escripto á vista dos seguintes trechos da "particular" enviada por Carvalho Borges, Ministro do Brasil em Buenos Ayres, a Cotegipe, em data de 18 de Dezembro de 1869: "Desde que recebi do Exm.º Snr Conselheiro Paranhos o telegramma que tive a honra de communicar a V.Ex. no dia 9 pelo "Galileo" só

hoje me chegou nova correspondencia de S.Ex. em duas cartas particulares de 10 e 13 deste mez.

Na primeira disse S.Ex. o seguinte :

“O General Camara tinha regressado da sua ultima expedição a Tacuaty. Não poudo colher ás mãos toda a força de Romero, porque este fugio, e a nossa cavallada estava incapaz de proseguir em uma marcha de perseguição, e o calor era de asphixiar ; mas o resultado não deixa de ser importante. Derrotou-se o regimento do major Bogado e as forças do major Montiel, que ficou ferido e prisioneiro. Tomamos uma bandeira e grande numero de lanças, espadas, e clavinas. Os que fugirão forão pela maior parte sem armas.

O inimigo deixou no campo do combate mais de vinte cadaveres, entre os quaes o de um official. Alem do major Montiel que já se acha nesta cidade, ha outros prisioneiros e varios apresentados, entrando neste numero um official e um sargento.

Romero vinha arrebatat o gado que tivessesmos reunido na estancia de Taquaty, e voltou em derrota e sem levar uma só rez.”

A carta do dia 13, alem de communicar que já ficou definitivamente resolvido o conflicto entre o Governo Paraguay e o Commandante da Canhoneira italiana “Ardita”, diz o seguinte :

“Não ha novidade. Sua Alteza foi a Curuguatahy, e creio que dahi passará a Iguatemy. Tudo annuncia que Lopez agoniza ou já vae caminho da emigração.”

Nesta Republica não tem occorrido novidade.

Os jornaes de Buenos Ayres continuam a publicar a polemica entre o General Bartholomeu Mitre e o Dr João Carlos Gomes á cerca da Alliança. Hontem enviei a V.Ex. pelo “City of Brussels” os ultimos numeros da “Tribuna” que contem essas publicações.

No numero de hontem do mesmo jornal ha tambem dous escriptos dos Brasileiros Bocayuva e Cunha que se achão em Montevideo. A de hontem publicou uma carta escripta por D. José Marmol. E a que esta assignada por X.X.

Nella se refere o autor á idéa da organisação da Confederação do Prata, que é a bandeira que desejão levantar os aspirantes á reconstrucção do Vice Reinado, e que achão mais commodo principiar pela Confederação.

Nesta occasião passo tambem ás mãos de V.Ex. a "Tribuna" de hoje que contem novas publicações dos Snrs. Mitre e Gomes. Vou remette-la com esta carta para Montevideo, onde ainda se acha o "City of Brussels" que só partirá para o Rio de Janeiro no dia 20."

Mitre sustentava com Juan Carlos Gomes uma polemica pelas columnas da "Tribuna" e outros jornaes em Buenos Ayres.

Eis o resumo desse debate sobre a triplice alliança :

Juan Carlos Gomes tendo sido escolhido para presidir a commissão de jornalistas, incumbida de preparar recepção á guarda nacional argentina que regressava dos campos de batalha, acceitou o encargo, dirigindo, porem, uma carta a Hector Varela iniciador da idéa, na qual dizia que, posto sympathisasse com a guerra por ser feita a um tyranno, "sentia que uma funesta alliança tivesse esterilizado os seus sacrificios", "deixando aos homens de estado a responsabilidade de haverem adulterado a lucta" (9 de Dez.º 1869).

Mitre levantou a luva e veio com uma carta (10 de Dez.º 1869) defender os aliados e a alliança, com enthusiasmo e eloquencia : "presentar al soldado argentino una corona militar con un letrero infamante para sus aliados en la campaña del Paraguay, non es una gloriacion, és un insulto."

Definio os fins da guerra : "Los soldados aliados y mu particularmente los argentinos. no han ido al Paraguay a

derribar una tyrannia, aunque por accidente esse sea uno de los resultados de su victoria. Han ido vengar una ofensa gratuita, á asegurar su paz interna y externa, asi en lo presente como en lo futuro, a revindicar la libre navegacion de los rios, a reconquistar sus fronteras de hecho e de derecho." Fosse embora o governo do Paraguay civilisado e liberal a guerra seria igualmente feita, nem se justificaria que uma nação fizesse guerra a outra para lhe mudar o governo por ella sustentado na trincheira. A libertação, a destruição da tyrannia, fôra um accidente feliz. "La filosofia, la humanidad, la moral desertaria de sus filas si hubieramos ido a matar paraguayos y destruir el Paraguay para redimir un monton de ruinas y a un grupo de viudas e huerfanos, cobrindo con la bandera de la libertad el ultimo cadaver del ultimo sustentador de su tirania."

Juan Carlos Gomes responde que á Argentina e ao Uruguay estava reservada a missão providencial de libertar o Paraguay de uma tyrannia secular, entretanto Mitre, por medo, e por achar os recursos argentinos fracos, fez a alliança com o Brasil. Muitos diriam que, com os seus elementos apenas, a Argentina não podia fazer a guerra e se arruinaria e que celebrando a alliança poude enfeitar a frente de seus generaes do laurel do triumpho e fazer o paiz nadar em ouro; mas a missão dos povos é outra. Mitre não podia negar que a alliança havia levado "los pueblos del Plata" a um papel secundario de auxiliares da monarchia brasileira; que, "principal actor en la lucha, la Monarquía Brasileira ha hecho su obra, y no la nuestra; deja estabelecida su conveniencia y suprimida la nuestra en el Paraguay". A missão providencial da Argentina no Paraguay terá pois que recommençar mais cedo ou mais tarde; a lucta fora adulterada por se transformar em invasão estrangeira, symbolisada pelo Brasil, quando devia ser uma "revolucion, que hubiera simbolisado sola la Republica de los Pueblos del Plata"; a

guerra dera ao Paraguay uma bandeira, espirito nacional pelo sacrificio e alli formara um partido forte, inspirado pelo heroismo de seus defensores, ainda que defensores do tyrano, como os russos do Czar e os hespanhóes de Fernando Setimo, em repulsa á conquista napoleonica.

Mitre replica que Juan Carlos Gomes reconheceria não ser possivel menoscar os bravos aliados que haviam combatido ao lado dos guardas nacionaes que iam ser recebidos. Elle Mitre não poderia formar um exercito e preparar a Argentina para por si só fazer a guerra, devido ás condições internas do paiz; demais a alliança com o Brasil fora celebrada quando este já estava em guerra com o Paraguay, havendo sido a offensa e provocação á Argentina posteriores ás que Lopez fizera ao Brasil. O tratado de alliança era pois uma ratificação de factos; nem a Argentina havia de fazer guerra ao Brasil para que o impedisse de fazel-a ao Paraguay.

A revolução estimulada no Paraguay seria sempre guerra, e não parece que fosse efficaz para abater o dominio e a força de Lopez. E o tratado de alliança tinha characteristics revolucionarias permittindo o concurso armado de legiões paraguayas. "El tratado iba más lejos al estipular no dejar las armas de la mano hasta dar en tierra con el poder de Lopez, comprometiendo-se los aliados a no reconocer ningun gobierno que fuese emanacion de el. Esto era no solo venganza, sino mas que todo prudencia y prevision, porque una vez decidida la guerra no podiamos dejarla a medio camino para volver a empezarle, por quanto el poder tiranico de Lopez era un amago constante a la paz de los vecinos, aparte de que, como Vd. lo reconoce era un poder monstruoso, fuera de las leys de la humanidad que convenia hacer desaparecer radicalmente."

A Argentina não estava na occasião preparada para por si só realizar esses objectivos. Não podia contar com o Estado Oriental, e ambas as republicas concentravam então todos

os seus esforços na consolidação da ordem interna. "Trabajadas ambas las Republicas por partidos internos que miraban en Lopez un aliado natural, y simpatizaban hasta con su tirania, el Paraguay tenia su vanguardia de traidores en Montevideo, en Entre Rios y Corrientes como tuvo mas tarde sus auxiliares a nuestra espalda en las montoneras de Cuyo y la Rioja, y hasta en las Republicas limitrophes que dieram aliento a esos montoneros."

Os partidos reaccionarios na Argentina protestaram contra a alliança porque viam que ella "iba a llevar á cabo la empresa de derribar Lopez, haciendo desaparecer por siempre ese elemento de perturbacion que hace más de quinze años" aquellos partidos exploravam.

O argumento de que o tratado de alliança reduzia a Argentina ao papel secundario de auxiliar do Brasil era uma declamação apaixonada, igual á que faziam os oppositores brasileiros do tratado, accusando-o do mesmo defeito quanto ao Brasil. "La verdad es que el Brasil ha servido más a la politica Argentina y Oriental que esta a la Brasileira, por cuanto para nos otros el peligro era más iminente y nos iba en elo el honor y la vida." Os que covardemente opinavam por uma paz Argentina com Lopez, assim aconselhavam contando que o Brasil continuasse só a guerra, "haciendo nuestros negocios". Nem a Argentina teve papel secundario — commandando e offerecendo para a lucta numeroso exercito, ás vezes igual ao brasileiro.

Juan Carlos Gomes voltou á liça. Fez um bosquejo ironico da vida politica de Mitre como uma creação da politica da Providencia; liquidou allusões pessoaes que haviam roçado as susceptibilidades de su'alma, para perguntar a Mitre se, havendo recebido uma bofetada, chamaria alguém para ajudal-o a desafrontar-se? Com a Argentina devia ser o mesmo, nem em materia de honra nacional são de levar-se

em conta sangue e dinheiro. Sustentou que a Argentina, sózinha, poderia fazer a guerra a Lopez, ainda que este se alliasse a Urquiza. Haviam sido os exercitos argentino e oriental que contiveram os paraguayos no primeiro impeto da invasão de Corrientes. Occupado Entre Rios teriam tempo os platinos de augmentar forças e adquirir esquadra; o auxilio do Brasil então foi nullo pois não tinha exercito. Delineou uma campanha, contando com as defecções de generaes paraguayos, baseando a possibilidade de taes defecções nos fuzilamentos ordenados por Lopez e na attracção da liberdade e repulsão pela tyrannia. Admittia a hypothese dos exercitos platinos não invadirem o Paraguay, esperando que Robles e Barrios e os irmãos de Lopez atacassem o tyranno pela recta-guarda.

Negou que os paraguayos tivessem combatido até o exterminio por fanatismo ao medo ou a um homem, attribuindo essa bravura suicida ao patriotismo, para perguntar: "hubieron opuesto a los Pueblos del Plata, los paraguayos hermanos de raza, de familia, de antecedentes e hasta de esperanzas, la misma desesperada resistencia que a la allianza brasilera?"

Não. O encarniçamento paraguayoy era contra os brasileiros, como uma manifestação de susceptibilidade de raça.

Defendeu a theoria de que a Argentina devia aproveitar as circumstancias e fazer a guerra a Lopes já em lucta com o Brasil, ganhando tempo para uma victoria certa e opportuna, sem os liames e males da alliança "que no nos daba el concurso de un hombre más, un barco más, de un peso más". Insinuou que Mitre fizera a alliança pela fascinação da direcção dos successos e brilho do generalato em chefe, buscando antes o prestigio pessoal que o prestigio da patria.

Encaminhando a Cotegipe os retalhos de jornaes com os artigos ora resumidos dizia o ministro Carvalho Bor-

ges : "Uma parte da imprensa que foi sempre hostil á Alliança batêo palmas com a carta do Dr Gomes e com a primeira do General Mitre ; mas a resposta que a esta deo o Dr Gomes desorientou os oppocionistas antigos (os do partido federal) que principiam a atacar tanto a Mitre como a Gomes. E' questão de partidos politicos da Republica, e não penso que nos seja desfavoravel a discussão, na qual, se fôr adiante é provavel que venham a debate as idéas do Dr Gomes sobre a reconstrucção do Vice-Reinado.

Este Sr. João Carlos Gomes vive desesperado por não ter parte activa na politica destes paizes. Por suas idéas exageradas tem-se tornado quasi um homem impossivel, e lisonjeado agora com a lembrança que delle tiverão seus antigos companheiros da imprensa, não quiz perder occasião de ostentar persistencia nos seus favoritos principios. Mas procedeu precipitadamente sem prever a necessidade em que se achou, pela provocação do General Mitre, de fazer em certo modo a apologia do exercito Imperial, o que por certo não poderia entrar em seus desejos e intenções." (Carta de Buenos Ayres, 14 de Dezembro de 1869).

Paranhos escrevendo a Cotegipe a 13 de Janeiro de 1870 refere-se a essa polemica : "Evidentemente o Sr. Sarmiento não é um estadista prudente, e pouco conhece dos negocios da alliança, não tendo mais pensamento fixo que impedir o supposto intento de absorpção por parte do Brasil e dispôr as cousas para que a absorpção\*seja antes feita pela Republica Argentina.

A discussão levantada pelo Dr Juan Carlos Gomes e na qual o General Mitre e o Dr Elizalde cantarão mil victorias contra a diplomacia brasileira, excitando o orgulho argentino, deve ter concorrido para as velleidades do Snr Sarmiento e de seus ministros." (Carta de Paranhos a Cotegipe, 13 de Janeiro de 1870).

Intervieram nesse debate os jornalistas Quintino Bocayuva e Francisco Xavier da Cunha, cada um dos quaes escreveu um artigo em defesa do Brasil. E' a estes artigos, que foram publicados tambem no jornal "La Tribuna", que allude Pedro II. Sobre taes artigos ler Francisco Cunha - "Reminiscencias" pag. 77..



### Sñr Cotegipe

Ainda não vi os officios dirigidos pelo commandante em chefe, e a que elle se refere na carta a mim escripta, ao Muritiba, e portanto ainda não posso dizer com segurança o que penso sobre o fim da guerra.

Li com toda a attenção a carta do Paranhos. Já disse que sua permanencia no Paraguay é "por ora indispensavel". Não vejo contradicção entre as opiniões do Commandante em chefe ; se o inimigo achar recursos além da serra de Maracaju hade certamente obrigar-nos a ter a força precisa para quanto antes batel-o ahi. Tudo se deve prever e encarar resolutamente se se quer alcançar realmente o fim. Isto não impede que se retire do Paraguay a força dispensavel e sobre este ponto heide escrever ainda a 30 a meu genro oppondo-me á sua vinda com tantos voluntarios pelas seguintes razões : 1.º maior demora lá de grande parte delles, contrariando assim seus bem entendidos interesses ; 2.º maior difficuldade na condução hygienica de tão grande numero de tropa de uma vez ; 3.º impossibilidade de alojal-a commodamen-

te aqui antes de seguirem os voluntarios para suas respectivas provincias.

Parece-me que o Commandante em chefe pede ao Ministro uma licença de 3 mezes. Acho-a prejudicial emquanto elle não tiver tudo disposto no exercito de modo a sua ausencia não ser nociva, e mesmo assim, observar-lhe-ei que a sua retirada, emquanto houver que debellar o inimigo, tem graves inconvenientes, á vista da tendencia da parte de todos de deixarem o exercito. Se não houver toda a prudencia poderemos perder em parte os sacrificios feitos, e prolongar o tempo de nossa occupação militar do territorio Paraguayo.

Estimo que o Eliziaro melhore breve de seu encommodo ; porem desconfio que influe n'elle sobretudo, a vontade, de retirar-se para o Brasil. Sinto que tal succedesse porque sempre estimei Eliziaro como um dos nossos melhores officiaes de Marinha sempre prompto para o serviço.

D. Pedro 2.º

25 de Dezembro de 1869

Pedro II allude aos seguintes topicos da carta datada de Assumpção, 13 de Dezembro de 1869, e dirigida por Paranhos a Cotegipe : "Estou receiando que as idéas de Sua Alteza, de que dou noticia ao Sr Barão de Muritiba, demorando o regresso das forças que elle reconhece desnecessarias desde já, deem corpo áquella desconfiança (da imprensa argentina de que o Brasil tendo assignado um Protocollo com os allia-dos, para retirada de forças, não retirava as suas, para ficar

só no Paraguay) e diminuição o beneficio que podemos colher de tão urgente medida.

Sua Alteza aguarda ordens directas do Governo Imperial, posto ja entrasse em accordo com o General Argentino ; e quer ir á côrte com 5 ou 6 mil Voluntarios da Patria, porque julga que esta solemnidade é de salutar effeito moral.

Já pronunciei-me abertamente contra isso, sem ferir o amor proprio do Principe, mas elle está enthusiasmado com a sua idéa e presumo que o Dr Pinheiro Guimarães, que por aqui não é tido em conta de valente, lisonjeia esse desejo do Principe e quer tambem entrar de botas e esporas pelas ruas da Capital do Imperio !

A guerra está concluida, meu caro Sr Barão ; escreva isto V.Ex. em suas lembranças. Lopez não tem exercito, tem um bando de famintos e miseraveis instrumentos que não ousam bater-se, que estão desertando todos os dias, a quem elle mandava para differentes pontos com o fim de ver se nos desacoroçoava, e sempre com o olho fito sobre o caminho da sua fuga. Sua Alteza não o queria crêr, mas afinal o disse no seu telegramma. Com pasmo vejo agora que Sua Alteza, sustentando a declaração do seu telegramma, admite que Lopez possa manter-se por annos nos desertos da Serra de Maracajú, desertos inhabitaveis. Entretanto as inclemencias do lugar, a falta de recurso, as deserções quotidianas, por essas causas e pelo attractivo das familias libertadas, não deixam a menor duvida de que Lopez ou já vae caminho da emigração ou succumbirá forçosamente dentro de um ou dois mezes.

Para isto não é preciso mais do que fechar-lhe as sahidas para o interior do Paraguay, o que é facil, e perseguil-o com algumas partidas bem commandadas.

Confesso a V.Ex. que não comprehendo a Sua Alteza : não o comprehendo quando me falla em pedir licença por tres mezes para ir ao Rio de Janeiro, conservando entretanto

o Commando do Exercito e quando o vejo enthuziasmado com a idéa de levar á Capital do Imperio de uma vez 5 ou 6 mil Voluntarios da Patria, porque de outro modo, diz-me Sua Alteza, o povo brasileiro não conservará desta guerra senão tristes recordações.

O Principe que pensava tão bêm, que era o mais apresado em concluir esta campanha como concebeu taes idéas? Eu não o posso attribuir senão a maos conselhos e falsas informações. Tenho, porem, tão robusta fé em que Lopez já é cadaver, que espero ver pela luz dos factos dissipadas as nuvens que estão annuviando os olhos de Sua Alteza.

A guerra está concluida, elle o disse e eu o affirmo. Não tardará muito que desapareça o fantasma de Lopez, e para chegar a esta ultima scena da tragedia do Paraguay, não é mister conservar aqui um grande exercito.

Pelo contrario, o nosso maior perigo está nessa enorme despesa, na difficuldade de alimentar a tanta gente, e nos perigos de uma força já em parte indisciplinada, por tanto tempo ociosa em paiz estrangeiro.

Espero que Sua Alteza cahirá em si, e que me dará occasião de conversar com elle, nesta cidade ou no Rozario, como convem aos nossos communs deveres, nesta phase decisiva da guerra.

Sua Alteza quer que eu continue aqui não só para o desempenho da missão diplomatica, que, graças a Deus, o tem livrado de todo embaraço extranho á sua missão militar, mas tambem para fazer o que cumpria ao Sr Deschamps, que lá está muito folgado, e dando regras, em vez de achar-se no centro da direcção dos serviços que são de sua competencia. Mas eu não posso demorar-me aqui por tanto tempo e contava retirar-me por todo este mez.

Rogo pois a V.Ex. que me deem substituto porque creio a guerra concluida, e o restante trabalho da diplomacia é

obra de paciência e de muito tempo." (Carta de Paranhos a Cotegipe, 13 de Dez.º de 1869).

Sobre taes assumptos Paranhos recebera carta do Conde d'Eu da qual são os seguintes topicos : "Sobre a diminuição dos Exercitos ainda não pensei bem o que devo responder ao General Mitre, cujas communicações tambem hontem recebi.

Conheço as vantagens dessa redução ; mas o instincto militar leva-me a tornal-a o menor possivel. Alem disso parece-me que não farei retirar ninguem para o Brasil, sem previamente ter para isto authorisação official do Governo Imperial.

Quanto ao terrivel assumpto da retirada de V.Ex. quasi nada tenho a acrescentar ao que anteriormente escrevi. Ella será para mim um golpe doloroso. Mas por outro lado vejo que não posso exigir de V.Ex. um sacrificio indefinido. O que porem não posso admittir é que V.Ex. se retirasse sem deixar nomeado um diplomata que o substitua na Assumpção.

Como havia eu, do fundo deste sertão, manter as relações necessarias com esse Governo Provisorio, que tanto carece da nossa tutela ? Esta hypothese a declaro inadmissivel." (Carta do Conde d'Eu a Paranhos, Potreiro Capivary, 30 de Novembro de 1869).

Em data de 3 de Dezembro de 1869 Paranhos havia escripto outra carta a Cotegipe dando noticias das victorias de Caraguatahy e Igatemy: "Lopez foge pela serra de Maracajú, para onde ? Para a Bolivia ou para o Alto Paraná ? A segunda hypothese foi sempre e é ainda a mais provavel para mim.

A perseguição não deve parar, e elle por alli não tem recurso algum. Desapparece, morre, ou entrega-se.

Sua Alteza accusava-me de *optimista*, chegou a trocar commigo expressões de desgosto, a que respondi com a consciencia do meu dever, mas sempre com a devida deferencia. Agora confessa que já vê as cousas pelo *meu prisma*, e encarregou o Sr. Salgado de m'ò dizer, e de apertar-me a mão por elle.

Estou duplamente satisfeito.

Junto aqui a copia de uma carta de Sua Alteza, hoje recebida, porque elle indica a necessidade de communicações directas e francas da parte do Governo Imperial quanto á redução e retirada de forças.

Não deixemos de retirar quanto antes as forças desde já desnecessarias. O Thesouro o reclama, e mais do que o Thesouro a disciplina dessas forças e a politica internacional.

Os actos de relaxação e indisciplina já não são raros : o que não seria daqui em deante com tanta gente ociosa ?

Os Argentinos vão retirar quasi todo o seu exercito, deixando só 2.000 homens : o que não dirá a sua imprensa se conservarmos todas as nossas forças ou quasi todas? Renovarão com mais calor as suas calumnias.

Attendão V.Exs. tambem ao que diz Sua Alteza a respeito de minha retirada. Eu não posso encarregar-me dos ajustes de paz : seria ficar por aqui uns 6 mezes, pelo menos. V.Exs. conhecem as delongas da diplomacia argentina nessa materia." (Carta de Paranhos a Cotegipe de 3 de Dezembro de 1869).

No dia 14 de Dezembro insistia Paranhos em carta a Cotegipe : "Tambem estou cansado e não posso aceitar a responsabilidade da direcção que Sua Alteza quer dar aos negocios da guerra, nem sujeitar-me por mais tempo a vê

os conselhos de um Pinheiro Guimarães, de um Galvão, e de um Deschamps preferidos aos meus.

Salve-me, portanto, V.Ex. de uma posição penosa e humilhante, . . . . . Escrevo a V.Ex. como ao Sr Muritiba, duas cartas numeradas, que poderão ser vistas pelo Imperador, se V.Exs. já não forem Ministros, mas só pelo Imperador.

Nossos adversarios que não sabem a lealdade com que fallo ao Principe e a V.Exs. acharião alli um manancial fertilissimo para disvirtuar as minhas intensões e intrigar-me com Sua Alteza." (Carta de Paranhos a Cotegipe, 14 de Dez.º de 1869).

"Sobre o principe Conde d'Eu deu-me o Barão (de Cotegipe) uma prova de sua leviandade e tendencias. Apesar das ordens positivas do Governo não remetteu os voluntarios desnecessarios para a perseguição de Lopez porque os queria trazer de uma vez, desembarcando triumphantemente no Rio de Janeiro. Chegou a reunir no Rozario, acampados sob barracas cerca de 9.000 homens para voltar com elles. De lá escreve a André Rebouças: "Prepare-me, com os nossos amigos, uma grande recepção, etc." Refere-se o Barão á carta de que o Governo tivera conhecimento. — O Principe, acrescentou, não é um homem de juizo; si não fôra o Paranhos, que o conteve, teria feito a asneira de vir ao Rio, conservando o commando em chefe; depois que Lopez fugio de Ascurra chegou a declarar que a guerra ainda era *para annos*; e perdeu a cabeça totalmente. Paranhos reanimou-o. O imperador, dice-me afinal, tem medo dos principes; deixou-se dominar por elles: do Duque de Saxe nem conseguiu que deixasse um dos netos educar-se no Brasil: lá estão na Europa estes principes estrangeiros". (Conversa de Cotegipe com Tavares Bastos em 25 de Fevereiro

de 1870, e por este registrada em um de seus cadernos de notas).

Sobre regresso de voluntarios vide Visconde de Taunay, "*Diario do Exercito*", 2.º Volume. (*De Campo Grande a Aquidaban*), pags. 127, 133, 169, 172, 180, 181, 183, 220; Visconde de Taunay, "*Cartas de Campanha*", pags. 96, 116, 126.

## MARINHA

Não me parece a despeza urgente.

Será ainda bom vêr qual o resultado do systema proposto na illuminação do Asilo d'Invalidos.

Não posso formar juizo da proposta da companhia do gaz.

Não julgo acceitaveis as condições, das quaes uma limita o direito de escolha do engenheiro fiscal do governo, e outra a concurrencia para o augmento da illuminação dos estabelecimentos navaes da Ilha das Cobras.

25 de Dezembro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Como já disse eu não retiraria força do Paraguay sem que tivessemos ido até Igati-my e conhecido melhor as posições e estado das forças inimigas; porem o Paranhos havia de se ter entendido com o general-em-chefe do nosso exercito para dar esse passo, e a re-

tirada de forças ficou do general-em-chefe dependente.

Tomara que pouco depois de 21 se tenha feito alguma coisa para o lado de Igatimy. Os ministros Portuguez e Italiano podem vir na 6a. feira ás 7 da noite.

### D. Pedro 2.º

“Não sei como o Governo Imperial receberia o Accordo que celebrei com o Sr Varella, já aceito pelos Governos Argentino e Oriental, para redução das forças alliadas.

Creio que eu não podia procrastinar esse negocio, deixando regressar o Ministro Argentino sem a solução que veio pedir com urgencia sobre ponto em que todos estavam de accordo. V.Ex. e o Sr Barão de Muritiba se havião manifestado já a este respeito, e o Principe tambem.

Adiar a questão era causar um desar aos Ministros Argentino e Oriental, e desgostar profundamente o Governo Argentino, que dizia não poder mais com as despezas.

O Sr Varella veio a Assumpção porque o Sr Borges lhe annunciou que estavam em caminho as instrucções e estas não erão outras senão as cartas de V.Ex. e do nosso collega da Guerra.

Eu volto a este assumpto porque V.Ex. não presuppõe em sua dita carta a hypothese daquelle accordo, e me diz que eu teria com que responder e contentar o Ministro Argentino.

Por outro lado tranquilliso-me porque V.Ex., no parecer que deo ao Sr. Presidente do Conselho, conclue assim : “Desde logo convem ir retirando alguma força até 10.000 homens, isto independentemente da convenção lembrada.” No corpo da sua carta V.Ex. tambem me informa Sua que

Magestade desejava conhecer primeiro o resultado das operações sobre Igatemy, mas concordava igualmente que alguma força pode ir sendo retirada.

O meu accordo deixando o quanto e o quando da redução ao arbitrio de Sua Alteza, conservou-se precisamente dentro dos limites do voto unanime." (Carta de Paranhos a Cotegipe — 29 de Dezembro de 1869).

★ ★

Sñr Cotegipe

Preciso de fallar com o Sñr a respeito do despacho para o Paranhos.

D. Pedro 2.º

30 de 10bro de 1869

★ ★

Sñr Cotegipe

Recommende ao commandante do "Bonifacio" que não saia sem que pela Inspectoria do Arsenal receba a minha correspondencia que logo mandarei.

Eu escrevo ao meu genro que vão as instrucções ao Paranhos, e recommendação a este de continuar a auxiliar-o como até aqui.

D. Pedro 2.º

30 de 10bro de 1869

★ ★



D. Pedro II, em 1868.



Sñr Cotegipe

Mande-me hoje copia das instrucções que forão hontem para o Paranhos para eu juntar ás outras.

D. Pedro 2.º

31 de Dezembro de 1869

As instrucções a que se refere Pedro II são estas :

“MINISTERIO DOS NEGOCIOS DOS  
EXTRANGEIROS

Rio de Janeiro, 30 de Dezembro de 1869

Ill.º e Exm.º Snr.

- § 1.º Ao ser V.Ex. encarregado da Missão q desempenha junto aos Governos Alliados forão-lhe expedidas as Instrucções constantes do meu despacho de 1.º de fev.º do corrente anno. A guerra contra a dictadura do Paraguay offerencia ainda serias difficuldades, e ao seu resultado embora previsto não nos era permittido marcar um termo proximo.
- § 2.º Entretanto, o G.º Imperial entendeu azada a occasião para o estabelecimento de um G.º Provisorio no Paraguay, com o qual seria celebrado o Tratado definitivo de paz, sem prejuizo da continuação das operações militares, q só terão de terminar com a captura ou expulsão do General Lopes do territorio paraguay.
- § 3.º Com a celebração do Accordo de 2 de Junho conseguiu V.Ex. a annuencia de nossos Alliados á organização do G.º, q tem-se empenhado com louvavel zelo na restauração da nacionalidade paraguay e na protecção á sua dizimada população.

- § 4.º A experiencia dos factos mais eloquentes do q as theorias têm demonstrado q essa criação foi um acto de boa politica, não só como um meio de reconstruir-se a . . . . . do Paraguay, mas tão bem como prova inequivoca de boa fé e desinteresse dos Alliados.
- § 5.º Esse G.º tem adquirido internamente a força moral necessaria, e é hoje reconhecido e obedecido em toda a Republica ; de sorte que na sua essencia reúne todos os caracteres de um G.º legitimo.
- § 6.º Os Alliados ao assignarem o ref.º accordo de 2 de Junho lhe reconhecerão os attributos de soberania, e se por demasiado escrupulo não o declararão desde logo apto para celebrar com elles os ajustes definitivos da paz, não excluirão tão bem nem podião excluir essa hypothese, deixando ao tempo e aos factos revistirem n'ó daquella força moral que lhe parecia indispensavel — para q taes ajustes não tivessem o character de uma imposição violenta.
- § 7.º Se então era justificavel um tal escrupulo, hoje não tem elle a nosso ver a minima procedencia. Qualquer q seja o G.º permanente q haja de ser fundado no Paraguay, nem possuirá maior força moral, nem será composto de individuos de maior confiança ao Povo Paraguayo.
- § 8.º Entende pois o G.º Imperial q presentemente com maioria de razão podem e devem os Alliados estabelecer negociações para realisação dos fins do tratado da triplice Alliança:
- § 9.º Adiar essas negociações para quando for estabelecido o G.º permanente é prolongar indefinidamente nossos sacrificios, porquanto sem os ajustes de paz não é possivel que retiremos a maior parte de nossas forças do territorio paraguayo. Quanto tempo leva-

rão os paraguayos para organisar-se definitivamente ou com character permanente ? E' provavel que sua Constituição seja reformada ; q partidos e facções se levantem, e tudo isto se faria na presença das forças alliadas, cuja intervenção infallivel em certos casos daria a seus actos um character valioso, e crearia uma situação cheia de prejuisos, se como é de receiar, houver nas republicas do Prata variação da politica até hoje seguida atravez de serios embaraços.

- § 10.º Pelo art.º 6.º do Tratado de 1.º de Maio de 1865 compromettem-se os Alliados á não deporem as armas senão de commum accordo e *somente* depois de *derribada a autoridade do actual G.º do Paraguay* (o de Lopes). Esse compromisso solemne está completamente preenchido ; Lopes não exerce mais autoridade em uma só povoação do Paraguay ; vaga com alguns de seus . . . . por lugares desconhecidos e talvez em territorio brasileiro. A guerra no seu genuino sentido está finda. O q resta é defender o territorio paraguayo de alguma incursão do seu algoz, e persegui-lo até ser capturado ou ficar na impossibilidade de renovar hostilidades. Continuar a dar-se character de guerra a essa perseguição é desnaturar os factos e os principios, acarretando aos Alliados um dever, e ao Brasil em particular sobre quem recahem os maiores sacrificios, graves damnos - financeiros e politicos.
- § 11.º Como consequencia deste estado de cousas e da obrigação que assumirão os Alliados pelo artigo 9.º do citado tratado de 10 de Maio cumpre - dando maior desenvolvimento ao accordo assignado em Assumpção - regular por meio de uma convenção

entre os Alliados e o Governo Provisorio o numero de forças e o tempo por que devão occupar algum ou alguns pontos do territorio.

- § 12.º Convencido o Governo Imperial da urgencia e conveniencia de proceder do modo que acaba de ser resumidamente indicado - julgou dever habilitar a V.Ex. com as credenciaes e plenos poderes - que vão aqui juntos, afim de que V.Ex. possa entabolar e levar a effeito quaesquer ajustes no sentido exposto, tendo muito em vista o que nas instrucções de 1.º de Fevereiro e nas presentes lhe é recommendado.
- § 13.º Se porem V.Ex. vir, que as negociações para os ajustes definitivos de todas as questões que se prendem com o restabelecimento da paz e execução do tratado da triplice Alliança podem ser prolongados de modo que V.Ex. não possa achar-se nesta Córte ao tempo da abertura do Corpo Legislativo - empregará seus esforços para conseguir um tratado preliminar, em que sejam fixados os pontos principaes, deixando para ajustes posteriores tudo quanto offerer maior difficuldade ou mais larga discussão. V.Ex. não desconhece quanto é para desejar que S.M. O Imperador possa annunciar ás Camaras a conclusão desta tão prolongada guerra.
- § 14.º Os pontos essenciaes, a que alludo, estão já designados no Tratado de 1.º de Maio; reconhecimento de fronteiras, livre navegação dos rios, e indemnisação pelas despezas da guerra. No mesmo ou em tratado separado será regulado o tempo e o modo da occupação.
- § 15.º V.Ex. tem os poderes precisos para negociar com os Alliados: parece preferivel que as negociações tenham lugar em Buenos Ayres - para onde V.Ex.

passará sua residencia — para que sejam levadas a effeito com a desejada presteza.

O Governo Imperial tendo a maior confiança no zelo . . . . . de V.Ex. o autorisa outrosim a modificar na execução o sentido destas e das instrucções de 1.º de Fevereiro em pontos que não contrariem os nossos compromissos com os Alliados, e os interesses essenciaes do Imperio.

Aproveito a occasião para etc.”

★ ★

Sñr Cotegipe

Por ser urgente vae o decreto assignado. Noto as palavras — “meu ” ministro — pelo motivo que já disse em conselho por vezes, e que não se especifiquem na exposição de credito despezas extraordinarias occasionadas pelas circumstancias excepçionaes do paiz.

D. Pedro 2.º

31 de Dezembro de 1869

1870

Concordo com as opiniões exaradas no extracto dos papeis menos quanto á pretensão dos dous alumnos externos do 1.º Anno cujos nomes vão com uma cruz. Entendo que não merecem deferimento.

Convem saber quaes as circumstancias do alumno externo do 1.º Anno Catão Vicente Coelho antes de resolver sobre o seu requerimento.

Desejo saber no proximo despacho o que houve a respeito dos escravos que serviam na Armada de que o Muritiba deve ter fallado.

(Memorandum sem data, entre 1868 e 1870).

“Tive questão por isso e não cedi de minha opinião”  
(Palavras escriptas no verso do memorandum por Cotegipe).

“Francisco José Teixeira Guimarães, estabelecido á rua d’Alfandega n.º 91, requireo em 14 de Outubro passado, que lhe fosse entregue, como seu escravo, o creoulo Marcos com praça n’Armada, não duvidando liberta-lo pela quantia de 2:000\$000 em Apolices á cotação official.

Este requerimento foi, como é pratica, remettido ao Quartel General, para informar, sem que subisse á presença do Ministro.

O Quartel General transmittio ao Chefe de Policia o requerimento acompanhado do individuo reclamado para proceder-se ás precisas indagações.

Em vista dos documentos e interrogatorio respondeu o Chefe de Policia, que nenhuma duvida existia sobre a condição e identidade do reclamado, e bem assim sobre o direito do reclamante.

Todos estes papeis vieram pela primeira vez á presença do Ministro em officio do Quartel General de 26 de Outubro, opinando o seu Chefe, que se devia entregar o escravo, por não convir o seu resgate pelo preço proposto e não ter aptidão, senão para grumete ou carvoeiro, do que não ha necessidade. Assim foi resolvido por officio de 29 do mesmo mez.

Dias depois appareceu em audiencia um individuo offerendo vender ao Governo um seu escravo, para serviço de guerra, e o Ministro declarou-lhe que não comprava escravos para esse fim, por não serem precisos, ao que redarguiu o dito individuo - que tendo o seu escravo servido na Esquadra *iria annunciar ou publicar nos Jornaes*. A esta especie de ameaça nenhuma outra resposta era devida, senão a que lhe foi dada, isto é, que sendo o escravo propriedade sua fizesse o que entendesse.

A ameaça realisou-se, não como simples annuncio de venda, mas em forma de censura com o *acrescentamento de mau tratamento* por parte do Ministro e provavelmente para justificação do que se praticou contra o escravo, victima innocente da recusa do Ministro, ou para coagir a este.

O regulamento da Casa de Correção manda raspar a cabeça aos escravos, que ahi são depositados, o que não podia ser ignorado. Duvido que lhe puzessem ferro ao pescoço, por não ser permitido, e se o fizerão, não podia ser senão por ordem do Senhor despeitado.

Apresenta-se o escravo, como um *bravo* coberto de medalhas, etc.. Não tem condecoração nem medalhas. Da sua

guia e assentamento vê-se que nada praticou de notavel, que teve *duas deserções*. Nenhum motivo especial havia, pois para que fosse resgatado o escravo e pela quantia proposta. O Ministro cumprio com seu dever, restituindo a propriedade alheia, zelando os interesses da Fazenda, e sua dignidade offendida pela ameaça, que foi feita, e levada a effeito em circumstancias aggravantes.

Não havendo esperanza de influir por taes meios sobre o animo do Ministro, repetem-se os annuncios no intuito de provocar uma decisão superior com a qual contão, segundo propalão." (Nota ou informação do punho de Cotegipe, sem data).



Sñr Cotegipe

A vinda de meu genro para o Rosario foi boa ; porque o Paranhos poderá levar-lhe as communicações que partiram d'aqui pelo transporte de 30 de Dezembro, e aconselhal-o prudentemente ainda que pela carta que recebi hoje de meu genro pareça este melhor disposto a receber as resoluções do governo.

Ainda não recebi os officios e cartas que tenham vindo para o Muritiba.

D. Pedro 2.º

27 de Janeiro de 1870

"Hontem á tarde chegarão-me os despachos e cartas de V.Ex. de 29 e 30 do mez ultimo.

Só responderei nesta occazião, e muito á pressa, á carta n.º 24 de 30 de Dezembro. Amanhã volto ao Rozario, para desvanecer qualquer má impressão que ainda possa produzir no animo do Principe a correspondencia que chegou hontem,

e que lhe remetti com uma carta minha. Elle me havia pedido que fosse outra vez até lá, se as respostas do Governo não fossem consoantes com as suas idéas.

Por esta minha linguagem já vê V.Ex. que estive ha pouco com Sua Alteza no Rosario; fui no dia 16 e voltei no dia 18. Conversamos largamente a sós, fallei-lhe com uma franqueza de velho e amigo, e consegui dissipar muitas nuvens de seu espirito.

Já o achei predisposto pelo effeito da minha carta de 31 de Dezembro, da qual remetti copia ao Sr Muritiba pelo paquete de 15. Todavia, elle ainda estava influido com as perspectivas de ovação aos Voluntarios no Rio, e pouco disposto a retomar a sua anterior actividade, abrindo mão do funesto plano de temporisação, que nasceu, creio eu, do Sr Pinheiro Guimarães.

Entendo que os meus serviços aqui e junto ao Principe são mais urgentes e uteis, porque tendem a conseguir a conclusão da guerra por todo o mez que vem, como é possível, segundo minha robusta convicção.

Se o conseguir, com Lopez se irão as grandes difficuldades da nossa situação politica, militar e financeira.

Creio que V.Ex. concordava com este parecer, quando me communicou que, no juizo do Imperador, minha presença aqui é indispensavel.

Deixe-me conciliar o Principe com os dictames da prudencia, os altos interesses do Estado e os da sua propria reputação, e depois poderei voltar-me para Buenos Ayres.

Activada a perseguição de Lopez a guerra está concluida, e isto é tudo o que desejamos." (Carta de Paranhos a Cotequipe, Assumpção, 20 de Janeiro de 1870).

"O abatimento moral de Sua Alteza ou o seu ardente desejo de regressar já e com os Voluntarios da Patria tem

causado uma paralyzação que mal possa dissimular, com os feitos parciaes do General Camara.

Ainda espero que Sua Alteza se mova. Ouço que elle quer ir a Cuaraguatahy, o que não duvido, porque ainda ultimamente dizia-me que não sabe expôr os outros a trabalho sem expôr-se tambem.

Sua Alteza nada me tem communicado sobre suas definitivas intenções. Presumo que quer despachar a primeira expedição de Voluntarios, que trata de reunir mais elementos de mobilidade e pode ser que tambem tenha em vista evitar que se attribua o seu movimento á minha ida ao Rosario. Esta ultima conjectura não carece inteiramente de fundamento.

Não desanimem, se ainda não desanimaram. A guerra está concluida. Só falta que Lopez nos mande dizer que já não pode resistir ou que vamos por nós mesmos tirar a ultima prova da sua agonia.

A inacção e frieza em que Sua Alteza deixou cahir a nossa gente incommoda-me cruelmente, e só a minha fé robusta me torna paciente.

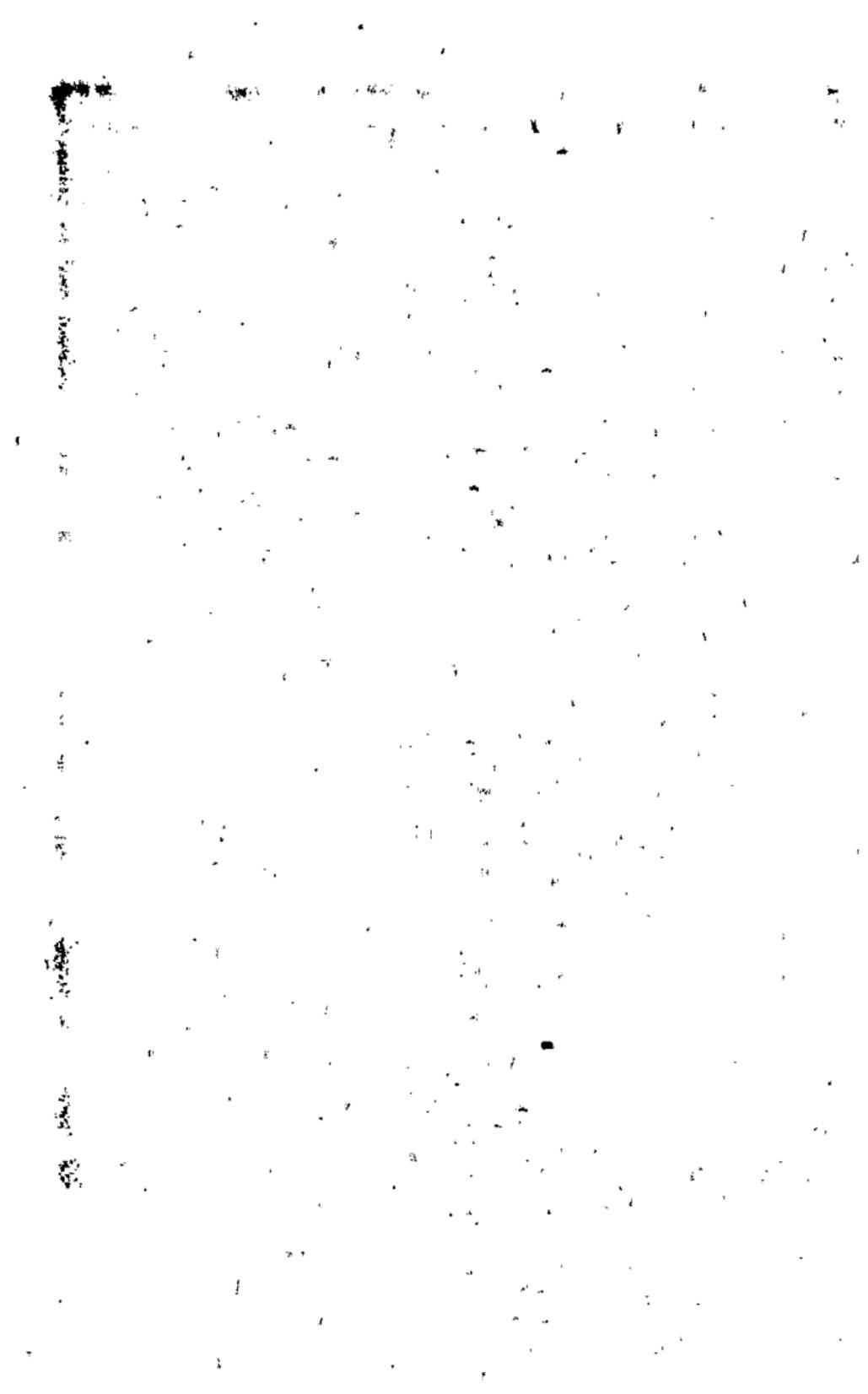
Temos deixado os argentinos em completa disponibilidade, e elles aproveitam em cuidar da sua influencia. Para elles este estado de cousas não tem o menor inconveniente e serve perfeitamente a seus fins." (Carta de Paranhos a Cote-gipe, Assumpção, 29 de Janeiro de 1870).

"Não asseguro que Sua Alteza não persista no intento de regressar depois que houver mandado todos os Voluntarios, porque não lhe ouvi ainda palavras de inteira resignação, mas não o fará por modo imprudente.

Desgraçadamente Sua Alteza sente que perdeu força moral, e não mostra animo de rehavel-a. Elle se queixa das



**O Barão de Cotegipe, em 1868.**



scenas de Capivary e São Joaquim, mas o mal vem de outra origem.

Murmura-se no exercito que primeiro commanda o Dr Pinheiro Guimarães, depois o Deschamps, o Salgado, o Dr Ribeiro e o Principe em 5.º lugar. Ahi está o mal que fora facil remediar, se Sua Alteza usasse de sua superioridade intellectual e official. Eu o tenho animado, e feito quanto posso para que não se estorve ao menos a acção do Camara, de quem muito espero, talvez a terminação da guerra.

. . . . .

A minha presença aqui é ainda necessaria, não só pelo estado vacillante de Sua Alteza..." (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 9 de Fevereiro de 1870).

"As veleidades ou não sei que do Principe estão acalmandas. O desejo, porem de regresso é intensissimo.

Veja V.Ex. a copia junta da carta que acabo de receber neste momento (9 1/2 da noite). Ou estamos todos imbecis, eu, General Camara e muita outra gente, ou S.A. e os que o rodeiam padecem de alguma enfermidade, que pelo menos é nostalgia.

A carta que escrevi ao Principe ante-hontem, da qual remetto copia ao Snr Muritiba, devia chegar ao Rosario hontem á tarde. A que hoje recebi não é resposta áquella.

Rogo-lhe que previna a Sua Magestade que não li a carta que Sua Alteza dirige ao mesmo Augusto Senhor, posto que autorisado para isto, porque sem duvida por engano, veio fechada a dita carta, e não me atrevi a inutilisar o seu subscripto.

O Principe ha de convencer-se de que está no mais triste dos erros quando vê deante de si um impossivel. Lopez foge ou é agarrado, e esse facto se dará ao mez proximo, o mais tardar." (Carta de Paranhos a Cotegipe, 14 de Fevereiro de 1870).

“Commando em Chefe de todas as Forças Brasileiras em operações na Republica do Paraguay - Quartel General na Villa do Rosario - 13 de Fevereiro de 1870. - Exm.º Snr Cons.º Paranhos - Não posso deixar de communicar a V.Ex., na forma de costume, minha carta ao Imperador, porque ella expõe os pensamentos que me dominão em relação a esta nossa terrivel situação.

A crença de que a tarefa em que me deixei metter ja não pode ter solução favoravel arraiga-se cada vez mais no meu espirito, á medida que os factos a confirmão, e que se insiste em fazer durar esta tarefa ; isso me atormenta dia e noite, e se este estado de cousas continuar, pode vir a me reduzir á *imbecilidade* (na phrase que a si mesmo applica o nosso amigo Barão de Melgaço).

Hoje eu soube que o Camara não conseguiu atravessar o Aquidaban por causa da cheia.

Emfim, sou sempre, - de V.Ex. - muito amigo - Gastão de Orléans”

★ ★

Sñr Cotegipe

Recebo hoje o Ludolf com os officiaes do navio Austriaco.

Julguei que sabia que não houve despacho hoje, pelo que o resolvi, em virtude do pedido, que me foi feito pelo Itaborahy, no sabbado passado. Não recebeu mais nada do Rio da Prata, além do que li hoje nos diarios, menos o official?

D. Pedro 2.º

5 de Fevereiro de 1870

“Em 18 de Fevereiro de 1870. Meu caro Snr Ludolf. Quando V.Ex. mostrou-se sentido pelos termos da resposta de S.M. ao discurso que V.Ex. proferio por occasião da sua apresentação no character de Enviado extraordinario, eu fiz ver a V.Ex. que nenhum cabimento tinha o seu reparo, mas que no Diario Official daria uma explicação ou antes refutaria o artigo da Folha da opposição, em que foi criticada a resposta. Não o podia porem fazer sem receber as ordens do Imperador, e depois que estive com V.Ex., somente no dia 16 do corrente pude avistar-me com S.M.

Expondo-lhe o que entre nós se passara S.M. mostrou-se sorprendido - de que V.Ex. - sem duvida impressionado pela censura da Folha opposicionista - dêsse ás suas expressões um sentido tão contrario á sua verdadeira significação - e não concordou que fossem ellas objecto de discussão na imprensa. V.Ex. sabe que as relações entre os 2 Estados e seus respectivos Soberanos tem sido as mais cordeaes, nunca interrompidas pela menor sombra de desgosto, e que V.Ex. cultivando-as não tem recebido, senão provas de consideração do Imperador e de seu Governo. O que podia por tanto dar motivo para em acto tão solemne proceder-se differentemente ? Tornei a ler a resposta e confesso a V.Ex. que não acho uma só expressão que se preste a criticas. S.M. é sobrio em suas respostas, e dizendo que espera que V.Ex. continue a merecer sua benevolencia dá testemunho de que V.Ex. a tem adquirido. Se a benevolencia do Governo não parece cabida a alguem, devo observar que se os Ministros são acreditados perante os Soberanos, tratão com os Governos e a benevolencia destes nunca foi considerada offensiva.

Tranquillise V. Ex. o seu espirito na certeza de que suas qualidades são devidamente apreciadas, e que suppor o contrario é uma injustiça, que faz a si e ao Governo do Brasil.

Queira aceitar, meu caro Snr Ludolf, os protestos de consideração e alta estima com que tenho a honra de ser

De V.Ex.

Barão de Cotegipe”

★ ★

Sñr Cotegipe

Eu desejo vêr as instrucções que leva o Commandante da Nitheroy, e como hoje não posso visital-a mande dizer ao Silveira da Motta eu vou a bordo de seu navio amanhã ás 10 da manhã.

D. Pedro 2.º

9 de Fevereiro de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

O Commandante da Nitheroy que veio hontem despedir-se com a officialidade “tudo” me communicou.

Veja se me manda as instrucções que leva o commandante da Nitheroy e as organisadas para o ensino para o Conselho Naval até esta tarde.

D. Pedro 2.º

9 de Fevereiro de 1870

★ ★

Sñr. Cotegipe

Sinto não poder talvez fallar-lhe amanhã de tarde sobre as communicações chegadas do Paraguay.

Entendo que a perseguição a Lopez não deve parar e neste sentido escreverei a meu genro.

Estimo muitissimo que o Paranhos ficasse em Assumpção.

Ainda não pude ler o que o Paranhos escreveu ao Muritiba; porem até á noite mandarei a este as communicações do Paranhos.

D. Pedro 2.º

13 de Fevereiro de 1870

"Gloria, 14 de Fevereiro de 1870

Muito confidencial.

Ex.º Am.º e Snr Barão

Estimarei que V.Ex. esteja completamente restabelecido.

A carta inclusa do Snr Paranhos deve ser lida por V.Ex. se o seu estado de saude permittir.

Verá pela outra do Imperador o juizo que elle forma da situação, ou antes conhecerá V.Ex. quanto elle se retraher a tal respeito, parecendo-me em todo caso haver no seo animo grande perplexidade, ou muito refoho.

Na entrevista aprazada para esta tarde procurarei des-cortinar quanto me for possivel o misterio.

Decididamente o Principe tem a cabeça perdida, e nutre máos designios. Até que ponto irão? Convem estarmos bem prevenidos.

De, V.Ex.

Am.º e Collega aff.º e obr.º

Barão de Muritiba

Não pretendo escrever mais a S.A. depois do que elle diz na que remetto”.

“S. Alteza ficou sciente das ponderações que V.Ex. se dignou de manifestar na sua carta de 30 de Dezembro findo, pois que com a franqueza que me é propria lh’as signifiquei, insistindo para demonstrar o valor das ponderações de V.Ex. Elle sabe que V.Ex. faz-me a honra de escrever com intimidade e franqueza e por isso sempre que chega mala d’ahi elle pergunta-me por noticias.

Está elle convencido de que V.Ex. o estima ; por que mais de uma vez lhe tenho dito o juizo que V.Ex. forma de sua pessoa.

Assim pois, se em qualquer occasião desejar que elle saiba sua opinião a respeito do modo por que devem ser dirigidos os assumptos não tem mais que me dizer o que pensar, por que lhe porei ao facto de seu pensamento e do Governo.

De V.Ex. elle não desconfia quanto á sinceridade do que diz ; outro tanto não acontece de referencia ao Snr. Barão de Muritiba, que elle presume não lhe ser muito affectuoso. Tenho procurado dissuadir-o desse juizo e se não tenho logado profligar totalmente essa apprehensão infundada, tenho, pelo menos, abalado a força de sua convicção nesse juizo não justificado.

Deo-me elle instrucções do mesmo Snr Barão de Muritiba, regulando o regresso dos voluntarios para que as lêsse e dêsse minha opinião, quanto á falta de boa vontade do Ministro para com o seu commando, e eu as restituindo-lhe disse-lhe que nada enxergava de offensivo a sua pessoa, e elle respondeu-me que o seu pensamento era contrario ao meu ; offereci-lhe então a consideração de que nas proprias

instrucções transluzia a deferencia que o Governo tinha para com elle, desde que no ultimo artigo dava-lhe o direito de propor as medidas que julgasse convenientes para que o serviço se fizesse de accordo com o que lhe parecesse mais consentaneo. Nessa occasião julguei-o abalado no seu juizo: entretanto disse-me ao levantar-me: communique aos seus amigos que eu me resenti pelo modo por que foram redigidas as instrucções.

Tenho conversado com o Sr Conselheiro Paranhos sobre essa materia e talvez elle, na carta que escreve a V.Ex. diga mais alguma cousa.

Tenho feito tudo quanto está nas minhas forças para que não venha de uma susceptibilidade extrema alguma desarmonia que traga o choque entre o Governo e o Commando em chefe. Nisso não faço mais do que cumprir com o meu dever de amigo leal da presente situação.

Bom será que lhe previna, para que se não faça alguma injustiça, que o Pinheiro Guimarães não tem concorrido para taes susceptibilidades. A seu tempo e de viva voz conversaremos sobre este ponto." (Carta de Deschamps a Cotegipe, Assumpção, 29 de Janeiro de 1870).

"As suas reflexões chegaram ao conhecimento de Sua Alteza, porque pareceu-me que V.Ex. autorisava a servir-me das ponderações, e mais, porque, julguei, em vista do que eu presenciara, necessario usar dellas para destruir os máos effeitos da intriga que dahi procurava-se manter" (Carta de Deschamps a Cotegipe, Rosario, 14 de Março de 1870).

"E' para mim muito grato o juizo que V.Ex. enuncia a respeito do meu procedimento para com S.A. Tanto mais o estimo quanto é certo que conseguí o meu legitimo e salutar proposito, sem ficar mal com o Principe" (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 28 de Fevereiro de 1870).

“A actividade, zelo e estudo do Pinheiro Guimarães, que muito tem ajudado o Principe, se deveo em grande parte o traço e aceleração dos nossos movimentos. O Principe, incansavel tambem no estudo da topographia, e por sua actividade, perspicacia e energia - desejoso de gloria, para o paiz que adoptou, estudou seriamente, e quando moveu-se com as forças de Pirayú levou o plano que executou sem hesitação. Elle deve ser muito reconhecido ao Pinheiro Guimarães pela coadjuvação assaz proveitosa que lhe presta com toda a fidelidade.

O Principe é moço de grande vontade, mas nem sempre a poria em contribuição, se não encontrasse alguém como o Pinheiro para destruir os obstaculos que outros, por desejos que por ora não posso discutir, lhe trariam á apreciação em detrimento das operações planejadas. Quasi se faria acreditar no intento de procrastinar no impulso que pretendia o Principe dar ao exercito. A seu tempo conversaremos sobre este assumpto, que é grave, para ser entregue a uma folha de papel que pode ser extraviada. Hei de então pôr os pingos nos *iiii*” (Carta de Deschamps a Cotegipe, Caraguatahy, 28 de Agosto de 1869).

Vide Visconde de Taunay - “*Diario do Exercito*” - Vol. 2.º (De Campo Grande a Aquidaban), pag. 159.

## EXTRANGEIROS E MARINHA

Nada tenho que observar sobre a conversa com o ministro Americano. Minhas opiniões favoraveis aos Estados Unidos são bem conhecidas, e o Webb sabe como o tratei até que elle revelasse seu character no negocio da compra do vapor “San Francisco”.

Devem-se publicar os papeis relativos a exposição de artefactos dos aprendizes artifices do arsenal de marinha da Bahia, a qual muito me agradou e honrou o Dr Abilio pelo interesse que sempre tem mostrado na habilitação dos moços brasileiros para as diversas carreiras sociaes.

Concordo com o parecer do Antunes a respeito da redução de nossa esquadra no Paraguay, entendendo, aliás, que convem manter lá o "Barroso" enquanto não ficar prompto o "Tamandaré".

19 de Fevereiro de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Quando conversámos sobre as ultimas instrucções dadas ao Paranhos, nunca entendi que fosse a guerra declarada finda sem que daqui se ordenasse isto positivamente.

Tambem na carta que escrevi a meu genro e de que o ministerio teve perfeito conhecimento, respondendo a um argumento de meu genro, disse-lhe que não podia considerar a nossa força, que ficasse agora no Paraguay, como o apoio que os alliados prometteram ao novo governo do Paraguay pelos artigos 9.º e 12.º do tratado de alliança.

Tenho muito medo da declaração do fim da guerra que tambem traz necessariamente a retirada de meu genro, enquanto não ti-

ver eu a certeza, pelo menos, de que Lopes está fugido na Bolivia.

Sempre manifestei esta opinião e hei de insistir n'ella.

Sinto não haver podido responder á carta de meu genro, que amanhã lhes mostrarei. Não sei quando haverá agora transporte. Eu escrevi ao Muritiba reclamando a carta de meu genro que, pela que elle escreveu a minha filha, eu sabia haver-me sido dirigida; mas o Muritiba teve do director da Secretaria dos Extranjeros a resposta de que não havia essa carta, nem correspondencia do Paranhos. Esta mesma careceria de prompta resposta, se se assentasse em explicar-lhe o modo de s'entenderem as ultimas instrucções, como eu as entendi quando o Snr m'as leu a ultima vez.

D. Pedro 2.º

2 de Março de 1870

Não podia concorrer para o contrario d'aquillo que se fará, desde que o ministerio pensar como eu, e por isso respondi ao Pinto de Campos, quando pedio-me que fallasse ao ministerio n'alguma commissão, que o ajudasse a ir a Roma, que nada diria a tal respeito, sabendo elle como eu penso sobre os conventos, e a questão dos casamentos mixtos. Tenho-me sempre opposto á admissão de noviços, e entendo que as apolices, em que se convertam os bens dos conventos, alem do patrimonio de seminarios e estabe-

lecimentos de caridade, só deverão, por parte de sua renda, contribuir para manutenção dos religiosos "existentes", emquanto pela secularisação não obtenhão elles com igual segurança os meios para essa manutenção. Sobre a outra questão julgo que se não pode nem deve pôr em duvida o direito que tem o Estado de legislar sobre o casamento civil, entendendo eu que não é preciso estabelecê-lo senão quanto aos casamentos mixtos e facultativamente aos conjuges. O augmento das despensas não remedia o mal; a Igreja não as dá senão sob condições, que ou impedem esses casamentos, ou são uma perfeita burla, alem de quaesquer embaraços que sacerdotes menos illustrados porão a taes matrimonios.

Não me consta que o governo tivesse "approvado" a direcção de collegios por congregações religiosas, apenas executou a lei, que permite a liberdade de ensino, satisfeitas certas condições.

Não se falla dos bens, cujo uso-fructo pertence aos Franciscanos.

2 de Março de 1870

Monsenhor Pinto de Campos foi duas vezes a Roma em missão do governo, em 1870 e em 1875. Pedro II aqui allude á missão confidencial de que foi incumbido aquelle sacerdote e deputado, sobre ordens religiosas, conversão de seus bens, e casamentos mixtos.

Chegando a Roma fez Pinto de Campos as primeiras *démarches* e, tendo como certo o resultado, pediu poderes

para negociar concordata, pois taes poderes haviam sido reclamados pelo sub-secretario de estado da Santa Sé. Cotegipe não querendo tirar á missão de Pinto de Campos o seu character, nem desautorar o ministro brasileiro em Roma, mandou os plenos poderes a este, usando, em officio confidencial, de expressões que completavam o pensamento imperial, manifestado neste memorandum de 2 de Março. Expunha as deliberações do governo: "Sciende como se acha V. Ex. da marcha que tem tido esse negocio (conversão dos bens das ordens religiosas) só fará a proposta, se d'antemão estiverem assentadas as condições do breve da concessão em conformidade com as respectivas Instrucções, não comprometendo V.Ex. de modo algum a palavra do Governo para a recomposição das Ordens Religiosas actuaes, ou admissão de novas. Sua Santidade poderá quando seja esta uma condição *sine qua* - reservar certa porção de bens depois de convertidos em apolices para patrimonio das Ordens Religiosas actuaes, se forem reformadas; porem de modo nenhum V. Ex. admittirá expressão de que se deduza obrigação para o Governo Imperial de promover ou admittir tal reforma. Tão bem não insistirá por que o contrario se faça - basta que este ponto fique no vago, de modo que salve nossa factura liberdade de acção . . . . . Finalmente chamo a sua attenção para a parte das citadas instrucções, em que fallo dos casamentos mixtos." (Instrucções confidentiaes de Cotegipe ao Ministro do Brasil em Roma, datadas de 23 de Março de 1870).

Na mesma data escrevia em termos semelhantes a Pinto de Campos, insistindo sobre a questão dos casamentos mixtos.

"Presumo estar prestando um relevantissimo serviço ao paiz, não só salvando-o da pecha de barbaro usurpador da propriedade alheia, como promovendo uma boa dotação para os seminarios, com manifesto prazer dos Bispos Brasileiros

que não cessam de abençoar esta resolução." (Carta de Pinto de Campos a Cotegipe, Roma, 15 de Janeiro de 1870).

"Cá chegou o nosso Monsenhor, e se mostra animado pela esperança de bom exito. A Santa Sé não é tão meticolosa e difficil como tantos pensão; fará o que fôr justo, e suas condições, estou certo, hão de ser acceitas pelo Governo Imperial, chegando-se assim a uma solução rasoavel e conveniente da grave questão das ordens religiosas no Brasil. Seria bom Exm.º Snr que o Governo Imperial tomasse as medidas necessarias para que este negocio chegasse a uma solução definitiva, para a qual, segundo sou informado, as cousas parecem encaminhar-se." (Carta de D. Antonio Macedo Costa - Bispo do Pará - a Cotegipe, Roma, 15 de Janeiro de 1870).

"Não findarei sem fazer reserva sobre os termos de seu *memorandum*, com algumas de cujas idéas sinto não concordar, e sem notar que V.Ex. cala completamente a questão dos casamentos mixtos, a que o Governo liga não pequena importancia. Seria conveniente que V.Ex. antes de sua partida alguma cousa promovesse sobre este assumpto." (Carta de Cotegipe a Pinto de Campos, 23 de Março de 1870).

Rio 12 de Março de 1870

Sñr Cotegipe

Desejo vêr os numeros da "Nacion" e do "Standard" de que falla a carta do Borges que reenvio.

O "Werneck" não pode tardar com noticias até 30.

D. Pedro 2.º

**Sñr Cotegipe**

Amanhã parte meu sobrinho como cadete para o Paraguay. Vae inteiramente n'esse caracter; mas como não tem conhecidos nos logares por onde deve passar até apresentar-se ao Commandante-em-chefe do nosso exercito, desejo que o Sñr escreva ao Gondim e ao Paranhos afim de que nada lhe falte e facil lhe seja chegar ao seu destino. A bordo do transporte deverá ser tratado como cadete, e já o recommendei pelo Mordomo de minha casa ao Commandante do transporte.

A que horas deve estar elle a bordo assim como o pouco que elle leva?

D. Pedro 2.º

13 de Março de 1870

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Mande-me o que tenha recebido de interessante pelo Correio. Apenas li n'uma folha do Rio-da-Prata um telegramma do Paranhos de 10 que é muito interessante; mas talvez elle recebesse e mandasse copia da carta do Camara de 3.

D. Pedro 2.º

24 de Março de 1870

Envie-me o que recebeu sem prejuizo do que convenha que saia publicado amanhã.

★ ★



**Grupo tirado na Villa do Rosario em 13 de Janeiro de 1870, representando S. Alteza o Sr. Conde d'Eu e alguns officiaes do seu Estado Maior, (menos os ns. 6, 7 e 8).**



Sñr Cotegipe

Ouvi-lhe 4a. fr. que o transporte sahia no dia 28 mas diz-me agora o Lamego que a ordem é para elle sahir amanhã. Quando é que sahe e a que horas para eu e minha familia mandarmos nossas cartas?

D. Pedro 2.º

26 de Março de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Não recebeu communicação do Paranhos e do Carvalho Borges pelo "Leopoldina". O Paranhos pode escrever ao Muritiba.

D. Pedro 2.º

30 de Março de 1870

★ ★

Sñr. Cotegipe

Já li a carta do Paranhos de 1.º sobre a qual vou ainda reflectir. Leve-me ao despacho de sabbado e então lhe direi o que penso a respeito do assumpto de que ella trata.

Se precisar de fallar-me antes previno-o de que amanhã depois das 2 da tarde estarei em casa.

D. Pedro 2.º

31 de Março de 1870

A carta de Paranhos, lida pelo Presidente do Conselho, provocou a seguinte :

“Exm.º Snr Barão

Da carta do Snr Conselheiro Paranhos, que V.Ex. teve a bondade de comunicar-me hontem, devo colligir que o nosso benemerito e illustrado collega pretende seguir, quanto aos negocios do Paraguay, uma politica a que eu não poderei associar-me, e por isso seria bom termos uma conferencia antes de V.Ex. responder aquella carta.

Sou, como sempre,

De V.Ex.

Collega e am.º ob.º e cr.º

V. de Itaborahy”

31 de Março de 1870

“Que receio foi esse dos Snrs. Muritiba e Itaborahy a respeito das forças do Paraguay ? Figurão-me o caso como questão de Gabinete para elles. E' preciso não ser tão absoluto em negocios que não podemos governar á nossa vontade. Não me admirou o absoluto do Sr Visconde, porque conheço as suas idéas em relação á politica do Rio da Prata, mas espantou-me igual aviso da parte do Sr Muritiba que tão prudente e providente tem sido nesta nossa campanha diplomatico-militar.” (Carta de Paranhos a Cotegipe - Assumpção, 14 de Abril de 1870).

★ ★

**Sñr Cotegipe**

**Que recebeu pelo “Patagonia”?**

As noticias que vejo em diarios de Buenos Ayres relativas á nova revolução do Esta-

do Oriental não são agradáveis, sobretudo por terem Brasileiros intervindo á mão armada.

D. Pedro 2.º

31 de Março de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Tenho que fazer diversas reflexões sobre a resposta que o Sñr pretende mandar ao Paranhos, e hoje estou em casa até 1 h.  $\frac{1}{2}$  prompto a recebê-lo, se o vapor "Izabel" devêr levar hoje a resposta.

D. Pedro 2.º

2 de Maio de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Perdôo ao preso Conrado Riegel em attenção a seu pedido feito hontem. O decreto deve ter a data de hontem.

D. Pedro 2.º

O "Izabel" parte amanhã? Que communições leva para o Rio da Prata e Paraguay?

Quando puder mande-me as provas de seu relatorio; que eu mesmo a lapis farei as reflexões que me occorrerem e serão attendidas como o merecerem.

Já foi a resposta a respeito da Lynch, e outros quesitos feitos antes dos ultimos despachos do Paranhos?

Sobre os quesitos a que se refere Pedro II e sobre Elisa Lynch, Cotogipe redigiu o seguinte parecer :

“Não podendo achar-me presente á conferencia de 3.ª fr. e ao despacho na 4.ª necessito de conhecer a opinião de meus Collegas e a de S.M. sobre os pontos seguintes :

1.º A carta do Sr Paranhos que vae junta não deixa duvida, de que elle aqui estará antes que possa receber resposta. Creio que elle será portador do Tratado Preliminar de paz, porque se o não puder conseguir tão brevemente ha de demorar-se, conforme foi autorizado. Forças nossas hão de ficar no Paraguay — ou por accordo, ou por falta de transportes. Nesse *interim* proceder-se-á á eleição do novo Governo, e posto que não tenhamos de intervir — pode dar-se o caso de ser mister emprega-las. Pergunto :

Será conveniente deixar toda a responsabilidade á Autoridade Militar ?

Dever-se-ha revesti-la de character diplomatico ?

Estará o Commandante habilitado para desempenhar o encargo ?

Quando não ; convirá fazer para ali seguir um dos nossos 2 Ministros no Rio da Prata ?

Não avento a idéa de nomear se desde logo o Plenipotenciario que ha de tratar de ajustes definitivos, porque, penso que não deverá partir, sinão para esse fim ; mas quando meus illustres collegas pensem differentemente — assentarão na escolha, se ella fôr tão urgente que não possamos aguardar a volta do Sr Paranhos.

Nós não temos na Assumpção nem mesmo Consul, que retirou-se por doente.

2.º O Officio reservado n.º 24 — trata de tres assumptos — destino de alguns prisioneiros considerados perigosos, pro-

tecção ao Argentino Silvero, e procedimento para com a Lynch.

Estou de accordo quanto a solução dada aos dous primeiros; divirjo quanto ao terceiro.

Lynch não passa de concubina de Lopes, e foi sua alma damnada. Garantindo-se-lhe a vida, e dando-se o tratamento devido a qualquer mulher, temos feito nosso dever; ir alem será até indecoroso. Não se lhe pode pois deixar, o que evidentemente lhe não pertence, ou esses objectos sejam considerados - como são, despojos de guerra, ou - roubo feito aos Paraguayos. Si os não quizermos devemos entregal-os ao Governo Paraguayo, ou pagarmos-lhe o seu valor - para que os guardemos em nossos Museus. Cumpre tão bem assentar como deve ser aqui tratada essa Mulher, se vier em navio nosso. Eu preferiria que ella fosse largada em Montevideo, e dahi tomasse seu destino.

3.º O Officio n.º 95 pede approvação da resolução de enviar-se para as Igrejas de Matto-Grosso alfaias - que forão tomadas no campo da Batalha - como compensação das que forão roubadas naquella provincia.

S.M. entende que devem ser restituídas; eu penso diversamente; nós não saqueamos Igrejas, não sabemos a quaes pertencem as alfaias; estamos em nosso direito aposando-nos daquillo que o inimigo levava. Já restituimos o que achamos em Peribebuy (em casas), e assim provamos nossa generosidade. Porque escrupulisar em restituir para compensação aos nossos Templos, o que lhes foi tirado? Os objectos já forão remettidos; a restituição dará talvez motivo para sermos accusados de *guardar o principal*. O acto é perfeitamente justificavel. Bastará que não se responda.

4.º O Officio sob n.º 44 trata da restituição da estrada de ferro. Ahi somente desejo saber, se deve ser aprovado o

modo do pagamento do *trem*, que cedemos a Empresa, porque a restituição parece-me negocio corrente.”

“Quanto á prata das Igrejas Paraguayas, nós não podíamos deixar de entregal-a, porque em guerra moderna não se admittem taes confiscações. A França teve de restituir afinal os objectos de arte que tirou da Allemanha. A indemnisação de que me falla V.Ex. eu a tivê muito em vista. Sou informado que os objectos de valor da igreja de Corumbá foram levados para Cuyabá. A igreja de Miranda, que foi a saqueada, era muito pobre. Para compensar este prejuizo temos os objectos de igreja que as forças do General Camara tomarão ultimamente, em carretas do inimigo do departamento de Concepcion. Estes objectos estão por isso guardados neste porto a bordo do “Princeza Imperial”. A compensação é sufficiente e somos coherentes em nosso procedimento porque aquelles despojos nós os encontramos, não nos templos, mas na bagagem do inimigo.” (Carta de Paranhos a Cotegipe, Assumpção, 13 de Dezembro de 1869).

Sobre a Lynch vide Visconde de Taunay “Cartas de Campanha” pgs. 8, 9, 10, 100, 101, 144, 155.

Sobre despojos de guerra vide Visconde de Taunay “Diario do Exercito”, 2.º volume (De Campo Grande a Aquidaban) pags. 96, 153, 160).

\* \*

**Sñr Cotegipe**

Fiz algumas notas ás provas e projectos dos seus relatorios. Não falla da organização do material da armada, e da despeza dos portos?

Mande o que ainda faltar.

D. Pedro 2.º

9 de Maio de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Fiz algumas notas ás provas do relatorio da Marinha. Julgo que ainda faltam algumas folhas.

D. Pedro 2.º

13 de Maio de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Mando-lhe as provas que restavão de seu relatorio da Marinha. Fiz algumas notas a lapis.

Que noticias trouxe o "Copernicus" chegado do "Rio-da-Prata"?

D. Pedro 2.º

16 de Maio de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Deus queira que o tratado definitivo de paz com o governo do Paraguay não nos dê muito trabalho mesmo por causa d'esse governo !

Reparo que o protocollo, que julgo ser o que ficou assentado em Buenos-Ayres, não falla dos protocollos annexos ao tratado d'alliança de 1.º de Maio.

D. Pedro 2.º

16 de Maio de 1870

\* \*

Sñr Cotegipe

Já mandei o officio a respeito de suspeita de revolução em Bolivia ao Presidente do Conselho. Se elle o não recebeu talvez fosse por engano, com outros papeis, parar ás mãos do Ministro da Justiça.

D. Pedro 2.º

29 de Maio de 1870

\* \*

Sñr Cotegipe

Espero que a habilidade do Paranhos nos livre dentro em pouco dos negocios do Paraguay.

E' preciso ir pensando em quem substitua o Paranhos no Rio-da-Prata, quando elle dever regressar.

D. Pedro 2.º

5 de Junho de 1870

\* \*

Sñr Cotegipe

Pelo que tenho conhecido até agora do character e intelligencia do actual Ministro de Portugal não posso senão desejar a sua conservação aqui.

D. Pedro 2.º

22 de Junho de 1870

MARINHA

Será bom ouvir a seção de Marinha e Guerra sobre a intelligencia do regulamento do Corpo de Saude d'Armada em relação á pretensão do possuidor da patente inclusa.

16 de Julho de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Recommendo-lhe a carta do Paranhos que não estará aqui senão a 25 ou 26, se vier no Galgo. Admira-me a decisão do Thornton; nem ao menos está decidida a questão, e sirva-nos de lição para não se demorarem tanto as resoluções entre nós.

D. Pedro 2.º

20 de Agosto de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Envio-lhe a carta inclusa para remetter pela respectiva legação amanhã. O "Merinack" (?) parte, creio que ás 6 ½ da manhã.

D. Pedro 2.º

25 de Agosto de 1870

★ ★

Sñr Cotegipe

Acabo de receber um telegramma annunciando que um vapor com bandeira Franceza perseguiu um patacho allemão, e, depois de mandar a seu bordo um escaler, o levou a reboque. Cumpre examinar o que houve.

Ordenei que lhe transmittissem o telegramma, apezar de crer que lhe teria sido enviado.

D. Pedro 2.º

12 de 7bro de 1870

### MARINHA

Comparando os regulamentos de 1858 das Escolas de marinha Central e de Applicaçõ, pouca differença vejo na relação de cathegoria entre oppositores e professores na Escola de Marinha, e entre os mesmos cargos na Escola Central, onde são admittidos paisanos, e, todavia, só na Escola de Marinha é que tanto uns como outros vão ter as mesmas honras. O argumento final do voto divergente do Conselho Naval não me parece valioso ; porque, no caso figurado por elle, se offendirão direitos adquiridos, e, no presente, só se accrescentam honras.

17 de 7bro de 1870

1875

**Senhor Cotegipe**

Restituo o projecto de despacho do Araguaia :

Escuso repetir que jamais nutri as esperanças do Ministerio. Tomara enganar-me.

Não me consta que o Bispo do Pará também queira fazer sua visita "ad limina Apostolorum".

Eu não soube que se mandaram pagar as congruas que os Bispos deixaram de perceber, por estarem cumprindo sentença. Faça-o o Ministerio ; mas sem approvação de minha parte a esse acto d'elle.

Podia-se dar dinheiro aos Bispos para a viagem, sem se lhe pagarem congruas, a que elles não tinham nenhum direito.

Eu entendo que, mesmo não falhando o meio conciliatorio, que o Ministerio julgou acertado, e não ficou, segundo a opinião d'este, dependente do levantamento dos interdictos, para que não se tomem as medidas de que se falla, serão estas indispensaveis para que se acautele o futuro contra a repetição d'uma surpresa como a do procedimento passado dos dous Bispos.

Diz o despacho : "Sem prescindir do que é de sua competencia, etc." ; mas eu não

posso deixar de repetir que os Bispos praticaram um crime, excluindo das irmandades membros d'ellas, sem ser em virtude dos compromissos approvados pelo poder civil, e fazendo-o elles em cumprimento de bulas não placitadas. E' preciso que o despacho não seja redigido de modo a pôr isto em duvida.

Creio que se devem supprimir as palavras que se seguem a estas: "e prohibir a ausencia dos Bispos" — até o ponto.

Feitas as alterações que indico irá o despacho com minha approvação.

Supprimiria as palavras "denominado — religioso ou" logo no primeiro periodo. A questão em si "não tem nada de religiosa".

D. Pedro 2.º

Petropolis 3 de 8bro de 1875

O Visconde de Araguaya era então Ministro do Brasil junto á Santa Sé. O projecto de despacho, ou seja minuta de instrucções, versava sobre a questão religiosa. Pedro II era contrario á intervenção diplomatica e, ainda conformando-se com os esforços do ministerio, não tinha esperanças de qualquer resultado.

O topico "ad limina apostolorum" é allusão á viagem, annunciada em carta pastoral (publicada em 28 de Setembro), que a Roma ia fazer D.Vital. Partiu esse bispo a 4 de Outubro.

A seguinte carta do Visconde de Araguaya, em resposta ao "despacho" a que allude Pedro II, esclarece aquelle topico, e mais o referente ao levantamento dos interdictos: "Roma, 14 de Novembro de 1875 — Illm.º e Exm.º Snr Conse-

lheiro Barão de Cotegipe — Prestei toda a devida consideração á carta confidencial com que V. Ex. me honrou em 6 de Outubro proximo passado, expondo-me a nova direcção que o Governo Imperial pretende dar á questão episcopal, e que bem se revela na generosa amnistia concedida aos Bispos do Pará e de Olinda, e contendo algumas indicações tendentes a evitar desintelligencias e conflictos entre o poder civil e o ecclesiastico.

E' grato o accordo dos sentimentos inspirados por nobres intenções, e por isso seja-me permittido declarar que mui acertada e providente me parece essa resolução tomada pelo Governo Imperial, e qual se devia esperar da sua sabedoria, não tanto em attenção ás difficuldades e complicações que poderiam resultar da rigorosa execução das nossas leis em opposição ás canonicas, menos respctadas, como em attenção ao perigoso incremento que por esse modo se daria á desastrosa impiedade da nossa epocha, que já vae grassando nas classes menos illustradas, imbuidas do corrosivo philosophismo dos chamados livres pensadores, que tão pouco pensam nas condições vitaes da ordem moral e politica, e tanto teem concorrido com suas palavras e exemplos para a perversão das idéas e dos costumes. Com muito acerto diz o profundo auctor do *Espirito das Leis*: "Ha máos exemplos que são peiores do que os crimes; e mais Estados teem perecido por se violarem os costumes do que por se violarem as leis".

Não tocarei mais na questão dos interdictos, que creio felizmente terminada, tendo a Sancta Sé correspondido á generosidade do Governo Imperial, corregindo e censurando com a conveniente reserva, o zelo imprudente dos dous Prelados noviços.

Duas conferencias tive neste mez com o Cardeal Antonelli, sobre o dever que corre aos Bispos de não se retirarem das suas Dioceses sem licença do Governo, mesmo por causa das suas congruas, que, por essa falta, lhes podem ser suspen-

sas ; e sobre a conveniencia de se transferir um dos dous Prelados, ou ambós para outras Dioceses, onde não encontrem prevenções nem animosidades. Sua Eminencia que tem sempre a delicadeza de não se pronunciar categoricamente em nenhuma questão antes de receber as ordens do Summo Pontifice, dice-me, na primeira conferencia, que levaria as minhas razões ao conhecimento do Sancto Padre, e só depois disso me poderia dar uma resposta ; e na segunda, indo eu por isso, me disse que as visitas dos Prelados *ad limina Apostolorum* é uma obrigação que não póde ficar dependente do consentimento dos Governos, como qualquer outra ausencia ; mas que mesmo naquelle caso é louvavel um acto de deferencia á suprema auctoridade civil, e que sobre isso se entenderia com os Bispos.

Quanto á transferencia, dice-me o Cardeal que facil seria com o accordo dos Prelados, e que elle a propria como conveniente ao Bispo de Olinda, que talvez a deseje, bem como o do Pará ; e que assim para uma decisão, melhor era conversar primeiro com o Sr D. Vital, aqui esperado naquelle dia 9 do corrente.

Perguntou-me o Cardeal si a transferencia seria para as sédes vacantes, ou si para outras occupadas, e menos vantajosas, o que difficultaria a mudança. Respondi-lhe que sobre esse ponto nenhuma indicação eu tinha do meu Governo.

Com effeito naquelle mesmo dia, ao cahir da noite, chegou á Roma o Sr D.Vital. Foi hospedar-se no Collegio dos Missionarios Capuchinhos, acompanhado do Procurador daquella ordem, que o esperára na estação da estrada de ferro. Apresentou-se no dia seguinte ao Cardeal Secretario de Estado, e após foi admittido á presença do Sancto Padre.

Dice-me o Cardeal, com quem estive ante hontem, que nessa primeira entrevista, bastante curta, com o Bispo,

apenas tivera tempo de o prevenir que Sua Sanctidade tinha mandado ordens para se levantarem os interdictos, e que em outra occasião lhes fallará da transferencia.

Hontem recebi a visita do Snr D.Vital, que retribui hoje. Felicitei-o pela sua viagem a Roma, e por estar concluida a questão, tendo Sua Sanctidade mandado levantar os interdictos. Perguntou-me se sem condições. Respondi-lhe que assim se me tinha annuciado ; e que infallivelmente assim devia ser ; porque de outro modo não estaria terminado o conflicto. Replicou-me : "o que Sua Santidade tiver determinado está bem feito. Meu dever é cumprir as suas ordens".

Na visita que hoje fiz ao Snr D.Vital não se tratou de cousa alguma que mereça ser aqui mencionada.

Aproveito o ensejo para reiterar as expressões da particular estima e alta consideração com que tenho a honra de ser - de V Ex - Respeitoso amigo Venerador e Obrigado Creado - Visconde de Araguaya."

D. Vital não pedira licença para sua viagem, fizera uma communicação. O governo tomou essa communicação como solicitação, e deu a licença mas reclamou para Roma, contra o procedimento do Bispo, como se vê da carta de Araguaya. Est'outra de José Bento documenta esse episodio : "João - (Cotegipe) - Como não lea a Reforma ahi te mando o artigo a que me referia. Os documentos sam o Officio de D. Vital dando parte da sua viagem, e o aviso concedendo a sua sahida para fóra da diocese, pellas estas que não foram publicadas, como queria o Imperador, porque achaste com o Duque que devia se guardar isso para nova occasião". (Carta de José Bento, Visconde do Bom Conselho, Ministro da Justiça, a Cotegipe, sem data).

A "Reforma" dizia que a viagem "Ad limina apostolorum" de D.Vital fóra feita sem licença do governo.

Em relação ás "congruas" são interessantes as seguintes cartas de D. Antonio de Macêdo Costa - Bispo do Pará - a Cotegepe: "Bahia, 24 de Novembro de 1875 - Exm.º Snr Barão - Escrevo somente para rogar a V.Ex. que tenha a bondade de mandar apressar o pagamento de minhas congruas, que me acho muito embaraçado por falta deste recurso. Deixei procuração ao Snr. Andrew, e elle m'escreve que encontra demora no Thesouro. V.Ex. com uma palavra aplinará todas as difficuldades, e penhorará ainda mais o meu reconhecimento. - Creia V.Ex. na sincera dedicação e alta estima com que sou de V.Ex. Amigo e Servo Obrigado - M. Bispo do Pará."

"Bahia, 6 de Dezembro de 1875 - Exm.º Snr Barão - Desde que fui posto em liberdade até hoje estou sem receber minhas congruas. Pode V.Ex. fazer uma idéa dos embaraços e vexames em que me tenho visto, pois não tenho outros recursos. Parece que ha difficuldades para o pagamento das congruas durante a prisão, pagamento com que eu contava, segundo me affiançaram algumas pessoas e parece de justiça. Enquanto porem não se liquida este negocio vou rogar a V.Ex. dê as suas ordens para que me sejam pagas aqui ao menos as congruas vencidas depois da data da amnistia. Tenho tido verdadeiro desgosto com isso, pois contrahi alguns empenhos, confiado na promessa que V.Ex. fez aos meus amigos, e agora ha quem se opponha a isto, se é verdade o que me informaram, de modo que o meu procurador o Sr Diogo Andrew, homem tão respeitavel, já deliberou não ir mais ao Thesouro. Por quem é Exm.º Snr e muito digno amigo, tome em consideração o meu pedido, e se vir que não tem cabimento o pagamento das congruas durante meu injusto captiveiro, tenha a bondade de me mandar dizer, com toda a franqueza, e ao mesmo tempo providenciar para que com urgencia me sejam pagas aqui as congruas que me são devidas depois da amnistia.

Por este grande favor ficarei ainda mais agradecido a V.Ex. de quem me assigno com todo o gosto - Am.º Obr.º e Servo † Bispo do Pará.”

Sobre as idéas de Pedro II, contrarias aos meios conciliatorios - amnistia e entendimento diplomatico - para solução da questão religiosa e sobre levantamento de interdictos, vide Vilhena de Moraes - “O Gabinete Caxias e a Amnistia aos Bispos na Questão Religiosa” pag. 55, onde vem publicada esta carta de Pedro II: “Senhor Caxias: Entregalhe-hei a exposição amanhã que talvez nos encontremos.

Tudo disse no sentido da minha opinião, contraria á do Ministerio, porem entendi que este não devia retirar-se.

Ainda observo que processos pelo não levantamento dos interdictos não seriam absonos dos efeitos da amnistia. O não levantamento dos interdictos foi por todos os Ministros considerado crime. Se elle continuar, continuará o acto criminoso a produzir seus efeitos, e a amnistia é o esquecimento, que só se pode dar a respeito do passado e não do futuro.

Essa questão é grave, e por isso reservo, ao menos, o meu modo de pensar sobre ella.

Faço votos para que as intenções do Ministerio sejam compensadas pelos resultados do acto da amnistia, mas não tenho esperança disto. Nunca me agradaram os processos, mas só vi e (entrelinhado) vejo dois meios de solver a questão dos Bispos: ou uma energia legal e constante que faça a Curia Romana reccar as consequencias do erro dos Bispos, ou uma separação, embora não declarada entre o Estado e a Igreja, o que sempre procurei e procurarei evitar, emquanto não o exigir a independencia, e, portanto, a dignidade do Poder Civil. - D. Pedro II - Rio 17 de Setembro de 1875.”

**EXTRANGEIROS**

Sobre o officio de Roma já disse o que pensava a respeito dos ajustes de que foi encarregado o Conego Pinto de Campos.

Tudo o que na "memoria" annexa ao officio se refere á conservação de conventos, e, sobretudo, á reabertura de noviciados deve ser supprimido.

Não se falla de bens cujo usufructo pertence aos conventos de Franciscanos.

---

Acceito o offercimento do musico Eduardo Strauss.

---

Agradecer a obra ao Capitão Payne. A obra revela apenas paciencia, e no artigo que me toca diz elle que: "eu tomei o Commando do exercito na Guerra" contra o Paraguay.

A obra do Capitão Payne era: "Haydn's // universal // index of biography // from // the creation to the present time // for se use of // the Statesman, the historian, and the //journalist. // Edited by //J. Bertrand Payne // M. R. J., F. R. S. L., F. Geog. Soc. (London and Paris), // Member of the Society of Antiquaries of Normandy, Massachussets, and New Jersey. // London. E. Moxon, Son and Co., Dover Street. "1870".



O SR. D. PEDRO II

D. Pedro II, em 1875.



**Sñr Cotegipe**

Vae assignado o decreto das loterias. O de ancoragens carece de ser acrescentado com uma disposição relativa ao começo de sua execução.

Desejo lêr a publicação do Sosa a respeito da negociação Tejedor.

Restituo o officio que o Caxias me remetteu.

D. Pedro 2.º

Rio 16 de 10bro de 1875

Jaime Sosa foi o enviado do Paraguay que firmou com D. Carlos Tejedor (1875) os tratados de paz e limites entre o Paraguay e a Argentina. Esses tratados foram desaprovados pelo Paraguay e Sosa declarado traidor á patria. Escreveu sobre a sua negociação o livro : "*Negociaciones diplomaticas entre el Brasil, la Republica Argentina y el Paraguay - Mission del Ciudadano paraguayo Jaime Sosa a Rio de Janeiro*", Buenos Ayres, 1875, que é a publicação a que se refere o Imperador.

"Falla-me no Sr. Tejedor. Lá se foi como veio. Arranjou-se com o Sr. Sosa, Deus sabe como, e partio muito sem cerimonia. Haverá prudencia da nossa parte, mas com dignidade" (Carta do Visconde do Rio Branco a Deachamps, 15 de Junho de 1875).

"Não respondo ás misérias do Sr Jaime Sosa. O nosso manifesto ja prevenio essa nova edição correcta e augmentada do manifesto argentino. Quem acreditará na scena que figura-me como um poccusso a reprehender o Sr Sosa ?! Ahi mesmo repete elle palavras minhas de tanta moderação que contrastão com aquelle invento.

O que vae e vem do Paraguay ? Tristês paizes ! Tambem ha que lamentar muitos erros da nossa parte." (Carta do Visconde do Rio Branco a Deschamps, 27 de Dezembro de 1875).

Sobre a missão Sosa e os tratados Sosa - Tejedor lêr : "Ernesto Quesada - *"La politica Argentina - Paraguaya"* ; Relatorio do Ministerio de Extrangeiros - 1875 - 1876 ; Joaquim Nabuco, *"Um Estadista do Imperio"* - Vol. III pag. 349 e seguintes.



O Barão de Cotegipe, em 1875.



1876

Sñr Cotegipe

Faça-me o favor de mandar esta carta  
ao Caxias.

D. Pedro 2.º

Rio 10 de Março de 1876

★ ★

1885

**Sñr Cotegipe**

Não sei tambem o que se passou hoje na Camara.

Posso ouvil-o amanhã ás 11 h.

D. Pedro 2.º

Rio 25 de Agosto de 1885

Pedro II respondia á seguinte carta : "Senhor. Não posso ainda informar a V.M.I. do que occorreu hoje na Camara dos Deputados - com a exactidão precisa. Aguardo a publicação official.

Creio, porem, necessario solicitar de V.M.I. uma audiencia amanhã na hora que S M.I. se dignar marcar.

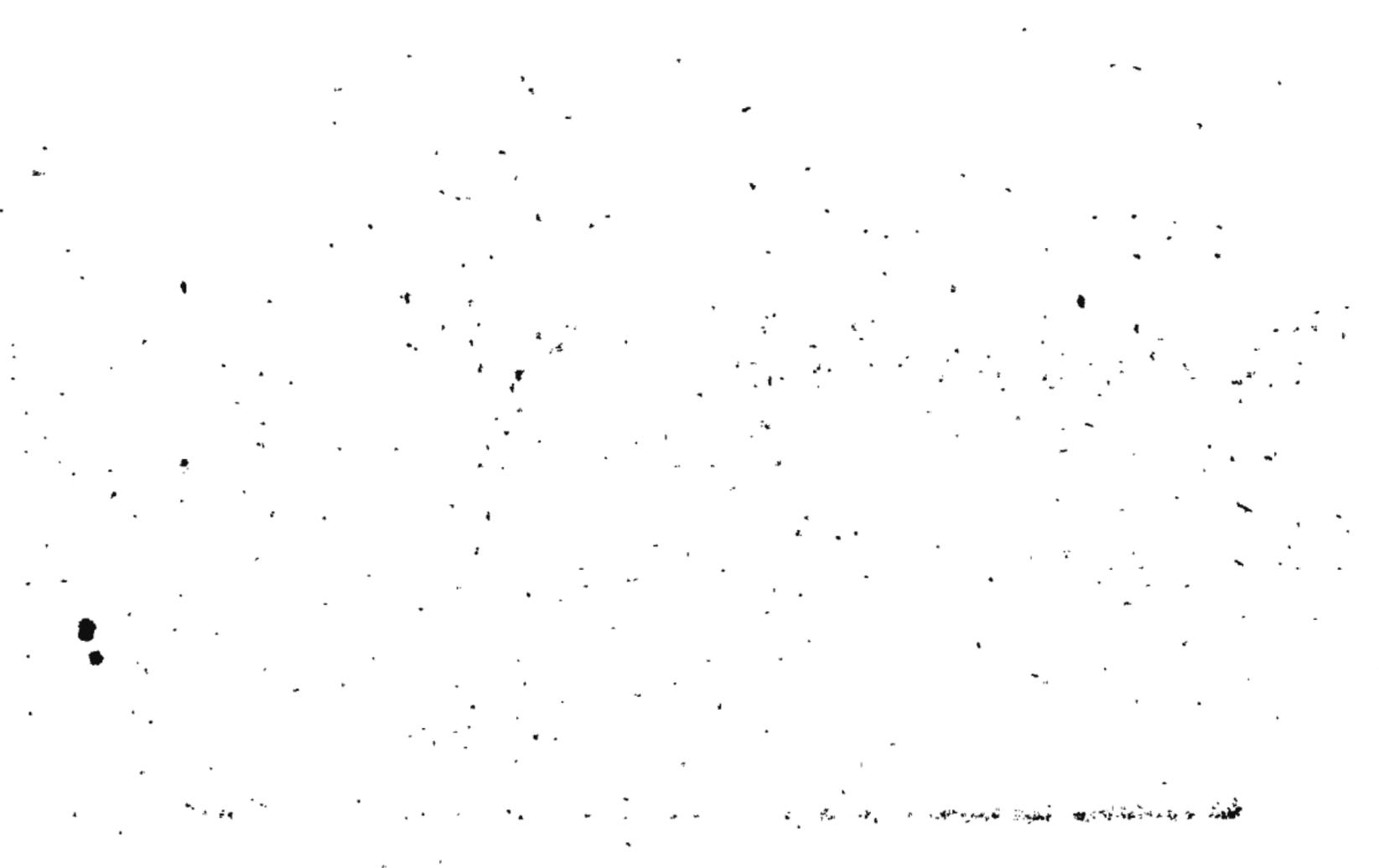
Sou com o mais profundo respeito - De V.M.I. - subdito muito reverente - Barão de Cotegipe - 25 de Agosto de 1885".

Tendo organizado ministerio, Cotegipe se apresentara, na vespera, á camara que, em sua maioria liberal, votou moção de desconfiança ao governo.

A dissolução se impunha. O presidente do conselho pedia audiencia ao Imperador, a quem ia solicitar o decreto de dissolução, que foi em seguida assignado e publicado.



D. Pedro II, em 1855.



Sñr Cotegipe

Requerimentos de audiencia de sabbado.

D. Pedro 2.º

Rio 12 de 8bro de 1885

★ ★

Sñr Cotegipe

Penso que deve telegraphar ao Ministro brasileiro que procure logo o Presidente e em meu nome lhe agradeça seu telegramma communicando-lhe ao mesmo tempo que a Imperatriz vae muito bem.

D. Pedro 2.º

Rio 20 de 8bro de 1885

“Senhor

Expedi ao nosso Ministro em Montevideo de conformidade com as ordens de V.M.I. o telegramma, de que junto copia.

Muito me alegro com a certeza de que S.M. a Imperatriz a quem respeitosamente cumprimento, vae passando bem.

Sou com o mais profundo respeito  
28 de Out.º”

(Minuta do punho de Cotegipe).

★ ★

Sñr Cotegipe

Antes de ler o telegramma publicado na Gazeta da Tarde recebi o que lhe envio.

**Teve algum do Vice-Presidente?****D. Pedro 2.º****Rio 21 de 8bro de 1885**

"Senhor

22 de 8bro

Nenhuma communicacão recebi do Vice-Presidente, naturalmente porque o caso não valia a pena. São cousas de rapazes, facilmente accessiveis a influencias extranhas. Muito concorrerá para a *manifestaco* a circumstancia de ser o *preterido* protegido (?), pelos politicos de sua parcialidade, e até por adversarios, dos quaes o governo recebeu instantes pedidos em seu favor.

Não  a primeira, nem será a ultima vez que os alumnos das Faculdades pretendem influir, approvar e reprovar actos do governo, e dos seus proprios mestres. Ignoro o que seja a corporaco Academica *anonyma*, que toma a liberdade de dirigir telegrammas directos a V.M.

Sou com o mais profundo respeito  
de V.M.I."

(Minuta do punho de Cotegipe).

\* \* \*

**Sr Cotegipe**

Envio-lhe o telegramma incluso recebido neste momento. Cumpre que a policia não exorbite.

**D. Pedro 2.º****Rio 6 de 9bro de 1885**

"Telegramma

6 de Novembro de 1885

Procedente de Cachocira (Bahia)

Delegado de Policia requisição do Senhor, prendeu escravo mantido, depositado pelo Juiz Municipal.

Indignação publica. Justiça Senhor.

Joaquim Alvares dos Santos Souza  
Currealinho"

★ ★

Sñr Cotegipe

A redacção que proponho é a que julgo exprimir claramente nosso pensamento.

Continua-se a annunciar a venda de escravos de 60 e mais annos, e eu não posso deixar de concorrer com o ministerio para que o regulamento seja bem claro neste ponto, de modo a evitar que homens livres sejam tratados como escravos.

Talvez que com mais tempo apresentasse melhor redacção da disposição do regulamento proposto ; mas creio que fica preenchido o fim, e não se demora a expedição de regulamento tão urgente, mesmo para impedir efficazmente o cruel abuso.

D. Pedro 2.º

Rio 11 de 9bro de 1885

Os que pela matricula especial ou pelo tempo decorrido e accrescentado á idade declarada naquella tiverem 60 annos são livres

se não se provar por sentença anterior á dicta matricula que não é verdadeira a idade nella declarada.

A acrescentar ao art.º 10 § 6.º

A certidão da matricula especial dos maiores de 60 annos ou dos que tiverem attingido a idade de 60 annos contado o tempo decorrido da data da matricula, é prova em juizo do estado de liberdade dos actualmente matriculados conforme a disposição anterior.

“Senhor

Tenho a honra de passar ás mãos de V.M.I. o Regulamento, e junto a elle as alterações que fizemos na redacção do § 6.º, art.º 10, e § 5.º, art.º 11 - para tornar mais claro o nosso pensamento.

Envio igualmente os modelos, que tem de acompanhar o dito Regulamento.

\* Si V.M.I. não tiver alguma observação á fazer, rogo que se digne de devolver-me os papeis, porque ha pressa na publicação.

Sou, Senhor, com o mais profundo respeito

De V.M.I.

Subdito muito reverente

Barão de Cotegipe”

11 de Nov.

★

Sñr Cotegipe

Joaquim Delphino fallou-me antes d’hontem. Reflecti depois escrevendo-lhe nesse mesmo dia. Depois apenas soube o que lhe

ouvi hontem á noite. Nada recebi até agora como esperava á vista do final de minha carta ao Joaquim Delphino. Creio que receberei hoje o que desejo ainda ver antes da publicação.

D. Pedro 2.º

Rio 18 de 9bro de 1885

\* \*

Sñr Cotegipe

Faça-me o favor de responder aos dous telegrammas como julgar mais conveniente.

D. Pedro 2.º

Rio 2 de 10bro de 1885

\*

15 de Dezembro de 1885

Presidente Conselho

Rio

Por causa do telegramma recebido de Lisboa não desço hoje.

D. Pedro 2.º

Snr. de Mamoré

Leia e passe aos collegas.

} (Letra de Cotegipe)

Lido — Mamoré

Lido — Ribeiro da Luz

Lido — F. Belisario

Lido — A. Prado

Lido — J. J. O. Junqueira

Lido — Alfredo Chaves

\*

**Sñr Cotegipe**

Desço sabbado para o despacho e a audiencia que se annunciarão. Faça-me o favor de dizer a seu collega de Marinha que desejo se transfira para terça-feira da semana proxima o exame dos Guardas-Marinhas.

**D. Pedro 2.º**

**Rio 16 de 10bro de 1885**

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Mando-lhe as petições recebidas na audiencia de hoje.

**D. Pedro 2.º**

**Rio 19 de 10bro de 1885**



**O Barão de Cotegipe em 1885.**



1886

**Sñr Cotegipe**

Mandei-lhe o telegramma recebido do Recife antes de lel-o no Jornal do dia seguinte.

O que publicam diarios de hoje a respeito da ida do Riachuelo com força de desembarque para o Recife determina-me a desejar informações do que haja.

**D. Pedro 2.º****Rio 5 de Janeiro de 1886**

Vou d'aqui a pouco para os exames dos Cegos e ás 3 ½ parto d'aqui para embarcar-me na praia de S. Christovão para Petropolis.

O telegramma publicado no Jornal de 4 é este: "Recife, 2 de janeiro — Provocadora pressão official na eleição provincial. Ajudante do Arsenal de Marinha Bandeira Gouveia, director do Arsenal de Guerra, Major Villela, empregados da Secretaria da Presidencia, engenheiro do prolongamento, 1.º delegado Ozorio, subdelegados de todas as freguezias acompanhados de força e commandantes de policia urbana capitaneando soldados disfarçados armados de punhacs, todos cabalando e distribuindo pessoalmente nas sessões chapas carimbadas a empregados publicos ainda não demittidos e ameaçando cidadãos com espancamento e prisões, como tem havido sem que as auto-

ridades superiores deem a menor providencia. Presidente dirigindo a cabala autorizando a ameaça de demissões em seu nome, postando com ostentação ameaçadora força nos lugares publicos. Espera-se maiores attentados na eleição geral. Indignação publica cresce. Proposito em que está o governo de conflagrar Pernambuco provocará reacção fatal" — Redacção Provincia, José Marianno, João Teixeira, Barros Rego, Costa Ribeiro, Francisco Faustino de Britto".

★ ★

Sñr Cotegipe

Acabo de receber o incluso telegramma que provavelmente tambem foi mandado ao Ministro da Justiça.

D. Pedro 2.º

Petropolis 8 de Janeiro de 1886

★ ★

Sñr Cotegipe

Mando-lhe um telegramma recebido ha pouco de Campos e os requerimentos de audiencia.

Convidado para assistir as exequias do meu cunhado Fernando na Igreja de S. Francisco de Paula no dia 14 pretendo descer de Petropolis nesse dia subindo á tarde.

D. Pedro 2.º

Rio 9 de Janeiro de 1886

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Mando-lhe requerimento entregue na audiência.

Soube de mais eleições?

D. Pedro 2.º

Rio 16 de Janeiro de 1886

★ ★

**Senhor Cotegipe**

Recebeu telegramma explicando os successos da eleição do 3.º districto da Bahia? Refiro-me ao que li no Paiz de hoje.

Estou certo de que os Presidentes hão de evitar quanto lhes fôr permittido que haja 2ºs escrutínios não exigidos pela lei entendida com toda lealdade. Receio que se o houver na eleição de José Mariano não corra o processo eleitoral com a tranquillidade do 1.º escrutínio.

D. Pedro 2.º

Petropolis 19 de Janeiro de 1886

Vejo nos diarios de hoje mais um telegramma de desordem nas eleições da Bahia.

Procediam-se em todo o Imperio ás eleições geraes. Na Bahia, no decimo districto, onde disputavam Junqueira Ayres (conservador) e Arestides Spinola (liberal) houve desordens na parochia de Lençóes.

Os successos na Bahia a que se refere a carta estão narrados no seguinte telegramma: "Muito urgente — Exmº

Snr Barão de Cotegipe. Presidente Conselho. Côrte. — Agora á noite recebi do Juiz de Direito de Lenções communicacão telegraphica que assim resumo : Cidade invadida a 14 capangas e criminosos. Mesa formada illegalmente, protesto maioria. A 15 capangas armados em hostilidade força publica. Tentativa invasão na Camara prohibida pela força publica. Não houve eleição. Eleitores liberaes cercados massa enorme capangas na residencia chefe liberal. Descargas e tiroteios deste ponto sobre a cidade. Tres homens feridos. A 16 cidade em sitio, dois conservadores-aggreddidos, um morto outro ferido. Respondi incontinenti ás 9 da noite deplorando a falta da eleição, particularmente se houve obstaculo pela força publica, aliás composta somente de dez praças de linha, e ordenando incontinenti a ida amanhã de 30 praças de linha, sob o commando do furiel do 9.º batalhão nomeado delegado para restabelecer ordem e fazer inquerito, confiada a direcção de tudo ao Juiz de Direito, bem reputado por ambos os lados.

Theodoro da Silva - Presidente da Bahia — 19 de Janeiro de 1886''.

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Estimei ler as cartas dos presidentes da Bahia e de Pernambuco. Espero que o primeiro communique brevemente tudo o que succedeu nos dous districtos eleitoraes onde houve desordem.

D. Pedro 2.º

Rio 23 de Janeiro de 1886

**Vão os requerimentos de audiencia**

★ ★





**Sñr Cotegipe**

**Mando-lhe os requerimentos apresentados em audiencia.**

**D. Pedro 2.º**

**Rio 30 de Janeiro de 1886**

★ ★

**Sñr Cotegipe**

**Que sabe do successo de Campos alem dos telegrammas que li hoje? Espero que a policia tenha procedido como deve não fazendo senão manter a ordem na reunião do theatro.**

**D. Pedro 2.º**

**Petropolis 31 de Janeiro de 1886**

“Senhor

Tendo eu dirigido ao Presidente do Rio de Janeiro o Aviso que V. M. I. lerá nos Diarios de hoje, antes de ter conhecimento dos successos da Cidade de Campos, mandei chamar o chefe de Policia, que para alli parte hoje ás 4 horas, e recommendei-lhe, que tomasse conhecimento delles. Não recebi telegramma directo, e mandei que o Presidente me informasse do occorrido e das providencias pedidas. Sou, Senhor, com o mais profundo respeito

De V. M. I.

Subdito muito reverente  
Barão de Cotegipe”.

**1.º de Fevereiro**

★ ★

Sñr Cotegipe

Chegando a Petropolis recebi o incluso telegramma.

Consta-lhe mais alguma cousa da eleição de S. José de Tocantins alem do que publicou o "Paiz"?

D. Pedro 2.º

Petropolis 10 de Fevereiro de 1886

\* \*

Sñr Cotegipe

Mando lhe os requerimentos de audiencia.

D. Pedro 2.º

Rio 13 de Fevereiro de 1886

\* \*

17 de Fevereiro de 1886

Petropolis

Presidente do Conselho

Rio

Que noticias ha da eleição de Recife?

D. Pedro 2.º

Eleição em segundo escrutinio em que eram candidatos o Consº Theodoro Pereira da Silva, presidindo então a Provincia da Bahia, e José Marianno. As noticias que tinha Cotegipe, e certamente transmittiu ao Imperador, eram: "Bahia, 16 de Fevereiro de 1886 - Exmº Presidente do Conselho - Rio - Meu Secretario telegraphou do Recife que o resultado é: Theodoro - 851 e 12 separados; Mariano -

881 e 7 separados. Houve protestos contra validade eleição Monteiro e Poço. Excluidos estes dois ultimos collegios o resultado é: Theodoro - 738, Mariano - 588. Theodoro”.

“Recife, 18 de Fevereiro de 1886 — Ao Exmº Snr Presidente do Conselho - Rio. — A vista dos editaes Theodoro todas as secções menos Monteiro e Poço, 737 e 3 separados, Mariano 600 e 4 separados. No Poço, Theodoro 49, Mariano 178, no Monteiro, Theodoro 64 e 10 separados, Mariano 102 e 4 separados. Na secção do Monteiro que é a segunda da parochia do Poço da Panella, houve protestos por nullidades - Costa Pereira, Presidente da Provincia”.

“Bahia, 18 de Fevereiro de 1886 — Ao Exmº Barão de Cotegipe - Rio — O meu secretario telegraphou-me assim: Eleição 2.º districto Poço: continua exame requerido, são muitas as provas recolhidas de eleitores sem processo de qualificação e de outros eliminados, cujos nomes continuam figurando na lista da chamada. Monteiro: illegitimidade de votantes, votos em separado, por estarem guardados na algibeira do Presidente da mesa, sem declaração de quem os deu. Pessoas analphabetas votando por eleitores qualificados que estavam ausentes. Eleição tumultuaria, terminada quasi ás seis horas, varios protestos por excesso de cédulas e por votarem individuos alistados sem processo de qualificação, havendo disto documentos Certidão de não existencia de registro geral de alistamento. Theodoro da Silva, Presidente da Bahia”.

★ ★

**Sñr Cotegipe**

**Mande as petições de audiencia.**

**Tenho de descer na quarta fr. proxima como o fiz na passada.**

**D. Pedro 2.º**

**Rio 20 de Fevereiro de 1886**

Sñr Cotegipe

Acabo de receber o incluso telegramma. Parece-me assumpto digno de toda attenção.

D. Pedro 2.º

Petropolis 25 de Fevereiro de 1886

★ ★

Snr Cotegipe

Mando-lhe os requerimentos da audiencia de hoje.

D. Pedro 2.º

Rio 27 de Fevereiro de 1886

★ ★

Sñr Cotegipe

Chamo sua attenção para as duas representações de pessoas importantes de S. Jozé de Tocantins.

D. Pedro 2.º

Rio 3 de Março de 1886

★ ★

Sñr Cotegipe

Envio o requerimento de audiencia. Chamo sua attenção para o de Haroldo Abreu que é moço de merito.

D. Pedro 2.º

Rio 20 de Março de 1886

★ ★

Sñr Cotegipe

Por causa da asthma da Imperatriz não vou hoje ao Rio. Peço-lhe que previna o Ministro da Marinha de que não posso assistir á fundição.

Espero descer na manhã de 25 para voltar á tarde.

D. Pedro 2.º

Petropolis 24 de Março de 1886

★ ★

Sñr Cotegipe

Li os telegrammas. Não posso acreditar no que diz o Juiz de Direito do procedimento do Carneiro da Rocha. Escuso recommendar o cumprimento da lei e que se evitem medidas que pareçam violencia, não sendo necessarias.

D. Pedro 2.º

Petropolis 7 de Abril de 1886

★ ★

Sñr Cotegipe

Como tenho de ir sabbado á Escola Polytechnica é pouco provavel que esteja de volta ás 11  $\frac{1}{2}$  e por isso será melhor que o Sñr lá esteja ao meio dia e o despacho comece ao meio dia e meia hora.

D. Pedro 2.º

Petropolis 15 de Abril de 1886

★ ★

Sñr Cotegipe

Vae o decreto assignado.

Noto na exposição as seguintes palavras — e talvez remoções etc — Será regular um credito suplementar de prevenção?

Lembro o projecto de orçamento e as provas dos relatorios.

D. Pedro 2.º

Petropolis 28 de Abril de 1886

★ ★

Petropolis, 29 de Abril de 1886

Presidente do Conselho

Rio

Desejo saber se já ha numero e avise-me quando o houver.

D. Pedro 2.º

★ ★

Sñr Cotegipe

Mando-lhe requerimentos. Desço na 5a. feira para assistir á Missa de anniversario da morte do Sñr Bispo de Chrysopolis e pretendo voltar á tarde. Saio de Petropolis ás 8 ½ e daqui ás 2 h.

D. Pedro 2.º

Rio 3 de Maio de 1886

★ ★

**Petropolis, 27 de Maio 1886**

**Presidente Conselho**

**Rio**

A mim convem me o despacho ás horas do costume por causa das Camaras e ter marcado as duas horas para a Deputação.

D. Pedro Segundo

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Mando-lhe o incluso telegramma. De-sejo saber se recebeu tambem alguma communicação de similhante successo.

D Pedro 2.º

**Rio 23 de Julho de 1886**

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Estimo que esteja quazi que restabelecido. Amanhã não tenho de sahir senão depois da audiencia ás 7 ½ da noite.

D. Pedro 2.º

**Rio 16 de Agosto de 1886**

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Lerá o que escrevi a lapis nos papeis relativos aos dous grupos d'assembléa provin-

cial do Ceará. Julguei pelas informações que tenho e depois de hontem que as recebi.

Creio que li antes da data da nota do Ministro Inglez o folheto publicado pelo Hunt e chamei a attenção do Ministro d'Agricultura sobre esse negocio.

D. Pedro 2.º

Rio 19 de Agosto de 1886

\* \*

Sñr Cotegipe

A resposta á nota de Mac-Donell foi collocada no terreno mais conveniente. Julgo que se deve evitar o confronto entre o procedimento do governo que contractou a recisão e o do actual, tanto mais que sou de opinião que se fez o que foi possivel, a não se lançar suspeita sobre a boa fé do governo. O corpo legislativo pode não votar a quantia ajustada, mas na declaração de que o contracto de recisão ficaria dependente das Camaras não coarctou o uso da attribuição do Corpo Legislativo, conforme a opinião do proprio governo que fez o ajuste.

Supprimiria na resposta as palavras que puz entre parenthesis.

- D. Pedro 2.º

Rio 25 de Agosto de 1886

A resposta a que se refere Pedro II, redigida por Cotegipe, e onde estão entre parenthesis as expressões — “e responsabilidade dos Ministros” —, que o Imperador supprimiria, é esta: “1.ª Secção. N.º — Rio de Janeiro, Ministerio dos Negocios Extranjeiros em de Agosto de 1886.



Quartel General do Marquez de Caxias, em Tuyu-Cuê.



A ausencia do Snr H. G. Mac-Donell obriga-me a dirigir ao Snr Henry Cadogan, Encarregado de Negocios interino da Grã Bretanha, a resposta que devo á nota com que aquelle Snr Ministro me honrou no momento da sua partida com a data de 7 de Abril posta, por engano, em vez de 7 do corrente mez de Agosto.

Nessa nota o Snr Mac Donell apoia a reclamação apresentada pelos Snrs Waring Brothers contra a execução da lei, pela qual foi revogado o decreto do Poder Executivo n.º 9.415 de 18 de Abril do anno proximo findo, que rescindio, mediante a indemnisação de setenta mil libras sterlinas e outras condições, o contracto relativo á construcção da estrada de ferro da Victoria á Natividade.

E' exacto que o Snr Mac Donell fez officiosamente alguma diligencia para que essa reclamação fosse liquidada de conformidade com o referido decreto. Tivemos sobre isso uma conferencia que o mesmo Snr não julgou conveniente mencionar, e nella declarci que a questão seria levada ás Camaras. Isto era o mais que eu podia dizer em nome do Governo desde que existia um decreto legislativo que elle devia respeitar, e que respeitará se fôr mantido, sejam quaes forem as consequencias, e ainda que o Snr Mac Donell não acceite considerações de conveniencia parlamentar, financeira ou de outra natureza, de que um Governo Constitucional não póde prescindir e das quaes não prescindiria o proprio Governo Britannico.

Quando declarei que a questão seria levada ás Camaras prometti implicitamente que se promoveria uma decisão favoravel, e já foi apresentada na Camara dos Deputados uma proposta para se augmentar a verba dos creditos especiaes do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, com a quantia correspondente a setenta mil libras para pagamento dos reclamantes.

Responderei agora as perguntas com que o Snr Mac Donell encerrou a sua nota.

A primeira é, si o Governo Imperial reconhece a validade do contracto que fez com os Snrs Waring & Brothers em 23 de Abril de 1885.

Antes de eu receber a nota e em cumprimento do que declarei na mencionada conferencia particular resolveu o Governo solicitar credito para pagamento da reclamação, confiando que esta seria favoravelmente decidida pelo Poder Legislativo, sinão por justiça, por equidade em consequencia da bóa fé do contractante e da convicção, em que estava o Ministro que assignou o contracto de rescisão, de não haver excedido as faculdades concedidas ao Governo pelo artigo 18 da lei de 3 de Setembro de 1884, que autorizou a mesma rescisão. Isto é o que interessa ao caso e não o juizo do actual Gabinete sobre o acto anterior.

A segunda pergunta é esta : si o Governo reconhece o contracto, porque adia a sua execução, e se não reconhece, que valor póde o Governo Britannico, ou qualquer outra pessoa que contracte com o Governo Brasileiro, dar á assignatura posta em acto publico por um Ministro do Imperio em virtude da sua capacidade official.

O Governo adia porque uma resolução legislativa annullou o ajuste, e, seja ella bóa ou má, não lhe é licito contrariar ou illudir a sua execução. Ao representante de um Governo absoluto esta razão poderia parecer extranha ; não assim ao do Governo de um paiz livre, onde ha separação de Poderes, (e responsabilidade de Ministros) que procedem contra leis claras.

O valor da assignatura de um Ministro de Estado é o que lhe deve dar o homem avisado e prudente, a quem, antes de assignar qualquer contracto, cumpre examinar se a outra parte tem faculdade para obrigar-se ao que promette. E por meu turno pergunto : haveria um Inglez que sub-

screvesse para um empréstimo Brasileiro na praça de Londres sem examinar primeiro si o Governo Imperial estava autorisado a contrahil-o? E ainda: que Ministro no Brasil contractará com subditos Inglezes, se a execução dos contractos deve ser interpretada a seu sabor e apoiada pelos Agentes Diplomaticos do modo porque o fez o Snr Mac Donell?

Em conclusão, a questão está sujeita ao Poder Legislativo, e aguardo o que elle deliberar.

Tenho a honra de offerecer ao Snr Cadogan as seguranças de minha distincta consideração. — Barão de Cotegipe — Ao Snr Henry Cadogan”.

★ ★

### Sñr Cotegipe

Espero-o hoje sobretudo por causa do que se deu hontem no Senado.

Parece-me conveniente que passe a emenda de Corrêa e Saraiva.

Mando os papeis que tinha.

O regulamento consular mandado executar pelo decreto de 1872 não foi autorisado por lei?

Desejo saber quanto se pediu alem do parecer só permittir a lei.

Vou examinar os papeis recebidos.

D. Pedro 2.º

Rio 18 de 7bro de 1886

A emenda Corrêa-Saraiva por cuja approvação se interessava o Imperador era a seguinte: “Se forem approvadas as emendas do Snr José Bonifacio, formem projecto separado. M. F. Corrêa, J. A. Saraiva”.

As emendas José Bonifacio aqui referidas, eram : “Aditivos : 1.º - a deducção annual do valor primitivo do escravo nos termos do § 1.º art.º 3.º da lei 3.270 de 28 de Setembro de 1885 contar-se-á da data da mesma lei. — 2.º - na prohibição do § 19 do art.º 3.º da lei 3.270 de 28 de Setembro de 1885, comprehende-se o Municipio neutro, como divisão administrativa separada. — 3.º - o valor do escravo declarado pelo Senhor conforme o § 2.º do art.º 1.º da lei de 28 de Setembro de 1885, antes de encerrada a matricula, pode ser impugnado pelo collecter, e, se não houver accordo, proceder-se-á nos termos do § 7.º do art.º 3.º — José Bonifacio”.

Mediante taes emendas pretendia José Bonifacio “a interpretação da lei votada em 1885, em tres pontos essenciaes, para que seja uma realidade esse fundo de emancipação no orçamento da agricultura e aos olhos do paiz” (Ver *Jornal do Commercio*, 18 de Setembro de 1886).

Sobre o assumpto ler : Evaristo de Moraes - “*A campanha abolicionista*” - 1924, Rio, pags. 146, 147, 154.

Os additivos de José Bonifacio, tendo sido approvados pelo senado, foram rejeitados pela camara, e, convocadas ambas as camaras em reunião conjuncta, foram ainda rejeitados. Taes additivos constituiam uma arma de duplo alvo — abolicionista e partidario. Pretendiam apressar a extincção da escravidão e enfraquecer o governo, desmoralizando-o com a pecha de burlar, em seus regulamentos, a execução da lei Saraiva-Cotegipe. A emenda Corrêa-Saraiva tirava a taes additivos este ultimo character. Constituidos em projecto á parte viriam a ser legislação nova e não interpretação da existente. Assim parece que o Imperador isentava a seu ministerio da accusação de contrariar a lei, entendendo não haver no regulamento nenhuma burla, ainda que fosse sympathico e desejasse a approvação de uma nova lei como propunha José Bonifacio.

Sñr Cotegipe

Pensei que viesse hoje visto a sua carta de hontem, e, como tenho de sahir amanhã ás 11  $\frac{1}{2}$ , só voltando cerca das 4 h., previno-o d'isto.

D. Pedro 2.º

Rio 4 de 8bro de 1886

★ ★

Sñr Cotegipe

Faça-me o favor de distribuir os papeis juntos por seus collegas.

D. Pedro 2.º

Rio 17 de 8bro de 1886

★ ★

Snr Cotegipe

Recebi em Petropolis o incluso telegramma de accordo com que ja havia lido nos diarios de hoje.

O que observei em São Paulo dar-me-ia razão para receiar o que succedeu e talvez se repita.

D. Pedro 2.º

Rio 21 de 9bro de 1886

“Senhor

Com o telegramma do Directorio da denominada Sociedade emancipadora da Cidade de Santos tive a honra de receber a carta de V. M. I. com data de hontem.

Temos uma lei, que é dever do governo executar : ella reconhece a propriedade sobre escravos, e emquanto vigorar tem essa propriedade de ser garantida, como a de qualquer outra especie.

A intervenção de individuos — sem competencia para julgar e oppor-se com força aos actos das autoridades — constitue um crime e provoca a anarchia. Não vejo qual a vantagem (se vantagem ha na desobediencia ás leis) de consentir-se, que as localidades onde já não ha escravos se transformem em asylos inviolaveis de escravos fugidos, mais perigoso do que o acoutamento previsto pela lei de 28 de Setembro de 1885.

Si as autoridades não prestarem auxilio aos senhores, não só faltam ao seu dever, como tornam-se cúmplices das desordens que serão consequencia infallivel da intervenção directa dos senhores para reaver aquillo que de direito lhes pertence.

Ainda que consigam com emprego de força propria prender os fugitivos, como evitar conflictos, e onde conserval-os a não ser nas prisões publicas durante o tempo indispensavel para removel-os ?

O peor systema de emancipação (si pode-se chamar systema) é esse empregado por particulares sem missão e as mais das vezes perturbadores da ordem publica fundado na violencia. Eu preferiria acabar desde logo — por acto dictatorial — a escravidão a consentir na transgressão proposital da lei, deixando que ella se desmoralise.

Entendo, pois, que convem reprimir taes desmandos com prudencia, mas com energia.

Peço licença a V. M. I. para consêrvar o telegramma para apresenta-lo a meus collegas, a quem tenho de consultar.

Sou, Senhor, com o mais profundo respeito

De V. M. I.

Subdito muito reverente  
Barão de Cotegipe".

22 de 9bro de 1886

O telegramma publicado no Paiz desse dia é o seguinte :  
"Santos, 20 de Novembro — Veio a esta cidade o chefe de policia da provincia com uma escolta de quarenta praças no intuito de conduzir para fazendas do interior quatro escravos que estavam recolhidos á cadeia. O povo oppoz a que se fizesse o trafico, por estar redimida a cidade, e seguir o chefe de policia com a escolta que rodeava os escravos. Na estação da estrada de ferro as assuadas que acompanhavam a "ponta" levada pelo chefe de policia, augmentaram havendo grande tumulto e desordem. O povo armado de paos e de pedras procurou tirar os escravos do poder da policia, travando-se lucta, de que resultaram pequenas contusões. O chefe de policia fugio para um wagon, logo no começo da lucta. Apenas poude ser tomado um escravo".

★ ★

**Sñr Cotegipe**

Concordo inteiramente com o que me diz em sua carta. Fallaremos amanhã sobre a repetição de factos semelhantes.

**D. Pedro 2.º**

**Rio 17 de Dezembro de 1886**



## Indice alphabetico

- Abilio (Cesar Borges), 221.  
Abolição (emendas abolicionistas de José Bonifacio), 283, 284.  
Abolicionismo em S. Paulo, 286, 287.  
Absorção do Paraguay pela Argentina, 73, 75, 76.  
Adolpho Lisboa, 133, 137, 149, 152.  
Adolpho Rodrigues, 179.  
Aguapehy, 78.  
Alfaias tomadas aos Paraguayos, 233.  
Almeida (Dr. João Ribeiro de), 31, 32, 213.  
Alimentação na Marinha, 161.  
Amazonas (Barão de), 164.  
Amnistia aos Bispos, 214.  
André, 14.  
Andrés Lamas, 88.  
Andrew (Diogo), 244.  
Angustura, 23, 28.  
Antonelli (Cardeal), 241, 242.  
Antunes, 221.  
Aquila (Conde de), 55, 56.  
Arêas (Visconde de Ourem), 58.  
Arouca, 19, 20.  
Arsenal de Marinha, 96, 141, 142.  
Assembléa Provincial do Ceará, 277.  
Assis (Major), 119.  
Assumpção (Bombardeio da Alfandega de), 26.  
Assumpção (Saque de), 74.  
Azambuja, 15.  
Bandeira Gouvêa, 265.  
Barbedo, 164.  
Barros Rego, 266.  
Battle (General), 85, 86, 88, 102.  
Behade, 14.  
Belisario (Francisco Soares de Souza), 261.  
Benitez, 20.  
Bens dos Conventos, 222, 223.  
Berges, 20, 21.  
Berro, 85.  
Bispo de Chrisopolis, 276.  
Bispos (os) praticaram um crime, 240.

- Bliss, 106, 107.
- Bocayuva (Quintino), 139, 181, 183, 189.
- Bogado, 182.
- Bolivia, 117, 193, 222, 236.
- Bolivia deve ser ribeirinha do rio Paraguay, 117.
- Bonifacio de Abreu (Barão de Villa da Barra), 42, 43, 66.
- Braconot, 123.
- Bueno, 99.
- Burton, 115, 116.
- Caballero, 132.
- Cadena (Bateria), 37.
- Camara (General), 173, 175, 177, 182, 210.
- Candido Ferreira, 139.
- Canhoneiras, 21, 23.
- Canhoneira (Americana), 21
- Canhoneira Ardita (incidente), 24, 178, 182.
- Canhoneira Decidée, 24.
- Canhoneira Veloce, 24.
- Carrera, 20, 21.
- Carvalho Borges, 133, 136, 137, 160, 172, 181, 188, 225, 229.
- Carneiro da Rocha, 275.
- Casa da Moeda, 13.
- Casamento Civil, 223.
- Catão Vicente Coelho, 206.
- Cavallarias do Rio Grande, 47.
- Caxias, 18, 21, 23, 26, 34, 35, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 52, 62, 91, 104, 245, 249, 253.
- Caxias e a terminação da Guerra, 34, 94.
- Caxias (sua saúde), 37, 38, 39, 48, 51, 93.
- Cerveja (para os doentes da Marinha), 31, 32.
- Chaco, 23, 79.
- Chaves (Alfredo), 261.
- Clark, 79.
- Coelho (João de Almeida), 19, 20.
- Coimbra, 78.
- Collegios dirigidos por congregações religiosas, 223.
- Conceição, 78.
- Conde d'Eu (partida para a guerra), 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 77, 94, 105, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178.
- Conde d'Eu (seu regresso á frente dos Voluntarios da Patria, licença para seu regresso, opposição do Imperador e de Paranhos), 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195.
- Conde d'Eu, 75, 133, 135, 139, 143, 154, 156, 158, 159, 193, 194, 195, 208, 209, 210, 213, 217, 218, 219, 220.
- Conde d'Eu no Prata, 102, 103.

- Conde d'Eu (seu liberalismo), 154, 156, 158, 159.  
 Conde d'Eu (opinião de Cote-gipe sobre o), 195.  
 Congruas dos Bispos processa-dos, seu pagamento, oppo-sição do Imperador, 239, 240, 244.  
 Consules no Paraguay, 24, 73.  
 Contingente Uruguayo, 51.  
 Conventos (sua conservação), 246.  
 Coraguatahy, 118, 119.  
 Corrêa (Senador), 283, 284.  
 Corumbá, 78.  
 Costa Azevedo (José), 142.  
 Costa Ribeiro, 266.  
 Creditos Supplementares, 276.  
 Cumberity, 54.  
 Cunha (Francisco), 52, 139, 181, 183, 189.  
 Cunha Mattos, 100, 106.  
 Cutrim, 146.  
 Curupaity, 164.  
 Cuyabá (excursão fluvial a), 90.  
 Deschamps, 130, 195, 213, 219, 220, 249, 250.  
 Deserções de Paraguayos 191.  
 Descontentamentos e asperes-zas de Osorio, 156, 157.  
 Diplomacia na guerra do Para-guay, 33, 34, 35, 46, 157.  
 Dissolução da Camara em 1885, 254.  
 Distribuição dos despojos de guerra, 130.  
 Divergencias entre Coxias e Inhaúma, 26, 27.  
 Divergencias entre o Conde d'Eu e Muritiba, 217, 218, 219, 220.  
 Divergencias entre Inhaúma e Gonçalves, 29, 30, 31.  
 Eleições na Bahia, 267, 268.  
 Eleições em Pernambuco, 265, 266, 268, 272, 273.  
 Eleição em S. José de Tocan-tins, 272.  
 Eliziario, 81, 90, 100, 105, 109, 111, 118, 122, 128, 143, 144, 145, 147, 151, 154, 163, 164, 165, 166, 171, 179, 190.  
 Elizalde, 93, 115, 120, 188.  
 Encouraçados, 23.  
 Energia para com os aliados, 51.  
 Ensino Naval, 238.  
 Escravo preso, 258, 259.  
 Escravos na Armada, 206, 207, 208.  
 Esquadra (seus serviços no Paraguay), 27, 28.  
 Estrada de Ferro do Paraguay, 48, 82, 90, 138, 139, 140, 141, 233, 234.  
 Estudantes, 257, 258.  
 Exames de Guarda-Marinhas, 262.

- Exercito de voluntarios é sempre *frondeur* e difficil de manejar, 101.
- Faria, 26.
- Febre Amarella, 14.
- Fernando de Portugal, 266.
- Fidelis, 175, 177.
- Fim da Guerra do Paraguay, 22, 26, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 46, 48, 105, 138, 150, 155, 172, 179, 180, 191, 210, 221.
- Fiuza, 29.
- Fornecimento ao Exercito, 93, 94, 114, 163, 169, 170, 176.
- Franciscanos (usofructo de seus bens), 223, 246.
- Francisco Faustino de Britto, 266.
- Francisco José Teixeira Guimarães, 206.
- Freitas (M. A. de), 47.
- Fundição no Arsenal de Marinha, 275.
- Fuzileiros Navaes, 32, 33.
- Galvão (Rufino), 35, 195.
- Galvão (Coronel), 174.
- Gely y Obes, 73.
- Gelot, 58.
- Gobinau (Conde de), 59, 60, 89.
- Goiburú, 54.
- Gomes (José Candido), 51, 52, 140.
- Gomes (Juan Carlos), 52, 180, 181, 182.
- Gonçalves, 29, 30, 31, 118.
- Gondim, 98, 114, 226.
- Gould, 21.
- Governo Provisorio no Paraguay, 68, 73, 74, 79, 155, 193, 201, 202, 203, 204, 205.
- Guarda Nacional, 161, 162, 178.
- Guerra da paz, 29.
- Guilherme Xavier de Souza (General), 34, 35, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 52, 62, 90, 91, 98, 140.
- Guilherme Xavier de Sousa (resentimento por não ter sido nomeado commandante em chefe), 78, 92, 93, 94.
- Haroldo Abreu, 274.
- Henry Cadogan, 281.
- Herval (Visconde do), 101, 104, 139, 154, 155, 156, 157, 158, 171.
- Hervaes (questão dos), 119, 121.
- Hirk, 137.
- Humaytá, 37, 39.
- Hunt, 278.
- Ilha das Enxadas (compra da), 145.
- Iluminação do Asylo dos Invalidos, 196.

- Iluminação da Ilha das Co-  
bras, 196.
- Imperatriz (Theresa Christi-  
na), 257, 175.
- Incidente Webb, 105, 110, 111,  
112, 116, 117, 123, 124, 220.
- Inhaúma, 22, 24, 26, 27, 29,  
30, 31, 39, 42, 44, 45, 47,  
51, 53, 105, 171.
- Interdictos (levantamento dos),  
239.
- Itaborahy (Visconde de), 60,  
68, 214, 230.
- Itaparica (Visconde de), 39,  
42, 51.
- Itororó, 29.
- João Teixeira, 226.
- Joaquim Delphino, 260, 261.
- Jejuy, 100, 118, 163.
- José Bento (Visconde do Bom  
Conselho), 243.
- José Bonifacio (Senador), 283,  
284.
- José Marianno, 266, 267, 272,  
273.
- Junqueira Ayres, 267.
- Junqueira (João José de Oli-  
veira), 261.
- Lamego, 229.
- Lanchas para os rios do Pa-  
raguay, 100, 109, 123, 125,  
128, 142, 143, 145.
- Lanus. 149.
- Lasserre (Madame), 54.
- Legações da America do Sul,  
161.
- Legião Paraguaya, 73.
- Liberdade de Ensino, 223.
- Lidgerwood, 116.
- Lima e Silva, 35.
- Lomas Valentinas, 29, 54, 175.
- Londres (bateria), 37.
- Lopes, 20, 24, 26, 33, 34, 35,  
36, 37, 43, 44, 47, 48, 51,  
52, 57, 58, 62, 64, 74, 75,  
76, 81, 91, 98, 118, 126,  
128, 129, 133, 134, 136, 143,  
150, 151, 155, 170, 174, 181,  
182, 185, 201, 203, 209, 217.
- Lopes (sua fuga), 24, 193, 222.
- Lopes (suas atrocidades), 54, 56
- Lopes Jordan, 85.
- Loterias, 249.
- Ludolf, 214, 215, 216.
- Luque, 35, 75, 92, 108.
- Lynch (Madame), 24, 58, 231,  
232, 233.
- Macedo Costa (D. Antonio),  
225, 239, 240, 242, 244.
- Mac Donell, 278, 281, 282, 283.
- Mac Mahon, 24, 57, 105, 128,  
131, 132, 133, 134, 135, 136,  
137, 138.
- Machado Bittencourt (Gene-  
ral Jacinto), 92.
- Magalhães (Visconde de Ara-  
guaya), 105, 112, 123, 124,  
131, 139, 240, 243.

- Mamoré (Barão de), 261.  
 Manduca Cypriano, 170.  
 Manduvirá, 34, 64, 100, 147.  
 Manduvirá (expedição de —  
   papel de Gonçalves), 31,  
   118.  
 Marmol (D. José), 183.  
 Marquez de Olinda (vapor), 19.  
 Mathew, 57, 67, 124, 152.  
 Matto Grosso, 28, 39.  
 Mauá (Barão de), 42, 47, 48,  
   83, 84, 85, 86, 87, 88.  
 Melgaço (Barão de), 129, 214.  
 Mendes (Nicoláo), 33.  
 Mena Barretto (João Manoel),  
   92, 101.  
 Mesquita, 95.  
 Militares do Rio Grande pen-  
   sam demais em politica), 101.  
 Miranda (Cesar de), 165.  
 Missões Pinto de Campos a  
   Roma, 223.  
 Mitre (Bartolomeu), 36, 65,  
   109, 149, 180, 181, 182.  
 Mitre (Emilio), 52, 77, 78,  
   147, 193.  
 Mitre (suas manhas), 149.  
 Molina, 149.  
 Montevidéo, 39, 52.  
 Montiel (major), 182.  
 Moura (Urbano José de), 100.  
 Muritiba (Barão de), 24, 25,  
   29, 34, 53, 54, 68, 90, 94,  
   98, 109, 127, 150, 157, 160,  
   161, 169, 172, 174, 190, 197,  
   206, 108, 213, 217, 218, 222,  
   230.  
 Mulhal, 136.  
 Netto, 164.  
 Netto de Mendonça, 27.  
 Nicoláo Tolentino, 153.  
 Noviciado (sua supressão),  
   246.  
 Noviços, 222, 223.  
 Octaviano, 36, 120, 121, 122,  
   178.  
 Opinião de Paranhos sobre  
   Osorio, 154, 157, 158.  
 Osorio (vide Herval).  
 Osorio (1.º delegado em Re-  
   cife), 265.  
 Paiva (Augusto Manoel e Joa-  
   quim Manoel), 159.  
 Papel da esquadra na guerra,  
   27, 28.  
 Paraguay, 92.  
 Paraguay (sua absorção pela  
   Argentina), 73.  
 Paraguay (sua independencia),  
   73, 76. -  
 Paraguay (guerra de tempos  
   barbaros), 28.  
 Paraguayos se batem por obe-  
   diencia supersticiosa, 68.  
 Paraná, 17.  
 Paranaguá, 36, 60.

- Paranhos, 21, 25, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 47, 48, 52, 53, 58, 61, 65, 68, 72, 77, 78, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 94, 96, 98, 101, 106, 111, 113, 116, 117, 122, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 138, 140, 141, 143, 147, 149, 150, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 160, 166, 169, 170, 171, 179, 181, 188, 193, 195, 196, 198, 201, 208, 209, 213, 217, 219, 221, 222, 226, 229, 230, 231, 232, 236, 237.
- Partido de Osorio, 101.
- Parsons (Commandante), 83.
- Passagem (Barão de), 34, 164.
- Patacôro (José Benjamin — da Silva), 33.
- Patrimonio dos seminarios, 222.
- Patrimonio dos estabelecimentos de caridade, 222.
- Paula e Souza, 159.
- Paulino, 161.
- Paunero, 65, 74, 75, 76, 102, 119, 120, 121, 159.
- Payne (Capitão), 246.
- Paz com o Paraguay, 201, 232, 235.
- Peixoto, 149.
- Pelotas, 158.
- Penedo, 159.
- Pereira Pinto, 20, 21, 109.
- Peribebuy, 100, 136, 155, 156.
- Perigo em conservar no Paraguay um grande exercito, 192, 193.
- Pico (Dr.), 148.
- Pinheiro Guimarães (Dr.), 170, 174, 191, 195, 209, 213, 220.
- Pinto de Campos (Monsenhor), 222, 223, 224, 225, 246.
- Pirayú, 155.
- Polemica entre Mitre e Juan Carlos Gomes, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189.
- Policia de portos e rios do Paraguay, 73.
- Politica do Brasil no Prata, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80.
- Polydoro (General), 66, 104, 135, 139, 155, 176.
- Portinho (General), 132, 169, 173.
- Prado (Antonio), 261.
- Promoções na Marinha, 164, 165, 166.
- Questão religiosa, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245.
- Quintana (Dr. Manoel), 148.
- Ramsay (Almirante), 57.
- Rancho no quartel dos fuzileiros navaes, 33.
- Rebouças (André), 195.
- Reclamações de Mauá ao Governo Oriental, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89.

- Recrutamento de Paraguayos, 77.
- Regulamento da lei de 1885 sobre escravidão, 260.
- Relatorios de Ministros (revisão do Imperador), 112, 113, 231, 234, 235.
- Relações entre o Conde d'Eu e Paranhos, 169, 170, 190, 191, 192, 193, 194.
- Retirada das forças brasileiras do Paraguay, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 208, 209, 210, 213, 214.
- Republicanismo de Osorio, 156.
- Resin, 173.
- Resquin, 54.
- Revolução no Uruguay, 230, 231.
- Riegel (Conrado), 231.
- Riestra, 79.
- Rocha Faria, 40.
- Romero, 182.
- Roque Peres, 131, 132, 147, 148, 149.
- Sá e Albuquerque, 120.
- Salgado, 146, 194, 213.
- Salgado (Barão de Corumbá), 59.
- Salles Torres Homem (sua demissão de director do thesouro), 17.
- Salustiano (Brigadeiro), 131, 134.
- Sangue-sugas, 14.
- Santos Souza (Joaquim Alves dos), 259.
- Santa Catharina, 52.
- São Gabriel (Barão de), 93.
- São Salvador, 78.
- São Vicente (Visconde de), 83, 84, 178.
- Saraiva, 36, 283, 284.
- Sarmiento, 188.
- Saxe (Duque de), 195.
- Secularisação de religiosos, 223.
- Seward, 110, 116.
- Silveira da Motta, 42, 216.
- Silvero (protecção ao argentino), 233.
- Simplicio Gonçalves de Oliveira, 164.
- Simões, 52.
- Sobreira de Mello (Emilio Xavier), 111, 161.
- Sosa (Jaime), 249.
- Spinola (Aristides), 267.
- Stewart, 56, 57, 58, 83.
- Steward (D. Duncan), 88.
- Strauss (Eduardo), 246.
- Tavares, 164.
- Tavares Bastos, 113, 143, 195.
- Tebiquary, 37, 39, 142, 143.
- Tejedor, 249.
- Teixeira (José Luiz), 165.

- Teixeira (João), 266.  
Theodoro Pereira da Silva,  
269, 272, 273.  
Thornton, 237.  
Tompson, 56, 57, 103.  
Tratado da triplice alliança,  
235.  
Tratado Sosa-Tejedor, 249.  
Twite, 152, 153.  
Tipographia Nacional, 13.  
Urquiza, 187.  
Valle (Major), 157.  
Vapor francez persegue pata-  
cho allemão, 238.  
Varginha, 17.  
Varella, 77, 136, 164.  
Varella (Hector), 172, 183, 197.  
Versero, 114.  
Victorino (General), 176.  
Vice-reinado do Prata, 79, 183,  
184, 185, 186, 187, 188.  
Vidal (vice-presidente do Uru-  
guay), 89.  
Villafranca, 21.  
Vileta, 21, 23, 38.  
Vilhena de Moraes, 245.  
Villega (Major), 265.  
Visita "ad limina Apostolo-  
rum", 239.  
Vital (Bispo D.), 239, 240, 242,  
243.  
Volta do Conde d'Eu á frente  
dos voluntarios, 189, 190,  
191, 192, 193, 195.  
Volta do exercito (seus peri-  
gos), 101.  
Wandencolk, 164.  
Waring Brothers, 281, 282.  
Wartington, 136, 137.  
Washburn, 20, 21, 105, 134.  
Washburn (Senhora), 21.  
Webb, 105, 110, 111, 112, 116,  
117, 123, 124, 220.  
Ybicuy, 100, 127.  
Yuquery, 98.  
Zacarias, 60, 159.

